

**UFRRJ**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS  
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES (PPGEDUC)**

**DISSERTAÇÃO**

**NARRANDO UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA: UMA VIAGEM PELA  
AMÉRICA LATINA**

**MARINA FERREIRA PRAÇA**

**2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS  
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES (PPGEDUC)**

**NARRANDO UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA: UMA VIAGEM PELA  
AMÉRICA LATINA**

**MARINA FERREIRA PRAÇA**

Sob a orientação do professor

**José Valter Pereira**

Dissertação submetida como requisito parcial  
para a obtenção do grau de **Mestre em  
Educação**, no Programa de Pós- Graduação em  
Educação, Contextos Contemporâneos e  
Demandas Populares (PPGEduc)

**SEROPÉDICA/NOVA IGUAÇU, RJ**

**Abril de 2015**

918

P895n

T

Praça, Marina Ferreira, 1988-

Narrando uma experiência formativa:  
uma viagem pela América Latina / **Marina  
Ferreira Praça. - 2015.**

190 f.: il.

Orientador: Valter Filé (José Valter  
Pereira).

Dissertação (mestrado) -  
Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro, Curso de Pós-Graduação em  
Educação, Contextos Contemporâneos e  
Demandas Populares, 2015.

Bibliografia: f. 188-190.

1. América Latina - Descrições e  
viagens - Teses. 2. Educação - Teses.  
3. Aprendizagem - Teses. I. Filé,  
Valter, 1955- II. Universidade Federal  
Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-  
Graduação em Educação, Contextos  
Contemporâneos e Demandas Populares.  
III. Título.



**UFRRJ** UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e  
Demandas Populares (PPGEduc)

**MARINA FERREIRA PRAÇA**

**NARRANDO UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA: UMA  
VIAGEM PELA AMÉRICA LATINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas  
Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em  
Educação.

Linha de Pesquisa: Educação e Diversidades Étnico-Raciais

Dissertação aprovada em 10/04/2015.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. José Valter Pereira (Orientador)  
UFRRJ

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Frazão Linhares  
UFRRJ

Prof. Dr. Celso Sánchez Pereira  
UNIRIO

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anelize Astrid Ribetto  
UERJ

Seropédica (RJ)  
Abril/2015



### *Viagem*

*Oriol Vall, que cuida dos recém-nascidos em um hospital de Barcelona, diz que o primeiro gesto humano é o abraço. Depois de sair ao mundo, no principio de seus dias, os bebês gesticulam, como que buscando alguém. Outros médicos, que se ocupam dos já vividos, dizem que os velhos, ao fim de seus dias, morrem querendo alçar os braços. E assim é a coisa, por mais voltas que se queira dar à questão, e por mais palavras que se digam. A isso, simples assim, se reduz tudo: entre dois bateres de asas, sem maiores explicações, transcorre a viagem.*

*Eduardo Galeano*

## AGRADECIMENTOS

Se fosse agradecer a cada um que fez parte dessa viagem em todas suas partes, o antes, a estrada, as casas, o retorno, o trabalho poderia ser só agradecimentos. Um parágrafo para cada pessoa, falando um pouco de cada um, poderia se tornar algo lindo. Mas, bom, vou tentar o mais simples.

Essa dissertação tornou-se um trabalho-vida e gostaria muito de agradecer os amigos que me ajudaram a encarar essa vida de frente. Me deram força, foram colo e apoio braçal. Vamos lá! A Bebel, Titi, Jô, Rodrigo, Julita, Luiza, Laurinha, Julia T, Julia B, Gê e Larissa. Obrigado por serem tão parte de mim. Aos que não tiveram tão presentes na escrita, mas são parte: Edu (com a Dódó e a nova Maricota), o Renova...

À minha mãe Denise, meu pai Marcelo, meus tios Jayme e Gilda e meus avós Noemia, Nilo, Gueldhy que me apoiam em tudo e olham com brilho nos olhos e sorriso no rosto para o passos que dou.

Ao meu irmão Heitor pelo apoio técnico, teórico, emocional nessa vida-trabalho. Saber que o tenho por perto torna as coisas sempre melhores. Um amor sem fim. A irmã por escolha, Raquelita, por todas as empreitadas juntas, as viagens e a vida compartilhada.

Ao meu orientador Valter Filé que me instigou a ir, me fez caminhar e enfrentar de frente essa pesquisa, me fez ver além do que eu podia. A orientadora de vida, Lana Fonseca, por continuar me acompanhando carinhosamente.

Ao grupo de pesquisa que me acolheu e tornou o processo mais confortável– o Rede de conexões culturais e aprontos multimídia – e que me deu de presente amigos e companheiros. À Maria e Elô por me fazerem não me sentir sozinha em momentos difíceis. À Tais e Adilson por fazerem desse grupo uma família, em sua diversidade.

Ao Cerro Corá Moradores em Movimento por garantir que a energia da luta siga circulando pelo meu corpo e que eu não pare de existir.

À Comunidade Familiar do Pé do Serra por ter sido tão acolhedora como sempre foi. Sem os lanches, as sessões de cinema, os mergulhos no Rio, as conversas, o carinho, esse trabalho não saía. Um agradecimento especial a Liloça, a Lana e o Gustavo por nunca me deixarem esquecer que eu era bem vinda ali.

Aos mil e um amigos latino-americanos que são personagens dessa história e parte fundamental do que segue. Puro amor. À Lylian e família, Ceci, Mati, Eduardo, Gradyelis, Maria, Javier, Leti, Kim, Jessy e Fitus, Octávio y Ynesca, Pati, Natália, Max, Carlos, Elias, Gonzalo, Pilar e tantos outros.

Por fim, agradeço a minha amiga e companheira viajante Luna Arouca por ter liberado nossa história e quase escrito comigo as páginas que seguem. Esse texto em muitos momentos é nosso. Vem de reflexões, histórias, imagens e até escritos conjuntos. Foi difícil torná-lo meu, mas era um movimento necessário. Uma pena uma dissertação não poder ser feita por quatro mãos.

Afinal, acho que esse trabalho é um presente para nós. Para mim, para Luna, para todos que nos acompanharem pelo caminho e para os novos acompanhantes.

Espero que gostem!

Enfim...vamos começar a viagem. Preparem as mochilas, deixem espaços vazios porque há muita bagagem pela frente. Se preparem para ir longe!

## RESUMO

PRAÇA, Marina Ferreira. **Narrando uma experiência formativa: uma viagem pela América Latina**. 2015. 190p. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Educação/ Instituto Multidisciplinar/ PPGEduc/ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2015.

A narrativa de uma viagem tornou-se possibilidade de reflexão sobre educação e formação humana. O percurso, durante quinze meses, por sete países do continente sul-americano no ano de 2011, foi aqui reinventado para ser compartilhado e tornar-se também uma experiência coletiva. A partir da discussão sobre experiência, narrativa, encontros e redes, me proponho pensar a construção de conhecimento em movimento, contemplando a possibilidade de que a educação se dê também, e quiçá principalmente, para além das estruturas curriculares e das formalidades dos espaços exclusivamente destinados a este fim. Este trabalho constituiu-se, assim, como experiência educativa composta por aprendizagens andantes, inclusive durante sua própria escrita. A discussão sobre a importância de pensar a educação no mundo, pautada pela liberdade e pela abertura às diferenças nos leva, assim, para uma narrativa do vivido em cada um dos países, revisitadas na escrita dessa pesquisa-vida.

**Palavras-chave:** Educação, Experiência, Narrativa, Viagem, América Latina

## ABSTRACT

PRAÇA, Marina Ferreira. **Narrating a formative experience: a trip through Latin America.** 2015. 190p. Dissertation (Master Degree in Education)/ Educacional Institute/ Multidisciplinary Institute/ PPGEduc/ Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2015.

The narration of a trip became the possibility of reflection about education and the human formation. the path, throughout fifteen months, around seven south-american countries, has been, here, reinvented and has transformed itself into a collective experience. from the discussion about the experience, the narration, the encounters and nets, i have myself thinking about the building of knowledge in movement, contemplating the possibility of education being built also, and, perhaps, mainly, beyond the curricular structures and the formality of the spaces exclusively designated to be that. therefore, this work constitutes itself in a collective experience, made of wandering knowledge – including its process of being written. the discussion about the importance of thinking about education in the world, guided by the freedom and the open-mindedness regarding the differences, takes us to a narration of everything lived in each country, revisited in the making and writing of this research-living.

**Key-words:** Education, Experience, Narration, Journey, Latin America

## **SUMÁRIO:**

### **PARTE I – Preparando as malas 11**

- I Invento para me conhecer **13**
- II Sair de viagem **17**
  - Viagem em escrita **27**
- III Os papéis que me acompanham **29**
- IV Arte da escrita e da vida **42**
- V Eu sempre guardei nas palavras os meus desconcertos **48**

### **PARTE II – Pé na estrada 58**

- Venezuela e o acolhimento no inesperado **59**
- Colômbia e o que aprendemos com o estranho, com o conflito e o medo! **71**
- Equador, a escola e o desassossego **90**
- Peru e as fronteiras da vida **123**
- Bolívia, desencantos e encantos **151**
- Argentina em poucas palavras **165**
- Uruguai e os sonhos que nos compõem! **171**

### **PARTE III –Finalizando para seguir 184**

### **Referências Bibliográficas 188**

## *Parte I*

*Preparando as malas...*



Eu queria fazer parte das árvores como os pássaros fazem.

Eu queria fazer parte do orvalho como as pedras fazem.

Eu só não queria significar.

Porque significar limita a imaginação.

E com pouca imaginação eu não poderia fazer parte de uma árvore.

Como os pássaros fazem.

Então a razão me falou: o homem não pode fazer parte do orvalho como as pedras fazem.

Porque o homem não se transfigura senão pelas palavras.

E isso era mesmo.

Manoel de Barros

## I

*“Uma boa questão a ser enfrentada, uma boa história a ser narrada dependem daquilo que elas fazem conosco e o que fazemos com elas, o que fazemos delas.”*

*Valter Filé*

*“Invento para me conhecer”*

*Manoel de Barros*

Janeiro de 2011, um baile de carnaval na Lapa, bairro boêmio do Rio de Janeiro, ao som da Orquestra da Revelia e a euforia de um ano que ansiava começar. Em pouco menos de um mês estaria com a mochila nas costas, subindo no avião rumo a Caracas. Pé na estrada para conhecer o continente que tanto me envolvia. Caminhar para “conhecer” a América Latina. O baile acaba, as portas do Galpão do Cordão do Bola Preta se fecham, e o som continua pelas ruas. Já estava quase amanhecendo. Em êxtase, pulo pelas ruas, sem pensar em nada. Apenas sinto o movimento de subir e descer através do impulso do corpo. Num momento, um pulo mais intenso. O retorno ao chão, o pé virado, a dor intensa, mas rápida. A sensação de que era só uma torção. Nada que um pouco de euforia, álcool, e música não pudessem fazer parecer desimportante.

Um momento que se transformou em uma eternidade. A torção desimportante era um pé quebrado. Um pequeno osso do peito do pé esquerdo. E a dor era de achar que a viagem se ia. Me lembro do desespero, do choro, da angústia ao ver o raio X com um tracinho branco e a tradução da médica. “Pé quebrado, gesso e pelo menos três semanas de repouso”. Choro, choro, choro... a viagem foi adiada duas vezes, primeiro umas semanas, depois mais algumas...embarquei mais de um mês depois. Ainda com a bota ortopédica, um pouco de dor e insegura. Era o sinal para me cuidar! Sempre me joguei no mundo, um tanto destemida...

Ali começava a viagem que agora re-invento! Com um pé quebrado! Como um pé quebrado, que pisa a partir de sua fragilidade, das dúvidas, do medo de rachar o já formado, mas fortalecendo-se e cicatrizando a cada passo. Se constituindo de novo... a base tinha rachado... precisava criar o chão para pisar de uma nova forma...

O caminho da escrita da pesquisa se inicia também como um pé quebrado, a necessidade de rever as bagagens. Como ir viajar de novo depois de tanto vivido só com uma mochila nas costas? A mochila, as fotos, os cadernos, as reflexões agora se quebram, são parte, mas precisam se constituir de novo? As roupas, os livros que levava se mantêm? Como será isso?

---



A decisão de escrever, de pensar sobre o percorrer é uma tentativa de me vasculhar e a partir daí buscar entender o que vai além de mim. Escolhi reinventar a minha história, parte dela, para reconhecer-me e estranhar-me, dialogando com o que acredito ter a contar para os outros.

Essa escolha foi delimitada por uma viagem que já passou, mas ressoa em mim e me permite dialogar com o vivido a partir de outro lugar. Pensar a partir dos acontecimentos da viagem, o que eles fizeram comigo e o que eu talvez possa fazer com eles. Através de afetos, de sensações que ficaram no corpo e são possíveis de serem sentidas novamente. As marcas que nos permitem olhar para essa história como uma experiência educativa.

---

Sustentar a proposta desse trabalho não foi fácil. Precisei remexer as bases para esta opção de pesquisa, várias vezes. Fazer o que parecia simples, o ato de contar minha história, tornou-se um mar de complexidades. O simples neste caso, carregava

a complexidade do que não é definido, separado ou explicado, como é comum aos textos acadêmicos.

As discussões que trago são um viés, um olhar para o que foi surgindo, não há o certo e nem o imparcial. A mistura de ideias, formas e fontes é o que posso oferecer. Tomo a companhia de Morin e Le Moigne (2000) nessa opção, ao falar sobre o pensamento complexo: “É o pensamento capaz de reunir (*complexus*: aquilo que é tecido conjuntamente), de contextualizar, de globalizar, mas, ao mesmo tempo, capaz de reconhecer o singular, o individual, o concreto (p. 206)”. Me amparo para juntar passagens diversas, os quinze meses de histórias viajantes que remetem a outras para além e aquém, e que agora busco tecer em conjunto.

O tripé Acontecimento-Experiência-Narrativa são a base que sustentam minha pesquisa, trazendo a potência(desafio) do complexo, que seguem nas minhas idas e vindas de compreensão. O acontecimento, muitas vezes mencionado, seria como o tijolo da minha construção, o que parece simples, mas sustenta a casa. A quebra do pé às vésperas da viagem foi um acontecimento, gerou medos, angústias e incertezas, me fez pensar sobre o que ainda não havia pensado. Aprendi com aquela história. Não havia nada dado e nem previsto, fui desafiada pelo que me aconteceu como as crianças que estão aprendendo a falar, andar, comer, se relacionar. A experiência foi o que aprendi, são as paredes se formando, é o processo, não é um fato, nem uma realidade (LARROSA, 2014), ela ecoa do vivido e traz a pujança da vida de diversas formas, desencadeada por cada tijolo da construção. Só possível de ser dita ao narrar.

O trabalho foi organizar a casa, arrumar para entender o que ela pode me oferecer hoje, colocar as construções em palavras e falar o que vou aprendendo. Recriar o vivido por meio de uma narrativa. A narrativa, também, como forma de experimentar o que nos aconteceu, fazendo conexões e oferecendo aos outros. Minha pesquisa são as experiências surgidas a partir da narrativa dos acontecimentos da viagem, colhidos dos “documentos”: fotos, cadernos, e-mails e memória.

Espero que para educação pode ser oferecida como narrativas de um processo educativo, que tem como ponto de partida os acontecimentos e os encontros. A possibilidade de aprender a partir das viagens, das escolhas, das travessias. Os perigos, as inseguranças, os medos, como os grandes personagens que nos possibilitam uma experiência educativa.

---

O ato de viajar: ir além do conhecido, se colocar em posição de incertezas, ter bases instáveis, não ter casa, não ter raiz, querer sair, sentir que os olhos precisavam de novas lentes e que as lentes precisavam de novas cores a serem vistas.

A minha viagem: um viés político ideológico, uma busca ampla de respostas à existência e uma ingenuidade (ou naturalidade) cativante.

Assim, em março de 2011, com uma mochila nas costas, um pé recém-quebrado e uma cabeça cheia de utopias, começava a viagem, na companhia de uma amiga, em busca de conhecer a América Latina e a mim mesma.

---

*Viajar! Perder países!  
Ser outro constantemente,  
Por a alma não ter raízes  
De viver de ver somente! Não pertencer nem a mim!  
Ir em frente, ir a seguir  
A ausência de ter um fim,  
E a ânsia de o conseguir!  
Viajar assim é viagem.  
Mas faço-o sem ter de meu  
Mais que o sonho da passagem.  
O resto é só terra e céu.  
**Fernando Pessoa***

Sobre isso que meu texto fala: do se perder, ser outros constantemente, da errância, do caminho sendo traçado a partir das histórias, das pessoas, de desvios e buscas.



## II

*Educar, do latim, educer, significa, principalmente, conduzir para fora. Produzir a partir do que possui em si, dentro de si. Educar significa extrair de si algo que se mostre significativa, algo que ecoe em si mesmo e produza sentido, produza vida. (Mansur, 2003)*

### *Sair de viagem...*

Como entro no meu texto e nos lugares que habito? Quem sou eu? Como me identifico, me conhecem? Viajar com mapas ou sem?



Quais os dispositivos que fazem a mediação entre o sujeito e o mundo? O que nos permite seguir? Dependemos de certas permissões e há limites no caminho. Possível ultrapassar o acordado?

Na educação temos acordos firmados, séries que só podem ser cursadas depois do carimbo anterior, normas oficiais e fiscalização de como está o andamento daquele sujeito. Atravessar uma fronteira ali parece estar mais condicionado ao cumprimento de normas do que ao impulso de querer descobrir o desconhecido. Somos universo cognitivo e emocional delimitado pelos postos fronteiriços?

Como se nossos processos formativos fossem como roteiros turísticos, já definidos, direcionados, e que sempre sabemos o que nos espera. Não há muito risco de erro, pois o que existe como erro, também já está calculado anteriormente.

Sair de viagem sem roteiro é se contrapor a isso, é justamente se lançar ao desconhecido e perceber como ele nos modifica. Beatriz Sarlo em *Viajes* (2014, p.32) traz uma ideia simples, mas fundamental para pensar o ato de viajar:

(...)hay tres elementos que se conjugan: el sujeto que viaja; el espacio desconocido; las modificaciones de ese sujeto por haber atravesado ese espacio. Si nunca dejé de pensar en esos viajes es porque les pertenezco de una manera radical: no son simplemente recuerdos, sino las formas que la experiencia me modifico a cada momento.

Nesse trabalho tento pensar na educação como viagem, aproximando-me do que diz Sarlo: formas que o sujeito encontra para atravessar espaços desconhecidos, como se relaciona com as descobertas e se modifica – o que acredito ser o aprendizado. Larrosa (1994, p.43) também me ajuda nessa tentativa, utilizando-se das ideias de Foucault (1984) sobre *Experiência de Si* e contrapondo-se aos roteiros turísticos escolares. A través do olhar sobre a prática pedagógica que “se estabelece, se regula, se modifica a partir da experiência que a pessoa tem de si mesma.” Sendo a experiência de si a possibilidade:

(...)do sujeito como objeto para si mesmo: a formação de procedimentos pelos quais o sujeito é induzido a observar-se a si mesmo, analisar-se, decifrar-se, reconhecer-se como um domínio de saber possível. Trata-se, em suma, da história da “subjetividade”, se entendermos essa palavra como o modo no qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade no qual está em relação consigo mesmo. (FOUCAULT, 1984 em LARROSA, 1994, pag. 52)

A possibilidade de pensar na viagem como ato de descobertas e a pesquisa como uma experiência de si diante de como olho para essa situação hoje é o grande trunfo que tenho e espero conseguir aproveitar. Utilizando-me das *tecnologias do eu*<sup>1</sup>, avançar nas reflexões possíveis sobre o que passou por mim e que posso expandir para descobrir ainda mais, constituindo-me como um espaço de saber que dialogue com outros e que vá além.

---

---

<sup>1</sup> Foucault define tecnologias do eu como aquelas nas quais um indivíduo estabelece relações consigo mesmo, que o permitem efetuar uma série de operações sobre si mesmo, obtendo uma transformação que lhe faça alcançar estados de felicidade, sabedoria... (Larrosa, 1994, pág. 53)



---

***Descobrir continentes é tão fácil  
como esbarrar com um elefante:  
Poeta é o que encontra uma  
moedinha perdida...***

***(Descobertas - Mario Quintana)***

O que é o viajar e a descoberta? Falo tanto de viajar e pouco me questiono sobre essa ação, sobre esse movimento. No mestrado, nos diálogos com o Filé<sup>2</sup>, passei a pensar mais nisso. Viajo como e por quê? E o que busco? O que é descobrir algo? Em que momentos viajamos mesmo sem sair do lugar, noutros saímos do lugar e mal viajamos. Essas coisas que me coloco a pensar agora. E também, pensar o que seria uma *viagem de aprendizagem*<sup>3</sup>? O que tanto aprendi viajando?

A viagem pode ser o ato de sair do lugar, o deslocamento, o ver o novo (mesmo sem mover-se fisicamente), ou tomar alguma substância e viajar por dentro da mente, um estado de imobilidade por algo que escutamos, uma música, uma poesia... qualquer uma dessas ações podem ser viagem. Ao me entranhar no deslocamento pelos países de nosso continente, viajei de várias formas em um mesmo movimento.

---

<sup>2</sup> Prof. Valter Filé, professor do PPGEduc, meu orientador e companheiro nessa viagem da escrita. Diversos diálogos com ele e com o grupo de pesquisa estarão presentes no texto, pois nosso processo de construção e leitura coletiva são parte fundamental desse trabalho.

<sup>3</sup> Sarlo (2014) chama de viagens de aprendizagens aquelas que modificam quem a fez e que ao relatar o vivido transforma-se o desconhecido em conhecimento.

O mestrado me possibilitou rever o movimento, viajar de novo através da narrativa de agora. Mas sou concreta e viajar fisicamente me ajuda deslocar-me de outras formas. Por isso me movo tanto. Nos últimos três meses fui para nove lugares e por motivos distintos (diversão, estudo, trabalho, renovar sentimentos antigos): Saquarema, Visconde de Mauá, Foz do Iguaçu (tríplice fronteira), Buenos Aires, Petrópolis, litoral Uruguaio e Montevideo, Penedo e Boiçucanga (litoral paulista). Neste período estive mais tempo viajando do que em casa. Momentos bons e ruins, como tudo. De todas essas viagens, só paguei hospedagem em uma, assim viajo também por meio dos amigos que me abrigam. As pessoas e suas histórias são outra forma de viajar. A melhor delas, para mim. De cada uma dessas viagens poderia tirar um aprendizado, mas isso fica para depois.

Uma das questões é como me senti em processos de aprendizagem me movendo e ao re-olhar esses processos. Mas será que a educação pode ser pensada como viagem (sem agência por detrás)? Em que medida é possível conhecermos o novo, mergulharmos no desconhecido dentro do projeto de escola hegemônico? Os pontos de apoio estarão lá: quem já foi àquele lugar, pessoas que nos ajudam no caminho, mapas do território, um tênis bem confortável para poder se mover pelas encruzilhadas e entremeios, mas como ter espaço para criarmos nossos próprios roteiros, pontos de apoio e desejos das mais variadas fontes de conhecimento?



---

Os deslocamentos? Como povoamento da terra. Que povoamentos traria no meu corpo? Havia o corpo que saí, mas e o corpo que permanece?

***Poderás ir até a esquina  
comprar cigarros e voltar  
ou mudar-te para a China  
- só não podes sair de onde tu estás.  
(Liberdade Condicional - Mário Quintana)***

Na parte mais concreta, do deslocamento territorial, era um tipo de viagem (dentre vários possíveis – turística, de pesquisa, perseguição política, busca de melhores condições de vida), com marcas próprias. Talvez me encaixasse no que podemos chamar de *viageiro ideológico*<sup>4</sup> naquela época. Uma menina de 23 anos, com uma amiga, as duas de classe média, com apoio emocional e financeiro da família, em busca de histórias políticas, de ver os processos dos governos no século XXI...e de se ver junto a isso. Esse era o plano inicial. Hoje talvez seja uma *viageira curiosa*, que busca resgatar outras coisas por detrás do que passou.

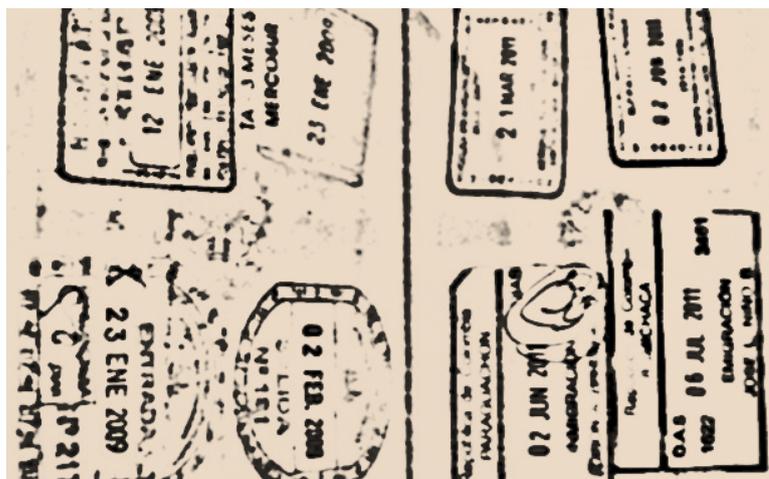


Dessa forma, em 2011, conheci a Venezuela e a Revolução Bolivariana liderada por Hugo Chávez (à época vivo), de março à junho; a Colômbia e a guerra civil protagonizada pelas guerrilhas armadas, os paramilitares e o governo, de junho à julho; o Equador, a Revolução Cidadã e as diversas experiências de luta ambiental por lá travadas, de agosto à outubro; o Peru, o início de uma mudança política com Ollanta Humala, as lutas dos povos tradicionais por água e contra as mineradoras, e a cosmovisão indígena, de outubro à dezembro; a Bolívia e o governo dos movimentos sociais em embate com o desenvolvimento, de dezembro á janeiro de 2012; a Argentina e a diversa cultura de organização política social existente no país, de

---

<sup>4</sup> Também usando Sarlo (2014) para pensar sobre isso. Ela diz que parte de suas viagens poderiam ser designadas assim: “Cuya a literatura de ruta no son los manuales ni las guías turísticas sino los libros de historia y política, los manifiestos, los periódicos.” Viagens pelo continente comuns na década de 60, 70 no período anterior às ditaduras militares.

janeiro á março de 2012; o Uruguai e os processos de transformação da Frente Ampla no governo, até maio de 2012.



Pude viver, como buscava, o que se está denominando como um “cambio de época”, constituindo-se como uma possibilidade de rever a história e o papel que essa região assume na organização social mundial. Como nos fala Svampa (2010, p.41):

Desde hace algunos años, América Latina viene experimentando un cambio de época. Diversos procesos sociales y políticos han ido configurando nuevos escenarios: la crisis del consenso neoliberal, la relegitimación de los discursos críticos, la potenciación de diferentes movimientos sociales, en fin, la emergencia de gobiernos autodenominados “progresistas” y de centroizquierda, que valorizan la construcción de un espacio latinoamericano, son algunas de las notas distintivas de una etapa de transición que parece contraponerse a todas luces con el periodo anterior, la década de los noventa, marcados por la sumisión de la política al Consenso de Washington, en nombre de una globalización unívoca e irresistible.

Um momento chave e que coloca a possibilidade de conhecer e analisar a América Latina a partir de dois caminhos que se entrecruzam e se diferenciam: o dos movimentos, organizações sociais, suas lutas específicas e cotidianas; e o dos processos políticos governamentais ora mais transformadores ora mais conservadores. Estou falando também de uma época marcada pela renovação da política (HOETMER, 2009) em resposta a globalização neoliberal que parecia ir se estabelecendo sem opositores, após a queda do Muro de Berlim. Momento em que os movimentos latino-americanos foram expressões primordiais na reescrita da forma de resistir aos avances desumanos dessa nova fase do sistema capitalista.

Entretanto o foco, aqui, não está nessas discussões, mas em pensar no que aprendi me deslocando, pensar sobre a falta de casa, a falta do lugar seguro. O que é

isso? É ver o já visto, de outra forma, e contar a história da viagem, onde os movimentos e buscas políticas são, agora, personagens, cenários e contextos.

---

Voltar a *ver* a longa viagem que fiz pelo continente latino-americano é uma forma de pensar essa ação:. Quando saí a viajar sabia o que me esperava. Os movimentos sociais de esquerda, a luta social, a realidade a partir de um ângulo, os espaços de luta popular, as pessoas envolvidas nesses espaços. Vi, foi incrível, mas isso tudo, de alguma forma, eu já conhecia. O mais forte, contudo, foram as situações que mudaram a direção do meu olhar. Esse é o exercício que buscarei fazer aqui. Olhar para o não que não estava preparado para ser visto.

Von Forster (1996) me instiga a pensar nisso através de seus escritos sobre visão, linguagem e conhecimento. Discutindo nossas formas de construir realidade(s) em diálogo com o que são verdades. Uma frase de seu texto “Visão e Conhecimento: Disfunções de segunda ordem”, me ajudou nesta empreitada: “Tu não podes ver o que não podes explicar. Trata de esquecer de tuas explicações e começarás a ver” (p. 67).

Não sei fazer isso. Continuo evocando as minhas explicações. Mas paro, às vezes, e penso sobre as certezas, as respostas que dou para o que vejo. Durante a própria escrita, me questiono. Afinal, vejo ou apenas re-vejo? Quem me lê tem espaço para criar, imaginar ou tudo já vem decifrado? O exercício de prestar atenção em si para tentar superar a visão/compreensão do mundo que se carrega, pois segundo Foster, elas estão imbricadas. Ele diz, a partir de estudos neuro-cerebrais, que: “Devemos compreender o que vemos, ou do contrário, não o vemos. (...) a retina está sujeita a um controle central e é por isso que devemos crer para ver”. Me colocou a pensar, então, que devemos a todo o tempo questionar nossas crenças para poder ver mais.



---

Esse é um dos exercícios dessa pesquisa: questionar o sabido, para ir além, não significa mudar de opinião, mas estar atenta. Para tanto, precisamos lidar com os nossos vazios, desenvolver a nossa capacidade de estar em processo de esvaziamento e de abertura ao novo. Um grande desafio, algo que eu não estava preparada ao voltar de viagem. Ao partir para viajar, acho que tinha esse espaço, conseguido a duras penas, soltando muitas emoções guardadas. Mas ao voltar, já não o tinha mais. Acho que só fui voltar a possuir o vazio lá para o meio de 2014, falarei disso adiante. Uma disposição espiritual para tal, como fala Eduardo Coutinho em entrevista à Valter Filé, sobre a abertura necessária para realizar seus documentários:

Eu acho que você tem que estar vazio, isso que eu acho que é o mais difícil. Vazio é o seguinte: a pessoa tem que sentir que você não espera dela nem a resposta sim nem não. Tem um vazio que ela tem que preencher. Então é um vazio curioso que quer saber dela, entender o que ela tem pra dizer. Essa coisa é muito mais difícil porque não é tecnológica, isso é interior e eu não sei explicar por quê. Para mim é como se fosse um exercício espiritual. (FILÉ, p.79, 2000)

Esse esvaziamento foi necessário, para entender novas coisas, me deparar com formas de olhar que não eram a minha, que não pareciam fazer sentido. Esse foi um estado que me coloquei, sem querer, ao entrar no grupo de pesquisa. Foi o momento que decidi me dedicar somente ao mestrado, uma dedicação mental. Um período em

que me afastei um pouco da militância<sup>5</sup>, não peguei nenhum trabalho extra e soube dizer não, mesmo que fosse para ficar em casa só pensando. Olhando para a tela vazia. Isso foi importante e um grande aprendizado.

Me remete a uma reflexão de Larrosa (2014, p.25) valiosa para essa pesquisa-vida. Ele diz que para que os acontecimentos existam é necessário ter tempo e espaço para isso. É necessário parar!

(...)requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Para conseguir escrever sobre algo, quantas vezes precisamos olhar para o vazio, para o infinito e deixar que o espaço da mente seja preenchido vagarosamente? Como aquele momento em as formigas vão construindo seus formigueiros, em que cada grão de areia é carregado num tempo contínuo e quando nos distraímos vemos o monte já formado. Pararmos para observar isso requer tempo e tranquilidade do olhar.

#### **As formigas**

Tracey Hill era menina num povoado de Connecticut, e se divertia com diversões próprias de sua idade, como qualquer outro doce anjinho de Deus no estado de Connecticut ou em qualquer outro lugar deste planeta.

Um dia, junto a seus companheirinhos de escola, Tracey se pôs a atirar fósforos acesos num formigueiro. Todos desfrutaram muito daquele sadio entretenimento infantil; Tracey, porém, ficou impressionada com uma coisa que os outros não viram, ou fizeram como se não vissem, mas que deixou-a paralisada e deixou nela, para sempre, um sinal na memória: frente ao fogo, frente ao perigo, as formigas separavam-se em casais e assim, de duas em duas, bem juntinhas, esperavam a morte.

(GALEANO, 2009, p.231)

Afinal, podemos absorver muito conteúdo, informações, ter lido uma biblioteca inteira, mas nada disso ter nos tocado, animado, feito rir e chorar. Muitas vezes, o exagero de informações, o ritmo atual em que necessitamos e somos

---

<sup>5</sup> Nesse período, só participei da organização e das atividades do grupo Cerro Corá Moradores em Movimento, que ajudei a criar em 2013 na Favela Cerro Corá, no bairro Cosme Velho, na zona sul do Rio de Janeiro. Atividades que se resumiam a uma reunião semanal e ações mais amplas (mutirões, oficinas, cursos) nos fim de semana a cada 15 dias. Digo que era pouco porque não estava vinculada a nenhum movimento maior, apenas a essas práticas políticas territoriais.

induzidos a consumir informações nos coloca em um estado de anti-experiência. Não há nada que nos mova, que nos aconteça realmente.

A educação segue esta mesma lógica, com base nos currículos, nas grades, nos horários e nos conteúdos. Pensemos: o quanto disso traz a experiência dos professores, alunos, coordenadores, pais, serventes para dentro da escola? Não somos e nem formamos *sujeitos da experiência* (LARROSA, 2014, p.25). Este, necessita de tempo, de sensibilidade para sentir, para olhar, ter espaço dentro de si para os acontecimentos, sejam eles de dor ou de prazer.

---

Ao escrever me desafiei à pensar a viagem como uma grande escola, a minha escola, onde eu podia construir livremente. A pesquisa é isso. A viagem é o meu espaço de formação e a monitoria são meus sentimentos. O que me ajuda a entender os caminhos, saber por onde vou...“Talvez, pensar a educação como a arte de ouvir e contar histórias, ou ainda, a arte de entramar histórias (...) Criar e recriar outras possibilidade de narrá-las, de recontá-las, de nos reinventarmos a cada dia” (RIBETTO; FILÉ, 2015, s/p), uma forma de educar que tenha como questão principal trazer a vida para perto, onde o principal sejam as narrativas que nos tornam o que somos. Tendo como objetivo desviar-se de

processos que pretendem a banalização do cotidiano vivido pelos sujeitos da educação para a memorização de informações desconectadas, obedientes apenas a planos e processos que soam como relatos aleatórios, desvinculados e esvaziados de tensão dramática, tanto para estudantes quanto para professores. (RIBETTO; FILÉ, 2015, s/p).

Afinal, algo que fazemos durante tantos anos de nossas vidas, não pode estar tão distante de nós mesmos. Precisamos conseguir juntar nossos tramas com as grandes histórias, com o que esta presente dentro da escola. E, assim, construir o que Ribetto e Filé (2015) chamam de *nossa experiência (narrativa) formativa*. Pensar a viagem como a escola dos encontros, dos entrelaçamentos de histórias que vão me formando e a quem me lê.

---

## *Viagem em Escrita*

Para escrever sobre tudo isso precisei me colocar em estado de viagem. Esse texto me fez pensar o quanto necessito me relacionar com as coisas através de sua concretude. Escrevo esse texto viajando. Tenho dificuldades de lidar com o abstrato, o filosófico, com o que não tenha relação com o material, com o prático, com o meu estar no mundo. Não sei se é bom ou ruim. Só é o que consigo, agora.

Todos os momentos em que saio de viagem para escrever, tenho uma grande bagagem que me acompanha e não uso nem um terço de tudo que carrego. Me lembro que quando saí para viajar pela América do Sul minha mochila tinha 18 quilos ou mais, algo demasiado para os meus 1,57 de altura... levava tanta coisa! Recordo até hoje de chegar e mostrar para Luna minha bolsinha de coisas de farmácia e ela rindo, dizer: “Mari, você acha que a gente não encontra remédios para dor de cabeça e band-aid por aqui?” E não consigo lembrar de uma única vez que tenha tomado remédio para dor de cabeça. Depois de muitas andanças e aprendizados minha mochila chegava no máximo a uns 13, 14 quilos, contando com uma barraca (que ganhamos), panela, alimentos básicos para não passar fome e um pouco de todo o resto.

Assim, viajo para escrever e passa o mesmo. Vejo que realmente necessário é muito pouco. Meia dúzia de livros e uma pasta de textos já supriria minha necessidade, mas trago sacas, livros sem fim, milhares de caderninhos e volto tudo de novo para o carro. Parece que tem uma voz que nos diz que o que precisamos está fora de nós e quanto mais melhor. Como aquela conversa sobre o quanto consumimos informações que só nos enchem, puro consumo. Um erro com que me deparo vivendo, subindo e descendo as escadas do meu prédio levando as bolsas para o carro.

No final do ano passado decidi que o começo de 2015 seria totalmente dedicado à dissertação, sentar, página em branco e ir. Pensar em fazer isso no janeiro do Rio de Janeiro me cansava de antemão: sol a pino, amigos de férias, ensaio dos blocos de carnaval que acompanho, mil coisas acontecendo e um calor enlouquecedor.

Escolhi a casa dos meus tios em Penedo para ser o meu lugar de minhas viagens de escrita. Tenho ido e vindo. Cidade de serra, uma região turística a que só vou porque tem esse paraíso família. Moram no alto da montanha, num cantinho mágico. Melhor forma de fugir do calor, da movida social e ainda com o abraço do mato e do rio. Penedo é o lugar para o qual mais viajei na vida, talvez simbólico para

pensar nessa discussão. Fosse ao vir e pegar a estrada, fosse por tudo que passou comigo e dentro da minha cabeça aqui. Foi o lugar da primeira vez de muitas coisas. Adoro cada enquadramento, cada pedra do rio, cada pessoa, cada encontro! Nesse lugar a viagem-escrita torna-se prazerosa, apesar de difícil. Um ato de mexer com palavras, escovar lembranças e emoções como nunca fiz antes. Uma ação que vou aprendendo ao fazer.



### III

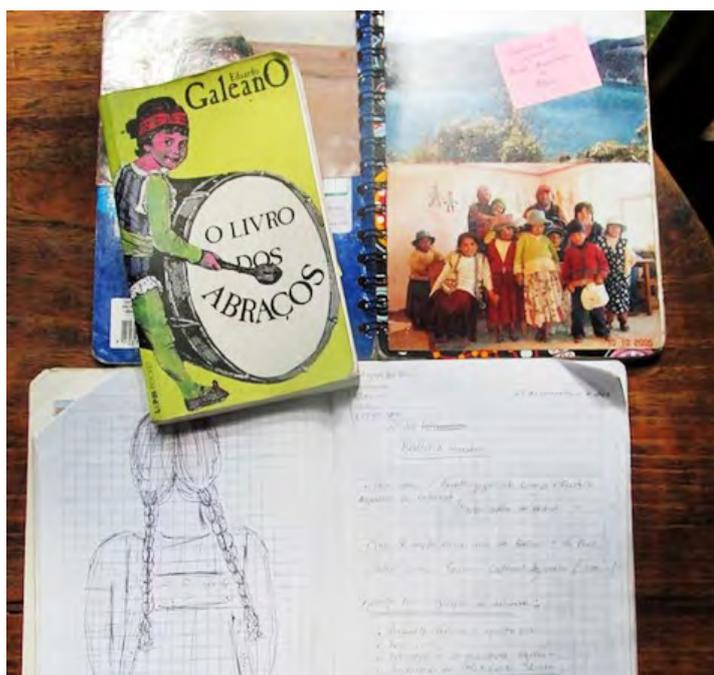
*“Viajar es marcharse de casa, es dejar los amigos  
es intentar volar, volar conociendo otras ramas  
recorriendo caminos, es intentar cambiar.”  
García Márquez*

#### *Os papéis que me acompanham...*

O que buscava quando parti? Esperança, caminhos para transformação da sociedade, as belezas do mundo e dos seres humanos. Queria superar minhas possibilidades de estar no mundo. Anseios juvenis, quiçá.

Impulsos de uma caminhada que parecia ter início e fim delimitados, mas que se desdobrou em um ciclo de palestras em espaços educativos<sup>6</sup> (já composto de outros anseios) e, agora, se transforma nessa pesquisa que são os reflexos da viagem em mim, após quase três anos dessa estrada que, contudo, permanece sendo trilhada.

Busco em mim a forma de desatar marcas desse caminho. Mas quem disse que saberei como fazê-lo? Penso

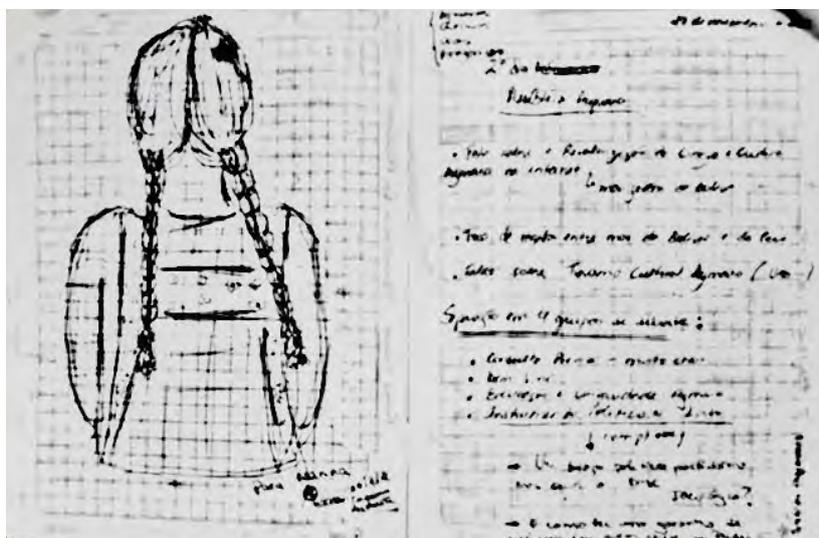


na Venezuela, o início, releio os meus caderno e sinto como se o tempo fosse tão distante de hoje. Como aquela menina parece comigo e é, ao mesmo tempo, tão distante de mim. Como ela teve crises parecidas, mas que já não são minhas, não daquela forma. Continuo achando que ficaria maravilhada com a Venezuela, mas não sei se escreveria dessa forma, se essas mesmas coisas seriam tão marcantes, afinal, já

<sup>6</sup> Quando voltamos da viagem, eu dizia que precisávamos compartilhá-la de alguma forma, e assim, criei com a Luna um projeto denominado: “América Latina – compartilhando história e olhares”. Algo que se transformou em 10 apresentações, um relato, um estudo e que agora continuo sozinha.

as conheço e sou outra. Por isso, preciso voltar aos meus rastros e reinvento a história a partir do momento atual.

---



Divagando sobre a forma/método da pesquisa menciono escolhas, que se desdobram em quatro discussões: a escrita sob a forma de narrativa ensaística (discutindo a narrativa e o ensaio); e a metodologia da pesquisa como uma viagem pensada em forma de caderno. Destrincho para assim me fazer entender e, ao mesmo tempo, entender a mim mesma.

O ensaio, a narrativa, a viagem e o caderno são, concomitantemente, forma e método. Os caminhos e as chegadas se misturam.

---

Primeiro vou trazer a escrita ensaística para perto e começar a colocar as ideias no papel. A definição de ensaio me ajuda a pensar sobre isso:

Lit. prosa livre que versa sobre tema específico, sem esgotá-lo, reunindo dissertações menores, menos definitivas que um tratado formal, feito em profundidade. (HOUAISS, 2001, p.1158)

A definição literária me ajuda a pensar que, este, será um espaço de experimentações sem a pretensão de esgotar um assunto, juntando discussões escritas através da profundidade do vivido. O ensaio é um enredo que nunca será finalizado, estamos ensaiando, sempre em fase de teste, como a vida. Por sua assumida

incompletude, o ensaio é, ainda hoje, pouco aceito na escrita acadêmica.

(...)falo do ensaio como um "modo de escrita" normalmente excluído de um espaço de saber. Porém, os dispositivos de controle do saber são também dispositivos de controle da linguagem e da nossa relação com a linguagem, quer dizer, das nossas práticas de ler e escrever, de falar e escutar. Nosso trabalho na academia tem a ver com o saber, é basicamente um trabalho com palavras. (LARROSA, pág. 102, 2003)

Escrever na forma de ensaio é uma escolha, é o compromisso de colocar a pesquisa em educação num espaço de liberdades, com permissão para ler e escrever de outros modos, mas sem esquecer da responsabilidade que temos nesse campo de conhecimento. Uma disputa, como diz Larrosa (2003), que busca problematizar a academia em suas políticas de linguagem, do que se privilegia ou se profibe. O ensaio se coloca como uma possibilidade de cultivar a liberdade e demarcá-la como uma opção política, ética e epistemológica perante à universidade e ao debate educacional hegemônico.

Se acredito numa educação que se constrói com base na liberdade e na autonomia preciso cultivá-la. A coerência nesse campo me preocupa e busco ficar atenta. Me lembro de ouvir professores dentro do curso de licenciatura aclamarem Paulo Freire e, ao mesmo tempo, não saberem nada de nossas histórias, das opressões que vivíamos, e no fim, cobrarem respostas de prova que dissessem exatamente o que ele havia escrito. A sensação é que eles não entendiam o que Freire dizia ou que a base de suas práticas pedagógicas era a incoerência.

Assim, o ensaio se compõem como algo híbrido, impuro, que não pretende instituir verdades, mas sim, discutir pontos, enunciar questões, criar e trazer elementos para serem pensados. Uma subversão à linguagem científica, questionando as estruturas hegemônicas que criam relações de exclusão, subordinação e dependência entre os saberes.

Isso me faz pensar no meu ponto de partida: a América Latina e o papel que ela ocupa no campo da construção de conhecimentos. A escrita de sua história hegemônica realizada desde a visão dos colonizadores de ontem e de hoje. Como estão presentes em nossas escolas, universidades, livros, costumes e vida cotidiana a influência do olhar de nossos antigos e atuais colonizadores? Como escrever a nossa história a partir de nós mesmo? Será possível?

Há uma relação óbvia nesses questionamentos, mas que vale reafirmar: entre o saber e o poder, que se sustentam, como nos fala Boaventura de Souza Santos (2003),

desde a modernidade ocidental na ciência (saber) e na democracia burguesa (o poder). Dois campos que se relacionam e se sustentam. As sociedades foram construídas com base nessas sustentações e acreditando que, no fim das contas, elas dariam respostas as problemáticas que íamos encontrando, num sentido de progresso. Mas, o que encontramos nesse caminho? A colonização dos povos que habitavam o continente, os processos de colonização interna pautando-se nesses pilares e nas respostas nunca alcançadas, que supostamente resolveriam problemas relativos a justiça, liberdade, igualdade.

Me questiono pois as influências e subordinações parecem intrínsecas à história. O saber e o poder ditos acima seguem firmes e não vejo os pilares que os sustentam balançar. Talvez, sermos escritores de nossas histórias a partir do híbrido e do impuro possa ser uma pequena ação desestabilizadora dessa estrutura.

---



***“Existe um elemento muito difícil de ser captado por um leitor médio: o narrador de uma história não é nunca o autor. É sempre uma invenção.”***

***Vargas Llosa***

O ensaio é, também, a possibilidade de aproximarmos a escrita acadêmica da literatura, e isso me atrai. Talvez seja, o que mais me atrai. A literatura faz parte da minha história, sempre me vi cercada de livros. Meu pai é um leitor voraz, que me colocava a par de leituras clássicas e atuais, sempre me apresentava uma novidade e

eu, desde pequena, já tinha muitas histórias na cabeça. Havia as histórias que meu pai me apresentava e, outras que foram aparecendo com o tempo.

Algumas vinham das aulas de literatura da escola e da *Ciranda dos Livros* – uma caixa de livros escolhidos pela bibliotecária, os quais podíamos pegar indiscriminadamente e cuja leitura valia algum ponto extra para as aulas de literatura/redação. Me lembro que matávamos aulas, eu e a Jú (minha grande amiga de estripulias escolares), na biblioteca. Lendo, conversando sobre os livros lidos e evitando aulas inoportunas. A Jú preferia os que discutiam a existência de forma profunda – Clarice, Nietzsche, chegando até Nelson Rodrigues – eu já gostava mais dos mundanos, que queriam pensar no dia-a-dia, na forma mais crua e usual do ser humano – Jorge Amado, Rubens Fonseca, Galeano (creio que nos encontrávamos em Nelson Rodrigues). E nessas trocas nos perdíamos durante horas. Acho que poucas vezes me via sem um livro na mochila e sem a possibilidade de começar alguma leitura.

As aulas de literatura eram as mais prazerosas. A escola de elite e de tendência humanista em que estudei a partir dos 11 anos (Colégio São Vicente de Paulo) me proporcionou vários amigos como a Jú, professores que me apresentaram a literatura como mundo. Por exemplo, a leitura do mundo através de “Cem anos de solidão”, de “1984” de George Orwell, do “O Estrangeiro” de Camus, de “Dom Casmurro” de Machado. Possibilidades de pensar através das leituras e escritas marcadas em mim.

Lembro também de alguns textos/redações que escrevi nas aulas ou no jornal Chamava-se “O Elefante”. Era um espaço de trocas, da expressão de novos poetas, romancistas, críticos e da possibilidade de relacionar-se com gente mais velha, e mais nova. Aquilo fazia sentido, mas tinha que acontecer fora do horário escolar. Meus textos sempre tinham uma forte marca de indignação social, mas não sabia para onde direcioná-la e acabavam se tornando textos médios, escritas com pouca magia. Lembro que escrevi sobre os aumentos da passagem (naquela época para R\$1,20 – perguntando: “onde aquilo iria parar?”), sobre a necessidade de jogarmos uma bomba no congresso nacional (que aquela parecia a única opção viável de transformação – esse não tive coragem de publicar) e lembro também de uma redação escrita na oitava série em que usava a música “Disparada” de Geraldo Vandré e Theo de Barros (famosa na *Época dos Festivais* – “Prepare o seu coração...”), para relacionar a vida dos trabalhadores sertanejos com a existência humana.

A poesia só foi aparecer para mim bem mais tarde e assumo que não é meu campo de preferência, apesar de algumas me tocarem ao ponto calar-me. Fui conhecê-

la e ter paciência para ler com a calma necessária já viajando através da influência da Luna, amiga-irmã que caminhou comigo por quase todo o tempo pelas terras latinas, uma personagem fundamental nessa história. Ela é apaixonada pela poesia, sabe lê-la de forma que nos toca e indicar relê-las. Com ela conheci e me afundei em Cecília Meireles, Alberto Caeiro, Vinicius de Moraes, Manuel de Barros e outros.

Na literatura latino-americana tenho outra amiga de leituras. Já no retorno da viagem, para estimular o estudo de castelhano, a manutenção, ampliação do vocabulário comecei grupo de estudo com a Gê, outra amiga-família dos tempos de escola, encantada pelas latinidades como eu. No começo tentávamos mesclar leitura, gramática e deveres, pois ela, nesta época, era professora de espanhol. Mas depois sobrou só o que era prazeroso, ler e falar sobre o que havíamos lido, marcando dúvidas e só.

Realmente, escrevendo sobre a minha vida literária consegui parar para pensar sobre o quanto me formei lendo por aí, no canto escondido da biblioteca, nas leituras faladas com a Jú, na escuta atenta nas infundáveis viagens de ônibus com a Luna, nas próprias aulas de leitura e escrita, nas mesas de cafés, dos parques com a Gê, das conversas em casa, em que os quatro (eu, pai, mãe e irmão) havíamos lido o mesmo livro, nos tantos livros lidos em viagens por aí a fora.

Ao viajar esse também foi um rumo: buscava as livrarias, a literatura e histórias que me ajudavam a entender o local. Como disse, meu campo era a literatura, era a minha forma de aprender sobre a história e a sociedade. Quando não estava muito para ler, ouvia música regional, tradicional, através dos poetas, escritores da música. A Luna sempre brincava comigo que as livrarias, os livros e os cafés (que me davam tempo para estar com os livros) eram um perigo constante para mim. Ela gostava da poesia e de reler sempre os mesmos trechos, e eu da prosa, das histórias sem fim e de buscar novas histórias. Assim, íamos encontrando um equilíbrio.

Em cada país os amigos que fazíamos nos davam clássicos nacionais ou nos indicavam leituras que iam embalando nossa caminhada. Ler a autobiografia de Garcia Márquez (“Viver para contar”) entrando na Colômbia foi genial, assim como descobrir as poesias cantadas de Juan Manuel Cerrat em Venezuela, as histórias de Jorge Adoum no Equador, Vargas Llosa e Arguedas no Peru e tantos outros que talvez eu nomeie no decorrer do texto. A viagem tinha duas dimensões: a das estradas concretas e a das estradas da imaginação.

Na universidade desde a época da graduação, e agora, no mestrado tornou-se comum me deparar com a falta de um livro de literatura por perto, e com um estado

de solidão por conta disso. O conhecimento científico, em certa medida, nos distancia da literatura, seja por falta tempo, ou porque acreditamos que é menos importante e formativo. Não há espaço para histórias sem comprovações, as ficcionais. Mas, afinal, quais não são ficcionais? Antes sentia falta e aceitava a justificativa do tempo, agora entendo as disputas entre as linguagens e onde quero me colocar. A escolha por um texto de pesquisa mais próximo da literatura possível.

Seguindo nessa reflexão Forster (*apud* Filé, 2010) me apresentou o ensaio como uma alternativa à desertificação dos territórios imaginativos de que padecem os espaços acadêmicos, como ato de se opor à linguagem da repetição. A proposta é da experimentação, um improviso diante da vida e do que nos acontece. “Uma lógica que se dedica às encruzilhadas, como pontos de atravessamentos, de sensibilidades diferentes e que supõe que não haja incompatibilidade entre a linguagem da arte, da ciência e da vida.” (Filé, 2010, p.6)

No transcorrer da pesquisa para a escrita desse texto fiquei submersa em leituras e na busca por uma possível justificativa teórica para as minhas escolhas. Sofria por ter a obrigação de buscá-la, e em umas das primeiras reuniões com meu novo orientador e grupo de pesquisa (tive que realizar a troca por conta de problemáticas pessoais da orientadora anterior<sup>7</sup>) meu sofrimento diminui quando escuto: “antes de tudo, vai ler as histórias dos viajantes, ver os filmes das narrativas de vida do Eduardo Coutinho, rever o “Diário de Motocicleta”, buscar fontes de vida, de viagem”.

Veio a tranquilidade ao me deparar com a possibilidade do híbrido, do impuro, da dissolução das fronteiras entre a escrita pensante ou cognitiva e a escrita imaginativa/poética (LARROSA, 2003, p.105). Sigo buscando diálogos com autores e escritores que me ajudem a definir caminhos, mas com mais prazer e leveza. A literatura e as histórias voltavam para minha vida..

---

A opção pela Narrativa como método/forma é, também, alimentada pela proximidade com a literatura e pelas possibilidades de encontro com o outro, mas foi difícil, para mim, pensar sobre algo tão complexamente simples. Complexo, pois explicar essa escolha tornou-se um desafio inesperado. Enquanto narrar me parece tão

---

<sup>7</sup> A professora Célia Linhares, que havia acolhido com tanto carinho meu pré-projeto, vinha passando por problemas pessoais sérios desde 2013 e, não menos carinhosamente, percebeu que naquele momento o professor Filé poderia me ajudar a ir mais longe nas minhas escritas e reflexões.

natural...

Benjamin (1985) em “O Narrador” me ajudou nessa empreitada e na aproximação da narrativa com sua fonte primária: a experiência. Diz: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” (1985, p.201) Ao narrar trago minhas experiências da viagem e da vida, e assim, ao me deparar com o vivido em escrita no presente nova experiência surge, possibilitando ainda, que quem me leia construa sua própria experiência a partir de minhas histórias.

Benjamin me desafia ainda mais quando apresenta o grande triunfo da narrativa: evitar as explicações.

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. (...) com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (p.203)

A amplitude da narrativa está principalmente na capacidade de criação e das formas como cada sujeito lida com suas maneiras de se relacionar com o mundo. Nos inventarmos a partir de nós mesmos (e dos outros), juntamos pensamentos loucos, histórias de fontes variadas, montão de idéias, reflexões...

#### **Os sonhos do fim do exílio/1**

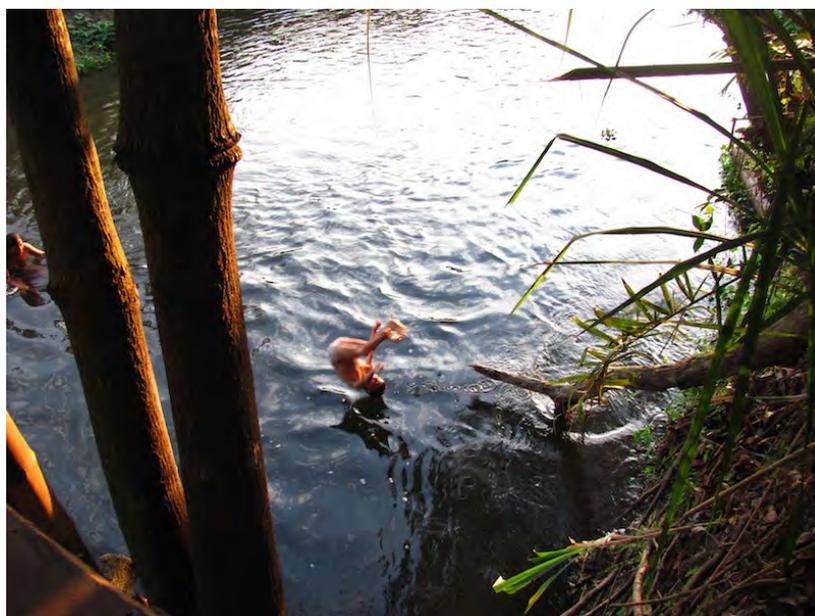
Helena sonhou que queria fechar a mala e não conseguia, e fazia força com as duas mãos, e apoiava os joelhos sobre a mala, e sentava em cima, e ficava em pé em cima da mala, e não adiantava. A mala, que não se deixava fechar, transbordava coisas e mistérios. (GALEANO, 2009, p.192)

A narrativa permite que o mais banal seja colocado em evidência e traga seus mistérios. Quem lê, sem explicações, vai colhendo os caminhos que lhe parecem mais vigorosos. Coutinho (*apud* FILÉ, 2000) fala que busca em seus documentários a narrativa de pessoas comuns sobre suas vidas porque para quem assiste, isso se expressa em enunciações de uma forma de vida que traz outras consigo. As narrativas estão absortas em visões de si, que não são nada menos, que visões do mundo.

Assim, as narrativas vão nos levando para diversos caminhos, até os momentos em que o inesperado nos coloca em estado de reflexão mais intenso. Por exemplo, Coutinho conta que quando estava fazendo o filme “Boca de Lixo” no lixão de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, ele perguntou para uma senhora,

catadora, se ela gostava de trabalhar ali e ela responde tranquilamente: *Sim! Melhor que trabalhar em casa de família*. Nos detivemos.

Por que será que trabalhar num lugar que literalmente materializa as “imundices” humanas pode ter um lado bom? Sem explicar, aquele breve momento explica muito...



---

Na maioria das escolas, pensando no projeto hegemônico de educação, a narrativa é posta de lado. A capacidade de pensarmos em nossas formações a partir de nós mesmos é incabível. As informações já vem prontas, interpretadas e organizadas. Não há espaço para criação, re-criação e invenção. Que somos nós se não nossa capacidade de ver a “realidade” com vários olhos. Se só víssemos com o olho objetivo, duro, talvez, estivéssemos totalmente descrentes de nós mesmos. Por que será que as religiões, a espiritualidade e as diferentes crenças no “sobrenatural” são tão presentes na sociedade humana?

---

Narrando, então, eu transformo a viagem em caminho, método da pesquisa. Entro no avião, percorro os ares, me deparo com a cidade grande, a poluição, o metrô lotado, os ônibus coloridos que tocam cumbia, as ruas amontoadas de gente, vielas que sobem morros e me levam para multidões de casas com bandeiras vermelhas, muros pintados de Che, Fidel, Chávez e La Revolución Bolivariana. Percorro parques, museus, caminho pelas ruas atrás de uma arepa para o almoço, entro no fundo de uma galeria para trocar



plata en el negro, converso com a moça no ponto de ônibus, a professora na Universidade, o barqueiro no passeio às ilhas caribenhas, com estudantes que acreditam na revolução, com os jovens que criaram El Ateneo Popular (Albergue e centro cultural que habitamos por um tempo) e acreditam nos processos, não sem fazer-lhes críticas, e vou seguindo pelas estradas, em ônibus caindo aos pedaços, kombis, carros-lotação, buscando encontros e histórias que, sem que eu já o soubesse, viriam a compor essas páginas.

---

Para pensar na escrita volto à *lógica da experimentação*, idéia citada a cima na conversa sobre o ensaio. Trago para dialogar comigo duas pesquisadoras contemporâneas que se propõem a colocar essa lógica em prática. Uma delas, Leila Machado, tive a oportunidade de conhecer e escutar numa conversa na FFP-UERJ<sup>8</sup> e ela, mesmo sem saber, me ajudou a aceitar meu trabalho e acreditar nos caminhos a seguir. Apoiou na escolha dos cadernos de viagem como fonte e forma; e no pensar meu corpo como método de travessia pelos espaços de conhecimento.

---

<sup>8</sup> No *V Encontro e Conversas sobre formação inventiva de professores: escrita de si e diferenças*, que aconteceu Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro localizada em São Gonçalo.

Estando por toda parte, as palavras recolhidas para dizer da experiência, da pesquisa como processo de experimentação, foram recolhidas pouco a pouco como retalhos, cacos, restos. Elas são as marcas do que restou no corpo do pesquisador de suas andanças pelo mundo, de seus encontros com livros, autores, gentes... seu campo de estudo, seu campo temático. Em seu corpo pesquisador irão restar/permanecer essas marcas, doravante expiada nas folhas brancas com as quais se defrontou, as tornando suas, seu meio para dizer do que viveu, do que experimentou, do que lhe possibilitou dizer de conceitos encarnados. (MACHADO e ALMEIDA, 2015, s/p)

O que tento fazer é o que Leila Machado e Laura Almeida (2015) falam sobre o ato de escrever: junto retalhos das andanças, dos encontros, das marcas e busco nesses enramados algo que nos ajude a pensar sobre educação. Como elas dizem:

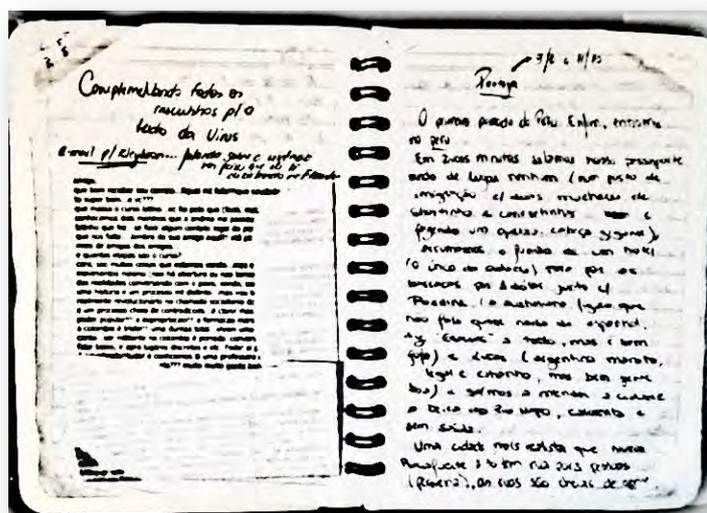
Encontros com o/no mundo fazem ressoar no corpo/pesquisador a afirmação de uma batalha! Linhas de resistência que insistem em conjugar o verbo pesquisar como ativação de um pensamento que se faz, que se faz sentido a partir de fluxos da existência e que, por isso, não está em busca de uma verdade absoluta ou de respostas apaziguadoras. Esse pensamento quer exercitar-se em sua potência de pensar, de inventar sentidos para o que vivemos, para o que nos toma como indagação e urgência, nos interpelando sobre o que temos feito em/de nossas vidas, em/de nossos trabalhos, em/de nossos escritos, em/de nossas pesquisas. (s/p)

Perguntar o que andamos fazendo com as nossas vidas, trabalhos, escritos e pesquisas dentro das Universidades é um bom ponto de partida para pensarmos o conhecimento. O que vemos por todas as partes é acúmulo, montanhas de informação, o foco na produtividade, a incapacidade de entender os efeitos sem pensar em números e notas. De que forma pensamos em transformar, se esse for o objetivo, nossos espaços de trabalho em ambientes de afeto/formação senão com histórias que nos tocam?

Acreditando que relatar uma experiência, narrar histórias, é valorizar o poder da vida na formação humana. Contar, pensar sobre o contado e recontar. Benjamin (1985, p.114), quando se aproxima dessa discussão das histórias, questiona: “Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração?”

Vou tentar contar histórias...gerando afetos.

---



Ao pensar na forma de contar, na escrita, na viagem, o que me vem a cabeça são os cadernos. O lugar em que gosto de escrever é este, em especial os com pauta. Meu lado pragmático, organizado, gosta das linhas. Assim, como sempre gostei de ter um livro me acompanhando – me dá tranquilidade, mequita um pouco da solidão – sempre gostei também de ter um caderno comigo. Fosse para anotar algo que não quero esquecer, uma coisa que vi na rua, uma frase, um endereço, minha listinha de afazeres cotidianos, escrever algo que estivesse sentindo...

O vício pelo caderninho vem de sempre. Certamente influencia da minha mãe, viajante de marca maior e multi-organizadora da vida comum. Com ela aprendi o senso prático da vida. Se você quer que algo aconteça se mova para isso, corra atrás, pense em estratégias, porque sempre há um jeito, viajando me ajudou muito. Minha mãe sempre achou tudo que queria em brechós. A falta de dinheiro nunca foi um empecilho para viajar (mudava os rumos, ia para casa do amigo do amigo do amigo), e ela sempre teve em sua independência e liberdade fatores-chaves para uma vida prazerosa. Me ensinou essas coisas através da vida.

O vício aumentou consideravelmente quando entrei de cabeça na militância política. Militante sem caderninho não é militante. A qualquer momento pode se deparar com uma ou várias reuniões, precisa anotar suas tarefas/encaminhamentos ou surgir ideias que precisam ser registradas.

Na viagem o vício se exacerbou. Em todas as viagens que tinha feito antes levava um caderninho e comecei minhas viagens sozinha, sem pai e mãe, cedo. Aos 12 já estava caminhando por aí. No início para Penedo, depois com primos e irmão (mais velho), e logo só com amigos. Com 14 anos já estava com os amigos da escola

no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, dormindo no acampamento da juventude e vivenciando a política. A liberdade sempre foi parte da educação dada por meus pais, mas sempre com responsabilidade. O fato de não precisar transgredir, acho, me tornou até uma pessoa meio certinha e “careta”.

Pela América Latina acumulei uns tantos: 10 cadernos-diários e mais três pequenininhos de contatos, notas e reflexões breves.

A idéia inicial deste texto era tentar refazer minha viagem através dos diários, selecionar o que me aconteceu, o que me tocou e contar, aqui, buscando relacionar as histórias com o educar. Seria fazer um diário, hoje, a partir dos diários da viagem. Continuo com essa proposta, mas um pouco mudada. Acho que faz mais sentido pensar em um caderno de viagem do que em um diário, até porque meus escritos vão caminhando mais em forma de cadernos em que colo e-mails, cartões, tento dar um panorama das coisas, mas em muitos momentos me perco.

Me perder também faz parte do caderno. Aquelas páginas confusas que nem eu entendo. Escritos fora de ordem, emoções que transbordam. Se perder é bom, mesmo que gere desespero, pois chacoalhamos certezas. As páginas dos cadernos são borradas de lágrimas ou pelo nervosismo da mão que passa por cima do escrito. Viajando se aprende também se perdendo. Se deparando com o imprevisível e se sentindo sem chão. Momento em que paramos e pensamos qual o chão em queremos nos levantar, ou se aproveitamos o momento para construir o chão dos sonhos, todo colorido, como uma colagem com os elementos de que mais gostamos.

Assim, na minha cabeça, o caderno tem mais sentido. Me permite ser mais livre nas possibilidades de contar. Espero que meu texto tenha cara de caderno, pois é isso que gostaria que ele fosse.

## IV

*“escrevo para me livrar da carga difícil de uma pessoa ser ela mesma”(Clarice Lispector)*

### *Arte da escrita e da vida*

Seguindo o ritmo da vida, esse texto vai e volta, assim, me permito pensar novamente na produção e no sujeito do conhecimento. Para isso, me valho da *sociopoética*<sup>9</sup> como uma dimensão importante. A sociopoética como artifício que se nutre da confluência de saberes (científico, filosófico, artístico, intuitivo), o sujeito como ponto de partida e a pesquisa realizada através das relações deste com o mundo. Percebendo os encontros como o impulso dessa forma de pensar o conhecimento:

A sociopoética parte do princípio de que falar em produção de conhecimento remete-nos a uma economia dos processos de subjetivação resultantes do encontro de intensidades e de afetos. Quando nos dirigimos a um campo de pesquisa e interagimos com os sujeitos, certamente ocorrem encontros. Não apenas encontros de corpos físicos, mas também de linguagens, de saberes, de percepções, de valores, de crenças. A valorização desses encontros nos leva a um “processo de singularização”, pois leva à construção de novos modos de sensibilidade, modos de criatividade e de relação com o outro. (SILVEIRA et al, 2008, p.285)

Outro apoio está em Guattari (2001) e as *As três ecologias*. Aí ele pensa o conhecimento a partir da produção (e crise) da existência humana. Esta se articula em três domínios: meio ambiente, relações humanas e subjetividade humana, amparada na idéia de que os avanços técnico-científicos darão conta das questões e problemáticas que envolvem esses domínios. Para Guattari (2001) o debate é profundo, pois nem os avanços técnico-científicos dão conta das questões e nem as formações subjetivas existentes tem aparentado ter condição de se apropriarem desses três meios e torná-los operativos. Sendo a saída, para ele, não criar novas ideologias e técnicas, mas reinventar os modos de ser, a partir de pressupostos ético-estéticos. Num novo modelo que se aproxima mais da prática artística do que científica, em que

---

<sup>9</sup> Reflexão realizada após a leitura do texto: *A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento* (2008) de Lia Carneiro Silveira, Arisa Nara Saldanha de Almeida, Simara Moreira de Macedo, Momyk Neves de Alencar e Michell Ângelo Marques Araújo.

a experimentação é um espaço de criação na diferença, através dos encontros e do fazer a partir das intensidades e dos afetos.

Os encontros! Esse é o eixo norteador dessa pesquisa-escrita. O quanto aprendo com eles e construo novas formas de olhar ao narrá-los. Os encontros que geram outros, ligam uma história à outra e montam um enramado de significados que se sobrepõem, se juntam, se esticam construindo uma rede de conhecimentos.

Nilda Alves (2000) me ajuda ao pensar nessa ideia da rede como metáfora de construção do conhecimento. Conceito trazido pela informática e pela cibernética, resignificado pela educação para superar a metáfora da árvore (pautada na linearidade, hierarquização). Superar a partir da perspectiva das múltiplas conexões, do que se cruza sem tempo/espaço pré-determinado e que se reconfigura infinitamente, principalmente, através das zonas de contatos (os encontros). Pois, “a grande diferença da grafia em árvore é que a grafia em rede é escrita a partir da consideração de um valor diferente, aquele da *prática social*.” (LEFEVRE, 1983 *apud* ALVES, 2000, p.73) Este novo valor, possibilita tecer aprendizados a partir de outros elementos que não só o científico e o objetivo.

As reflexões acima me ajudam a olhar para o meu texto, para as narrativas, e entender como contribuo com o meu campo de estudo através dele. Pois, almejo falar da construção do conhecimento, justamente, por meio dos encontros. O que mais vivo ao narrar a viagem são os encontros de linguagens, de saberes, de percepções, de valores, de imagens, regados de afeto. Me permitindo criar uma rede de contatos...

O sujeito vai, assim, se expressando em criações que têm a ver com sua individualidade, mas, também e talvez principalmente, com a condição – possibilidade e necessidade – de ser coletivo, cultural. Essas expressões permitem desenvolver/criar conhecimentos em extensas e poderosas redes de contatos, comunicação e informações. Nelas, cada um de nós não age, somente, como consumidor, mas no uso que fazemos do que é criado pela ciência e pela técnica, e imposto pelo capital, assumimos sempre o lugar de criador, para muito além da passividade e da disciplina (Certeau, 1994). Nessa direção, Santos (1995) chega a afirmar que cada um de nós é uma *rede de subjetividades*, tecida nas relações que estabelecemos entre os inúmeros espaços/tempos (contextos cotidianos) em que nos formamos. (ALVES, 2000, p.74)

Aqui entro numa discussão difícil. O que são subjetividades? Ainda tenho dificuldade para responder. Assumo que me falta certa vontade para dizer o que é ou deixa de ser. Isso, me aflige, pois me coloquei em uma posição em que entender parece ser fundamental. Entendo as subjetividades como sendo a forma como cada um lida com o que acontece consigo em relação com o outro, com o campo social e

cultural de que faz parte. Mas sigo com as dúvidas e inquietações ao adentrar nesse lugar desconfortável.



---

Assim, essas conversas me ajudaram a pensar que minha escrita necessariamente precisa ser (e é!) ética e estética, como o processo de educação que vivo. Ética por ecoar uma verdade, minhas vontades e atitude política diante do ato de educar e de escrever. Estética porque se aproxima mais da arte do que da ciência – arte como linguagem – a potencialidade de usar a arte como expressão da criatividade.

---

A arte enquanto forma de estar no mundo e, também, como expressões artísticas são parte de mim. Vou contar um pouco.

Meu pai pinta quadros muitos expressivos. É sua forma de colocar as emoções para fora, de *olhar* para o mundo sensivelmente. Sua marca são traços fortes, rostos e olhares. Quando pequena achava o máximo os domingos em que meu pai decidia abrir suas caixas de tinta, pegar um papel mais duro, abrir um espaço na sala e pintar. Ficava tudo uma zona e eu adorava. Eu sempre pintei com ele. Não sou muito boa de desenho, mas gosto dos traços e meu pai sempre me disse que eu tinha um “senso estético apurado”. O que isso significava eu não sabia...

Quando terminei o ensino médio e não sabia muito o que faria de faculdade resolvi expressar um pouco de tudo no vestibular. Prestei só para as públicas, para três

carreiras distintas: para Rural, UFF e Viçosa foi Biologia; para UERJ foi Artes Visuais; e para UFRJ, Produção Editorial. A Biologia era minha inquietação com as tais *mudanças climáticas*, a crise ao ver a natureza se indo, a vontade de fazer algo por isso. A Produção Editorial era a expressão do meu tal senso estético na produção, tão falado pelo meu pai. As Artes Visuais era a vontade de ter espaço para ser arte.

Passei para Biologia e para Artes Visuais. Fiz dois períodos na UERJ antes de ser chamada para Rural. Foi o momento que mais aprendi “dentro da sala de aula” em toda a vida. Adorava o curso, produzir, ser instigada a pensar sobre cada ato. A aula de performance, por exemplo, era pensar sobre o fato de se criar cotidianamente. Fiz dois grandes amigos, a Bia Pimenta e o Avelino, outras fontes de aprendizados. Era um encontro. Ela uma menina-mulher de Santa Cruz da Serra (Caxias) e ele um cara, negro, pobre, de uns 50 anos, trabalhador de Queimados, querendo aprender mais sobre o seu prazer. Os dois eram artistas de alma e de coração. Viviam a vida como arte. Para mim, foi o encontro com outras classes sociais, outras doideiras, outros afetos, outros olhares. Tinha 18 anos e era levada por eles. Avelino, que era alto, abraçava nós duas de uma vez só e adorava nos ver como filhas-amigas. Fizemos aulas de desenho, sobre desenhar com o lado direito do cérebro, com Avelino. Não aprendemos quase nada, mas poder passar tardes juntos era incrivelmente educativo.

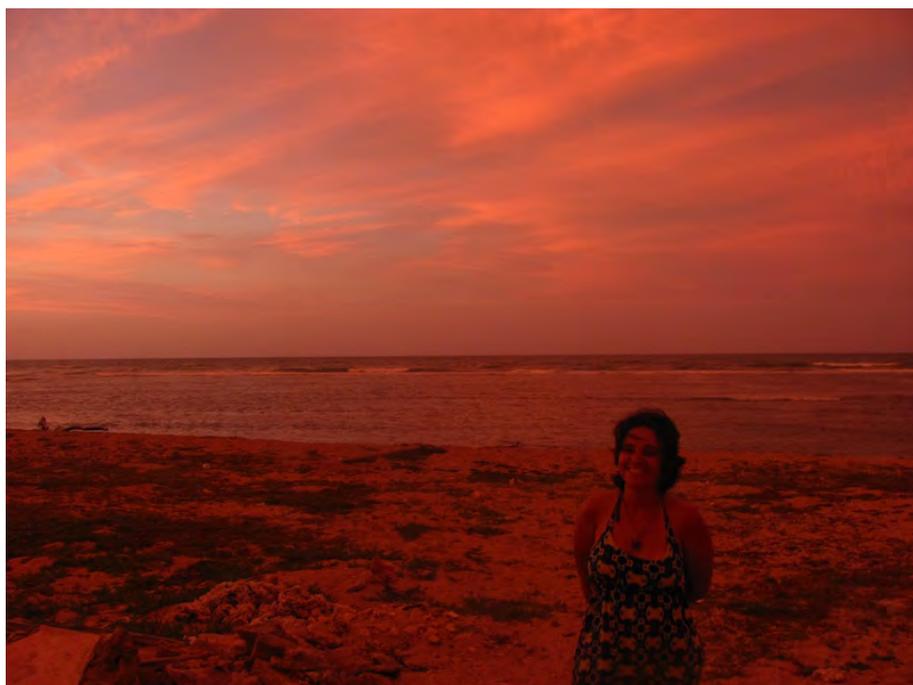
A Bia era uma pessoa daquelas que coloca tudo na mesa, seja bom ou ruim. Tem pouco tato social, mas para mim isso era ótimo. Não sei para ela. Várias frases de Bia ressoam até hoje na minha cabeça. Ela adorava me zoar porque eu era (sou) pequena burguesa, zona sul, menininha classe média do Rio de Janeiro. Eu não ligava, por ser ela quem dizia. Adorava ter uma amiga suburbana, artista e vanguarda de tudo. Lembro um dia que ela foi lá em casa almoçar, um sábado, eu acho. Foi um almoço daqueles, comida, sobremesa, cafezinho, licor...sem fim. E ela para me sacanear, falou num momento: *aqui me sinto brincando de casinha. Cada momento tem um pratinho, uma xicrinha diferente. Parece uma novela, é irreal*. Eu ri e fiquei com isso na cabeça. Sacava que ela gostava de me provocar. Foi bom para eu perceber tudo o que tinha, valorizar e saber que gostava de ter. Lutei e luto muito para que todos possam ter. Mas não nego o prazer dos “luxos” que tenho.

Enfim, durei pouco na Arte. Porque não achava que seria artista, não queria estudar na UERJ (seguir na vida casa-faculdade-casa), queria sair do Rio e fazer algo útil (uma idéia da época). Fui para Rural e para a Biologia. Consegui o que queria, mas fui para as salas de aula menos prazerosas de todas. Não me arrependo de nada, aprendi na Rural o que buscava, aprendi com a arte da vida e adentrando em todos os

cantos da universidade. Questiono minha formação, mas acho que faria isso com qualquer uma delas. Mas, adoro que a Artes Visuais, a Bia e o Avelino tenham feito parte da minha história.

---

Sigo um pouco mais e adentro na arte como linguagem da vida, trago o meu corpo para escrever a história. Ele passa, se coloca no mundo como uma das fontes principais da produção do conhecimento, nós somos conhecimentos em movimento, num estado presente e transitório...



Somos o corpo do afeto, segundo Deleuze e Guatarri (1996), o espaço de conceber o desejo, ambientes de pura produção. Nos encontros de corpos e linguagens surgem os afetos, intensidades ou forças desejantes, e, os afetos aumentam/diminuem a potencia do sujeito. Daí nascem as aprendizagens. A *sociopoética* considera, assim, o corpo inteiro – emocional, intuitivo, sensível, sensual, gestual, racional, imaginativo – como fonte de conhecimento.

O corpo como desencadeador de potências criadoras e a arte como ferramenta revolucionária de compromisso com a produção de vida. Da produção de conhecimento como acontecimento *poiético* (de criação, de invenção). Um conhecimento na contracorrente da *verdade* da ciência moderna. Gerando um outro tipo de produção, mais sutil, talvez, menos esperada.

Afinal, na educação sinto que estou todo o tempo me deparando com

encontros, com a necessidade de atos criativos e com os afetos. Como negar a existência das paixões, dos desejos e das angústias ao aprendermos? Vivo todas essas sensações agora. Como negar, por exemplo, que a relação entre professor-aluno é fundamental?

Difícil lembrar de algo que tenha aprendido com uma professora que odiasse. Talvez no ensino médio, onde aprender não era uma escolha. Mas lembro tanto da Celeste, na pré-escola me ensinando estar em coletivo; da Fátima, desde a alfabetização até a segunda série (gostava tanto dela que aprendi todas as tabuadas e até hoje me serve muito); da Flávia nas aulas de redação (as rodas, conversas); do Ulisses ensinando as coisas mais complexas da matemática com um carinho sem fim. Esses, dentre tantos outros, foram fundamentais para eu pensar hoje como aprender requer lidar com sensações.

Enfim, diante da imprevisibilidade da vida o que a ciência moderna inventou? Se me der uma balança e um metro eu controlo o mundo. Nas salas de aula, em geral, não há espaço para um acontecimento ou uma aventura. Que tal se parássemos e nos preparássemos para estar na aula (e não preparar a aula), no texto penso como ando me preparando para tal compromisso.

*“Eu sempre guardei nas palavras os meus desconcertos”*

*Manoel de Barros*

Um pouco depois da minha qualificação, já depois de mais de um ano de mestrado, recebi um e-mail com o título *Comunicação* e me senti como no dia que peguei o avião *Rio – Caracas* e iniciei minha empreitada pela América Latina. Algo como se perceber desprotegida, numa situação limite diante dos fatos da vida.

Era um e-mail da minha antiga orientadora, que em poucas palavras dizia que não poderia mais me acompanhar. Já havia resolvido as questões burocráticas e conversado com o professor Valter Filé para ele assumir esse papel. Fiquei um pouco chateada, achando que faltou diálogo (mesmo sabendo os motivos), mas como no dia que entrei no avião, apesar de com medo sabia que boas coisas estavam por vir.

Tinha essa certeza, pois minha pesquisa precisava de uma reviravolta, o caminho estava truncado. Havíamos nos acomodado em uma situação de poucas encruzilhadas porque outras questões da vida nos cobravam dedicação emocional. Mas tinha chegado ao momento limite. Como ao sair de viagem era o momento de chacoalhar minhas bases. Entrar no avião e receber esse e-mail foram as mudanças necessárias para que eu pudesse me encarar de frente.

As mudanças são internas, mas certos deslocamentos tornam-se importantes para nos colocar de frente com nossas inquietações.

---

A entrada no mestrado em muitos momentos pareceu um erro. Não estava preparada para encarar a Universidade em suas estruturas e formas mais evidente.

Voltei de viagem perdida, sem chão. Depois de ter vivido um ano sem casa, estava voltando para casa da minha mãe (fazia faculdade fora e só passava os fins de semana lá) e um pouco deprimida. O final da viagem foi difícil, não segurei a onda de estar sozinha (passei o último mês da viagem sem a Luna) e voltei para casa um mês antes do planejado. Voltei, mas rapidamente já não queria ter voltado, não sabia o que queria fazer. Não conseguia aceitar que a vida se resumia a acordar, trabalhar, dormir e ter algum pequeno lazer nos finais de semana. Durante a viagem conversávamos e

víamos a beleza do mundo, dos seres humanos e na volta me dava medo não conseguir mais vê-las.

Escrevi, na época, sobre a sensação de ser estrangeira ao retornar à casa...

---

### O Estrangeiro

Quem é o estrangeiro nessas terras? E nas terras alheias?

Vivo num mundo em que muitas vezes não sei o que me define, o que quero e o que me conforta. Será que sou um estrangeiro desses ares?

Caminhei um tempo por outras terras e vivi o que o dicionário define como estrangeiro. Outra Língua, comidas, vestimentas e histórias.

Agora que voltei, me sinto um pouco estrangeiro por aqui, vivo e não vivo ao mesmo tempo, já não sei mais diferenciar o que é comum e incomum.

A casa que me acompanhou por dentro em toda a caminhada já não está mais comigo e a realidade, a materialidade, me assusta.

Ver e viver o comum, o que está e segue estando, o que é e segue sendo, e viver o que fica, o que não muda, me assusta.

Me sinto a estrangeira mais estrangeira de mim mesma.

O dicionário diz em sentido figurado que o estrangeiro é o que não pertence a algo, seja a uma classe, um meio, uma região e etc. Um estranho.

Eu sinto que não pertencço a mim, nesse momento.

As terras que passaram e as que estão abaixo dos meus pés agora estão em mim, pertencem a mim, mas eu mesma, não.

O tempo, o espaço, a memória, a sociedade, a história, cobram um pertencimento, mas eu não sei onde colocá-los. O que dizer a cada um deles ou responder as perguntas que me fazem.

Cada elemento que busca seu lugar e não encontra afunda o coração no estrangeirismo e a profundidade dessa sensação pode trazer ao desespero, a loucura ou a liberdade de não dar respostas a si mesmo.

O que fazer quando nos sentimos inabitáveis?

---

Uma parceira de encruzilhadas, integrante do grupo de pesquisa que me acolheu depois da mudança, me falou algo ao ler esse texto que ficou na minha cabeça. Ela disse: “você estava tão cheia nesse momento do retorno que não havia espaço para permitir sentir-se inabitada, quanto mais vazio estamos mais coisas ecoam. Você não tinha espaço para si mesma.” Achei as palavras dela lindas e realmente fazia sentido. Era muita coisa a ser decifrada, compartilhada, e eu não tinha menor idéia de como faria isso.

No meio disso, arrumei um trabalho que sempre quis, um desejo de outros tempos que não havia sido realizado. Na editora de um amigo, a 7Letras. Uma das coisas que me acompanhava desde a viagem era o dever do trabalho, uma culpa classe média de chegar aos 25 anos sem nunca ter trabalhado com chefe e horário.

Trabalhei uns 6 meses na editora e tive certeza que aquela era uma vontade de outra época. Não fazia sentido. Foi bom ter me colocado nessa situação, pois impulsionou à buscar novos caminhos. Nesse momento, fazer o mestrado parecia uma boa opção, além de ser uma etapa de vida quase obrigatória no espaço que habito. De quem quer trabalhar com projetos sociais, pesquisas e, quem sabe, um dia dar aula na universidade. E tinha alguma vontade de fazer, também. Assim, reuni algumas idéias e escrevi um projeto.

Juntei a viagem que tinha feito e da qual achava ter coisas a falar com a vontade de discutir sobre educação popular freiriana e a apropriação dos seus princípios pelos movimentos sociais em suas práticas políticas organizativas; com a vontade de discutir América Latina e os atuais processos políticos; com a metodologia autobiográfica que trazia da minha monografia; com uma vontade antiga de pesquisar alguma experiência educativa do MST. Juntei o que gostava, mas que não necessariamente tinha vontade de pesquisar.

O Programa de Pós Graduação em Educação da UFRRJ se tornou uma possibilidade, eu já conhecia desde 2010 quando estava me formando na graduação. Na época, antes de ter certeza da viagem, pensava em prestar para lá. Mas uma amiga professora da Rural, dizia: “Marina, vai conhecer outras coisas. Voe por outros cantos. Você já fez a graduação aqui”. Na época eu entendia e aceitava. Mas no final de 2012 a situação era outra.

Neste momento, estava organizando um curso de formação política sobre América Latina, enquanto militante do Levante Popular da Juventude<sup>10</sup>, de que fazia parte na época. Estava na entrada do curso e chegaram duas amigas da rural dizendo que iam tentar o processo seletivo do PPGEDUC, que começaria dentro de uma semana. Naquele momento pensei: “vou tentar”. Em uma semana organizei tudo. Tirei uma boa nota na prova e meu projeto parecia interessar à minha orientadora. Assim, entrava para o mestrado com bolsa.

No início de 2013, começava a vida de mestranda. Em pouco tempo já estava decepcionada. Imaginava que iria me formar e que sairia dali com um novo rumo a seguir, mas logo me vi cometendo o mesmo “erro” que sentia ter cometido durante a graduação, me ver perdendo tempo dentro da estrutura da qual questiono. Parecia que as coisas aconteciam apenas para cumprir com cargas horárias, metas e pontuações. Vi pouquíssima gente, juntando professores e alunos, dispostos a mexer com as estruturas, a questionar e pensar sobre o conhecimento, a educação, e as escolas de forma profunda. Não conseguia entender o que me fazia estar ali. Nada fazia sentido, nem mesmo a minha pesquisa. Realmente estaria disposta a abrir mão do fato “de ter passado num mestrado” caso eu não possuísse uma bolsa e não tivesse o compromisso de honrar aquele dinheiro público destinado a mim.



---

<sup>10</sup> O Levante Popular da Juventude é uma organização nacional de jovens, que estão organizados em escolas, universidades, bairros de periferia, campo e cidade. Ele possui autonomia em relação a partidos políticos e busca organizar a juventude para conquistar seus direitos, tais como educação de qualidade, melhores condições de moradia, transporte, acesso à cultura, etc. No Rio de Janeiro está organizado na cidade de Seropédica, na capital do estado e em Niterói.

---

Meu lado mais místico, seguia em algum canto acreditando que as coisas tinham um sentido de ser. Por algum motivo eu estava ali.

A relação com a minha orientadora era distante, ela vinha passando por problemas familiares bem complexos e não havia possibilidade de cobrar dela maior presença. Meu lado mais racional me fazia acreditar que a vida adulta era distante. Já não haveriam mais as relações de acolhimento, amizade, que são as que gosto de criar com as pessoas com quem faço as coisas. Hoje penso que é uma loucura acharmos que a vida adulta funcionará sem o prazer das nossas vontades mais infantis. O que nos move é o que “mexe” conosco, seja na idade que for.

Deixei meu tempo ser preenchido por outras coisas. Fiz meu texto de qualificação no meio disso, sem certezas, juntando várias discussões, colocando outras que a minha orientadora me pedia. Não conseguia ver que caminho poderia tomar, apesar de saber que de alguma forma as coisas iam se ajeitar.

Nesse momento, recebi o e-mail.

---

Fiquei uma semana pensando, tentando decifrar os fatos. Mas questões burocráticas me fizeram entrar logo em contato com o professor Valter Filé e ali começava uma nova fase do mestrado. Um mês depois participava da primeira reunião do Grupo de pesquisa Conexões da Baixada Fluminense e começava a entender o porquê de estar ali, fazendo esse mestrado e tendo “ocupado” dois anos da minha vida com essa estória. Começava a pensar, a questionar lugares de conforto e, conseqüentemente, a caminhar com minha pesquisa.

As duas reuniões semanais do grupo de pesquisa no início me pareciam um exagero e eu me perguntava “para quê?”, mas depois começou a ser fundamental para o processo de organização mental, para ter tempo para discussões que mexem com as nossas estruturas e para o pensar coletivamente.

Sempre gostei de estar rodeada, mesmo que em silêncio. Na escola buscava os grupos. Fui parte do jornal, do grêmio, da rádio, do coral e tinha vários grupos de amigos. Gosto da idéia de grupo. Na Universidade foram vários outros: da biologia, da educação ambiental, um que era um centro cultural/restaurante natural, de agroecologia, da luta pela reforma agrária. O tempo todo buscando e criando grupos.

Um motivo que fazia com que o mestrado me amedrontasse era o fato de ser um trabalho individual. Teria que ficar sozinha! Na frente do computador. Amigos

que me conhecem bem diziam para eu compartilhar meus textos, construir uma rede de apoio para escrita, pois sabiam que sozinha eu não estava bem. Mas o que eles não sabiam é que não havia o que compartilhar.

Assim, somente no final de agosto de 2014, eu começava a me sentir entranhada em uma pesquisa e, novamente, o coletivo se fazia presente e fundamental. Através do grupo Conexões: ao ouvir as histórias de cada um se transformando em pesquisa, ao colher pensamentos que se agregam e ao entender conjuntamente aonde nos colocávamos no campo da Educação. Me aproximava da *pós-modernidade* como forma de pensar a construção do conhecimento e a educação.

---

Na minha trajetória militante a palavra *pós-modernidade* sempre ocupou um lugar de pouco apreço, de negação da história e da luta das classes oprimidas e trabalhadoras. Era algo usado para maldizer algum processo, para falar que alguém fazia algo desimportante e para negar outros caminhos. Isso me acompanhou e, mesmo a conhecendo pouco, eu tinha certo rechaço pela idéia de pós-modernidade.

Nunca me senti, tampouco, como uma marxista bem localizada e sempre me incomodou o fato de ter que ser X ou Y e não poder ser meio X e meio Y. Falo isso no campo das idéias. Na prática política meu lugar sempre foi junto aos marxistas. Pois eles são os que mais se entranham nos caminhos de mudança que quero fazer parte e de forma disciplinada e organizada. Por isso, acabei tomando como minhas as suas palavras e convicções, mesmo que na prática mesclasse um monte de coisas. Sempre fui uma pessoa da prática e da escrita sobre ela. Não o contrário. O que sinto e tento falar nos espaços que convivo é que na prática todos os que querem mudar a estrutura da sociedade estão bem mais juntos do que parece.

No campo das teorias militantes o que mais me incomoda é a dureza, acho que não dialogam com a realidade, com os anseios e demandas mais intrínsecas do ser humano. Precisamos da liberdade, da poesia, das possibilidades múltiplas de pensar as mesmas coisas, da literatura, da arte. Talvez anseios que sejam meus e que eu preciso contemplar para conseguir escrever. Acho incrível quem consegue ser sistemático e escrever sobre algo com a distância necessária para criar uma tese complexa sendo capaz de dialogar com diversas teorias. Definindo seu espaço com pouca interferência das emoções. Sempre tive inveja dos amigos capazes de fazer isso. Acho eles incríveis e amo os ter por perto. Mas não sou assim e demorei para aceitar.

Digo tudo isso para ser possível entender meu encontro, meio no susto, com as

discussões sobre pós-modernidade no grupo do professor Valter Filé, e como foi difícil encará-las. Como doeu em mim, apesar de perceber como um espaço interessante, que me permitia caminhar. Frases de amigos, companheiros militantes, ecoavam na minha cabeça enquanto eu vivenciava outra forma de olhar para a sociedade, para a educação e para os sujeitos. Ecoam até hoje, além da cobrança que existe dentro de mim que segue me dizendo que tenho que ser X ou Y e eu continuo querendo ser mais ou menos um e outro. Era, também, o momento de deixar minha ingenuidade de lado e saber que teria que assumir uma posição, mesmo que fosse apenas naquele momento.

Assim, com dificuldades pelo caminho, estou aqui. Assumindo que minha contribuição vem através das histórias das pessoas, dos olhares sobre os microprocessos de transformação da sociedade, sobre a narrativa das experiências vividas, sobre a possibilidade de olhar a América Latina, alguns grupos e seus processos políticos através de mim, e dos olhares que construí.

Dizer que foi um caminho fácil é mentira, mas faço o melhor que posso agora e, acredito ser a maior contribuição que posso deixar para o campo da educação e para história composta de milhares de histórias.

---

*Nosso conhecimento não era de estudar em livros  
Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos  
Seria um saber primordial?  
Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor  
e não por sintaxe  
A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras.  
Um dia tentamos até de fazer um cruzamento de árvores com passarinho  
para obter gorjeios em nossas palavras. Não obtivemos.  
Estamos esperando até hoje.  
Mas bem ficamos sabendo que é também das percepções  
primárias que nascem os arpejos e canções e gorjeios.  
Porém naquela altura a gente gostava mais das palavras desbocadas.  
Tipo assim: Eu queria pegar na bunda do vento.  
O pai disse que o vento não tem bunda.  
Pelo que ficamos frustrados.  
Mas o pai apoiava nossa maneira de desver o mundo  
que era nossa maneira de sair do enfado.  
A gente não gostava de explicar as imagens porque  
Explicar afasta as falas da imaginação.  
A gente gostava dos sentidos desarticulados como a  
conversa dos passarinhos no chão a comer pedaços de mosca.  
Certas visões não significavam nada mas eram passeios verbais.  
A gente sempre queria dar braço às borboletas.  
A gente gostava bem das vadiações como as palavras  
do que das prisões gramaticais.  
Quando o menino disse que queria passar para as*

*palavras suas peraltagens até os caracóis apoiaram.  
A gente se encostava na tarde como se a tarde fosse um poste.  
A gente gostava das palavras quando elas perturbavam  
os sentidos normais da fala.  
Esses meninos faziam parte do arrebol como os passarinhos.*

**Manoel de Barros**

A poesia de Manoel me fazem entender o que venho fazendo agora junto aos amigos que também tentam ser poesia dentro da universidade. Como uma ação de *desver* o mundo e construir um conhecimento que possa ser mais dos sentidos e das experimentações. Aprendi o que é o arrebol (cor da luz do sol, no amanhecer ou no anoitecer, o alaranjado) e não tive dúvida que queria fazer parte deles como os meninos e os passarinhos, pois é mágico. Talvez, escrevendo histórias, eu consiga.

---

Para finalizar, e iniciar as tão prometidas histórias de viagem, preciso pontuar algumas coisas, relacionadas ao meu compromisso ético/estético com a pesquisa, a educação e o território que vou habitar a partir de agora.

O primeiro ponto é ser honesta. Contar que nas minhas narrativas da viagem não estarão explícitas e evidentes as referências bibliográficas. Espero assim, que os leitores consigam entrar no texto trazendo-as e experimentá-lo como lhes parecer melhor. Digo isso como um alerta, pois foi o que consegui fazer. O medo era o de não sair nada, e dessa forma saiu. Então, tentei ser carinhosa comigo e aceitar, espero que vocês possam ser também. Também precisei organizar as narrativas por países. Necessitei ser um pouco cartesiana para ajeitar em gavetas dentro da cabeça. Cada país puxou muitas histórias e se organizou por si só, da sua maneira. Eles poderiam estar mesclados, mas perderia histórias e não consegui me desapegar do que tinha nas gavetas.

Todas as fotos que aparecem no texto foram tiradas durante a viagem, são minhas e da Luna. Não sei ao certo qual é de quem. Muitas são dela, talvez, a maioria. Agradeço ao seu olhar, que geralmente compartilhávamos. Todas as histórias, também, tem como fonte de inspiração o vivido pelos países latino-americanos de março de 2011 á junho de 2012, novamente não posso deixar de agradecer-lá por ter sido um pouco eu, nessa história. A narrativa vai em volta entre o eu e o nós, pois era difícil se diferenciar e realmente em muitos momentos nos víamos falando “a gente” para falar de um olhar, uma opinião. Realmente, aquele era o primeiro ENCONTRO da viagem, o encontro que permitiu que a rede dos encontros fosse armada. Eram muitos encontros numa pessoa só. Não poderia começar sem agradecer essa amizade.

Por último, preciso falar de algo um pouco mais complexo. O compromisso político que afirmo com o território que habitei por mais de um ano e com os embates socioculturais que o envolvem. Muito me questionei sobre o uso da denominação América Latina em todo o meu texto. Tenho noção do embate político que esta contido nessa nomenclatura e pensava em como me posicionar. Talvez por imaturidade teórica ou por ingenuidade política não consigo me desvencilhar do peso que a expressão América Latina carrega consigo. Ainda pertenço ao grupo em que essa denominação traz uma carga de luta, de revolução e de resistência (os anos 50, 60 e 70). Em que “América Latina” era muito mais do que o que podemos desvendar ao pensar em cada um dos termos separadamente “América” e “Latina”, dois nomes vindos de fora, instituídos pela visão e cultura do colonizador.

Teóricos e movimentos sociais de esquerda destacam a disputa política e epistemológica que esta contida na denominação América Latina, e vem construindo coletivamente a renomeação de nosso território como Abya Yala, ao pensá-lo com espaço cultural de resistência e de (auto)afirmação das identidades originárias. Pensando de que forma nos veríamos sem a presença do invasor e colonizador, a partir de outro sujeito enunciativo. Uma atitude política.

Abya Yala, na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América (...) Essa expressão afirmativa foi a que esses povos em luta encontraram para se autodesignar e superar a generalização eurocêntrica de povos indígenas. Afinal, antes da chegada dos invasores europeus, havia no continente uma população estimada entre 57 e 90 milhões de habitantes ... (PORTO-GONÇALVES, 2009, p.26)

Me posiciono nessa disputa junto ao fortalecimento e resistência das culturas locais e originárias. As histórias vividas falarão sobre isso. Mas ainda carrego comigo o peso da expressão América Latina, das músicas, textos, histórias, figuras históricas e das minhas vivências, que ainda muito se alimentam dela.

Digo isso, também, para deixar claro que narrar a partir dessas terras não é nenhuma casualidade. Não foi uma viagem que se fez independente do que significava se buscar entender em relação ao nosso território, história e práticas coletivas de resistência cotidiana. Falo de um lugar específico e trago comigo toda a beleza e força dessa terra viva, diversa e em luta por sua autonomia. A partir de um espaço que, embora não mais colonial segue ainda colonizado, lutando por sua independência territorial, isto é, o território como a junção das dimensões materiais (água, terra, biodiversidade) com as dimensões subjetivas, culturais.

Território é, assim, natureza + cultura, como insistem o antropólogo colombiano Arturo Escobar (1996) e o epistemólogo mexicano Enrique Leff (2004), e a luta pelo território se mostra com todas as suas implicações epistêmicas e políticas. Quando observamos as regiões de nosso continente que abrigam a maior riqueza em biodiversidade e em água, podemos ver quão estratégicos esses povos são e o quanto tendem a sê-lo cada vez mais diante das novas fronteiras de expansão do capital (DIAZ-POLANCO, 2004; CECEÑA, 2004 apud PORTO-GONÇALVEZ, 2009).

Assim, entro nessas discussões brevemente para deixar claro de onde parto, e qual a perspectiva teórico-política carrego comigo e que trago para o texto. Talvez conseguindo ser meio X, meio Y.



## *Parte II*

*Pé na estrada!*

## *Venezuela: a chegada e o acolhimento no inesperado*

A chegada! O fim era incerto e sempre adiado. Mas a chegada foi uma só. Impossível de ser melhor, pois foi o acolhimento do que buscávamos nos surpreendeu com o que a vida tinha de melhor para mostrar. A Venezuela foi isso: a chegada! Aquele sorriso no rosto quando depois de horas de trajeto chega-se ao destino final e há um amigo esperando. Exatamente essa sensação, os amigos foram surgindo e os sorrisos eram cada vez maiores. Foram três meses desde a entrega do trabalho de conclusão de curso da graduação até o avião pousar em Caracas. Talvez os três meses mais longos da vida, ainda mais, com um pé quebrado no meio.

---

O que tenho a dizer da Venezuela é que ela nos ensinou o que viria pela frente, sem palavras, apenas dando pequenas amostras do que é viajar sem tempo, sem guia turístico, com a abertura para o novo. Na Venezuela aprendi a ir deixando rastros pelo caminho, o que tornava aqueles lugares um pouco meus e abria mais espaço para o novo. Vou tentar aqui compor uma narrativa da junção das porções narrativas que iam contando a viagem naquela época.

Essa era a sensação da chegada:

**De: Marina Praça (mpraca88@hotmail.com)**

**Enviada: segunda-feira, 28 de março de 2011 16:20:41**

Família querida,  
como estão?

Comigo esta tudo ótimo...estou em Caracas, na Venezuela...aproveitando muito, já estou há uma semana e com uma sensação que essa viagem será infinita. Nessa semana que passou só aconteceram coisas maravilhosas, parece que quando estamos viajando temos algo que chama as boas historias e os bons encontros. Conhecemos mil pessoas e quando achamos que vivemos a coisa mais incrível...vem outra depois... conhecemos um menino na fila para ver a orquestra sinfônica de Caracas, virou nosso amigo. Ele faz historia e nos levou para conhecer toda a parte histórica, pegamos uma carona com um cara do partido comunista venezuelano, aleatoriamente, e por isso encontramos o Ivan Pinheiro (candidato presidência pelo PCB no Brasil ) que ficou nosso amigo e adorou nos ver por aqui, estamos num albergue que é um centro cultural e só tem figura!

Ontem rolou a melhor historia ate o momento...um lindo domingo

de sol, resolvemos fazer um passeio turístico, ir no teleférico da cidade, que dá para ver tudo, um lugar lindo! Ficamos PRESAS lá em cima! Uns 40 minutos com o carrinho balançando igual uma montanha russa! achei que isso nunca aconteceria comigo...muito menos em Caracas. Estávamos com um casal que ficou mais desesperado que nós. Por incrível que pareça fiquei tranquila, pensava...em último caso um helicóptero vem nos buscar. Fiquei fazendo umas pulseirinhas hippies que aprendi e a Luna meditando. Torcendo para que o casal ficasse calado. Foi uma aventura e tanto...depois disso tudo ficou ainda mais maravilhoso! É isso! Mando mais notícias depois! beijos  
ps; o pé tá 95%!!!



Caracas era o que necessitávamos naquele momento. Fizemos amigos, nos alojamos em um centro cultural cheio de vida, acompanhávamos o debate político-social intenso pelas ruas e, predominava a ótima sensação de que tudo era diferente. O que mais precisávamos para começar a viajar?

**De: Marina Praça (mpraca88@hotmail.com)**

**Enviada: terça-feira, 12 de abril de 2011 11:08:23**

Amigos amados e família,  
Como estão???

Queria ter tempo para escrever para cada um...falar das sensações, saudades e maravilhas que tenho visto e sentido. Mas infelizmente o tempo corre...e que bom que corre...pois significa que ele tá sendo bem vivido. As coisas estão intensas, esses 20 dias, parecem uma vida...mas que bom que por enquanto uma vida sem fim, sem data para terminar. Cheguei em Caracas e vivemos uma vida, depois ficamos 4 dias com um amigo na casa dele e foi uma outra vida, depois

passamos uma semana em uma ilha alucinante sem água doce e foi a terceira vida...agora vamos pra próxima! Todas as vidas parecem um pouquinho de nós e alimentam um pouco as nossas variadas buscas, que são da descoberta, são para alimentar a alma, e tentar lidar com as angústias, tudo junto e tudo temperado com o excêntrico da língua, da novidade, da não casa e onde qualquer lugar pode transformar-se em casa.

Estávamos conversando que temos que ser mais realistas e deixar de falar que vamos ficar um-dois dias, temos a necessidade de ficar o tempo de sentir-se em casa por mais estranha que ela possa ser, só assim, a viagem se torna um emaranhado de habitações, cada uma com seu gostinho, sua beleza, suas fragilidades. Quando parar para ver terei milhares de casas e serei um pouquinho de cada uma delas! Não sinto falta de casa, penso em cada um de vocês, na minha mãe, pai, no Heitor...e sinto falta...mas de casa não!

Amo vocês e quero notícias das coisas, do Brasil e de tudo!  
Beijos e cafunés

Ali, começávamos a entender o papel que cada pessoa, lugar e estranheza teriam na história. O que eram todas aquelas casas? O que havia ali que tanto acolhia? Pura vida, a casa era sinal de que se abriam as portas para experimentar aqueles espaços, à fundo. Só em casa remexemos nas coisas, mudamos de local aquilo que parece fixo. As casas estranhas era a vontade de se entranhar no novo, entender o diferente, mas por dentro da estranheza. Estrangeira que não queria o turismo como porta de entrada.

---

A primeira casa que encontramos foi a própria Venezuela e seu momento político. A casa perfeita, naquele momento, acolhia, gerava a tal estranheza, remexia o que parecia existir só nos sonhos.

Trecho de texto escrito para Revista Vírus Planetário (Outubro de 2011):

A Venezuela foi uma surpresa boa. O primeiro choque foi ver nas paredes, nas caixas de produtos, na frente do exército as palavras Socialismo e Revolução. Os produtos do governo com um coração e dentro a frase: "Hecho en socialismo", na frente da polícia está a frase: "Socialismo o muerte". Sentimos na Venezuela o chamado "Socialismo do Século XXI": a distribuição da riqueza, o MERCAL (mercado subsidiado pelo governo com produtos a baixo custo), cada produto com um artigo da constituição, a "Misión Barrio Adentro" (com postos de saúde dentro das favelas e periferias e médicos

cubanos fazendo atendimento primário), as donas de casa recebendo salário por seu trabalho, ou trabalhando com a comunidade com a "Misión Madre Del Barrio", a gasolina a preço baixíssimo (tanque cheio a 1 dólar) e a construção de milhares de casas por todas as partes do país.

A cultura política está presente nos venezuelanos em toda parte. Ouvíamos e discutíamos política o tempo todo. Fosse de direita ou de esquerda, chavista ou não, todos tinham uma opinião e queriam debatê-la. Até os opositores nos diziam que com a entrada de Chaves a política se massificou no país. Escutamos um motoboy da "Organização dos motociclistas pelo socialismo" falando da mobilização realizada por eles, apoiando a volta do presidente, na tentativa de golpe em 2002, quando milhares de pessoas saíram às ruas; ele nos contou da formação política (publicação de livros e discursos na televisão e nas ruas), citou Rosa Luxemburgo e disse que se algo acontecer com o presidente os motoboys estariam dispostos a ir para luta.

A organização por bairros em comunas, a universidade bolivariana estruturada no extramuros, o financiamento massivo de projetos com caráter organizativo e comunitário, dava sinais da construção de uma sociedade pautada na coletividade e não no individualismo. Entendíamos na prática a importância do empoderamento do povo nos processos de transformação da sociedade.



Os opositores falavam da corrupção, do enriquecimento dos boliburgueses e da perseguição política, todos motivos sérios. Desse lado da história o mais forte que escutamos foi sobre uma consulta popular na qual o governo tornou público o nome daqueles que votaram contra a decisão governista. Esta foi uma das contradições da Revolução Bolivariana que mais nos marcou e nos fez perceber que o respeito à diferença segue sendo um grande obstáculo nos processos revolucionários.

Mesmo com todos os processos de transformação a estrutura capitalista ainda existe, uma das particularidades do projeto do "Socialismo do Século XXI". A tradicional elite financeira domina os meios de comunicação, a terra e a entrada de artigos importados.

Contraditoriamente, essa elite também é admirada pela população devido ao seu status social. A lógica do consumo está presente e todos comentam que há muito dinheiro circulando.

A polarização é real e forte, e apontada pelos venezuelanos como algo negativo do governo. Diante dessa conjuntura vimos o enfrentamento diário nos jornais e nas ações perpetradas pelo Estado contra essas elites, desapropriando terras e empresas e construindo na imprensa pública outra "verdade oficial". Ficamos com a esperança que esse processo possa se consolidar e se ampliar na direção de uma sociedade mais justa e igualitária. Mas isso só a história dirá.

---

Chegamos lá em março de 2011, o Chávez ainda estava vivo, em seu terceiro mandato, muita coisa havia acontecido e as mudanças já se faziam visíveis. De entrada ficava evidente que não entendemos nada do que acontece nos países vizinhos a nós. Tivemos o impacto de chegar num país que estava se propondo a construir uma outra sociedade, uma sociedade que eles chamavam de socialista e vinha sendo feita através de uma "Revolução", denominada Bolivariana.

Era um projeto de sociedade personificado, com um "salvador". Nas eleições depois da morte de Chávez, quando o sucessor dele - Nicolás Maduro - ganhou com uma porcentagem mínima, evidenciava-se a sensação que tínhamos de que quando as pessoas falavam "o meu presidente", se referiam a ELE - Chávez. Todo domingo Chávez ia para TV – no *Alô Presidente* - das 12h as 17h, meio Domingo do Faustão, falava da vida, da infância, da formação política, contava histórias, ligavam para ele,

conversavam, ele dava ordem para os ministros, ao vivo.

Três histórias foram marcantes e podem nos instigar a pensar sobre a Venezuela:

A primeira delas foi de uma estudante de serviço social, que nos levou para conhecer um abrigo e uma central de cooperativas, nos contou que participou de um processo formativo do exército bolivariano para civis que desejavam aprender a manejar armas. Uma formação para guerra, dentro da legalidade. Ela tinha 22 anos, sabia manejar e montar armas. Era uma menina e falava da importância de se preparar por que não sabia o futuro do país, que conflitos podiam vir a surgir.

A outra foi na casa onde assistimos o “Alô Presidente” conhecemos Dona Eva, mãe de nosso amigo. Ela era dona de casa e nos contou que a Revolução havia mudado sua vida. Depois de participar das *Missiones* e dos espaços comunais de decisão, ela elaborou um projeto para o bairro de tratamento da água e do esgoto e apresentou a municipalidade. Ela se tornou coordenadora do projeto, juntava os vizinhos e ganhava uma bolsa para tal. O governo estimulava que os cidadãos fossem os sujeitos das transformações necessárias em seus territórios.

A última história era sobre o município de Torres no estado Lara, que não conhecemos, mas que mais de uma pessoa nos mencionou. Neste local uma frente de organizações e partidos se juntou para disputar as eleições, venceram e propuseram uma governabilidade amparada totalmente em processos participativos: orçamento participativo, divisões de tarefas por bairros, decisões em pequenas comunas que iam para uma assembleia geral. Assim, se resolvia coletivamente as situações que eram de interesse comum.

Boron (2010, p.38) usa as palavras do venezuelano Simón Rodríguez em seu livro sobre o Socialismo do século XXI, para falar sobre esse processo, diz: “*ou inventamos ou erramos. Não há modelos para imitar. Pode haver experiências que sirvam de fonte de inspiração, mas nada mais que isso.*” Precisamos inventar, e é isso que as narrativas me levam a pensar sobre a Venezuela. Um processo cheio de erros e contradições, mas uma invenção. O socialismo do século XXI nada mais é que um slogan para um novo processo, surge após o fim do socialismo real na URSS e como resposta ao avanço neoliberal pós queda do Muro de Berlim. Parece uma categoria sendo criada, sem tantas caracterizações prévias, um pouco do que vem sendo pensado sobre a América Latina nessa narrativa. Um processo em busca de justiça, igualdade e direitos para os historicamente sem direitos. Os movimentos sociais como atores-chaves, como o proletariado em outros tempos, assim como as ações coletivas

cotidianas como os atos fundamentais para construção dessa história. Um processo próprio dessas terras.

---

### Conversas sobre rodas: o Socialismo (outubro de 2011)

Em horas na estrada, após a leitura de "Viagem pelos países socialistas" (García Márquez), começamos a pensar: o que é o socialismo? O que acreditamos e queremos construir? Chegamos a conclusão que não queríamos comparar os processos e enquadrá-los dentro de uma visão já muito carregada de sentidos. Então percebemos que, para nós, independente do nome, o que importava era a possibilidade da construção de uma sociedade baseada em outros valores e ações. Onde a grande maioria da população possa ser protagonista da história e a riqueza se traduza em vida e felicidade para todos. Foi um pouco disso que sentíamos na Venezuela e nos fez sorrir.

---

Era o caminho sendo construído a partir das histórias que escutávamos e vivíamos, as conjuntura política abria a cabeça para as reflexões, mas o fato de ser caminhante naquele momento não exigia que as encruzilhadas no pensamento viessem problemas. A proposta era seguir sem precisar assumir posições, elas naturalmente vinham através do próximo passo a ser dado.

*Caminante son tus huellas el camino y nada más;  
caminante, no hay camino se hace camino al andar.*

*Al andar se hace camino  
y al volver la vista atrás  
se ve la senda que nunca  
se ha de volver a pisar.*

*Caminante no hay camino sino estelas en la mar...*

***Caminante***

*(Poesia de Antônio Machado na voz do venezuelano Joan Manuel Serrat)*



---

As casas foram aparecendo e as vidas surgindo junto à elas. Eram diversas e intensamente simples. Abaixo um escrito da época sobre elas, preenchido com elementos extras em dois momentos especiais, acho que a diferença será de fácil identificação:



**Marina Praça escreveu uma nova nota - 8 de maio de 2011:**

**Um mês e meio pela Venezuela...Minhas casas e vidas**

**10 dias em Caracas - Nossa casa:** Ateneo Popular(albergue autogestionário com pessoas muy buena onda) - **A vida:** a Revolução Bolivariana, as areperas e cafés socialistas, seu povo e as controvérsias de uma cidade grande

**3 dias em La Vitoria - Nossa casa:** a família simples e chavista de Gradyelis, Eva e Oscar - **A vida:** viver o comum, refeições em família, visitar amigos, a prova do melhor rum e muita cuba libre, comer cachapa, as trocas infinitas com o amigo Gradyelis, ver filmes, ler o jornal, todos juntos em casa, em família

Gradyelis conhecemos na fila para ir assistir a Orquestra Sinfônica da Venezuela, ele nos ouviu falando em português e veio puxar papo. Se tornou nosso primeiro grande amigo da viagem, nos encontramos diversas vezes. Gradyelis fazia faculdade de história, trabalhava em um periódico do estado e acreditava no processo político da Revolução Bolivariana. Ele foi nossa forma de acompanhar os processos políticos a partir de uma pessoa comum, dos seus hábitos, olhares, familiares, amigos (prós e

contra) e de seguir acompanhando os acontecimentos depois de sair do país. Os encontros com ele seguem.

**5 dias em Chichiribite – Nossa casa:** a barraca (um presente) na sala em ruínas de Jesus, tomando banho de balde e sentindo o vento passar pelas frestas das paredes destroçadas. – **A vida:** cozinhar, visitar os amigos argentinos da Chancha Viajeira (um casal que esta viajando de van da Argentina ao Alaska com uma energia transbordante), produzir artesanatos e conversar sobre a nova vida de companheiras viajantes.

**5 dias em Cayo Sombrero – Nossa casa:** barraca numa ilha paradisíaca que tinha como vizinhança e família apenas um casal de argentinos (maravilhosamente tímidos). – **A vida:** cozinhar na lata, dormir cedo e muito bem, pegar sol, ver o dia passar olhando um mar cristalino e uma areia branca como a neve, conversar no fim da tarde com Iolanda (uma senhora marcada pela vida sofrida de “Guardadora de Banheiros”), deitar no fim da tarde e sentir a brisa tocar no rosto trocando as mais simples sensações e no fim de semana ir ver os turistas fanfarrões e vender nossas *artesanías*.



**10 dia no Vipassana (curso de meditação) – A casa:** uma cama num quarto compartilhado em um sitio maravilhoso na montanha – **A vida:** sem falar, sem trocar com ninguém senão consigo mesma, o dia inteiro meditando e tentando se entender, autoconhecimento, processo de cura da mente - o dia: das 4h as 21h de meditação e na tentativa de se acolher.

**7 dias em Piedras Negras – Nossa casa:** a casa em obras de Ynesca e Otávio (um casal lindo que nos recebeu como família) na frente da Praia, num povo de 50 pessoas que parece um conto de Garcia Márquez. – **A vida:** tomar café em família, caminhar, ver o pôr do sol e conversar, conversar...visitar o ponto mais extremo da América do Sul (Cabo de San Roman), tomar café com *galletas*, churrasco com os obreiros, bate papo com Juan, rir, *hacer broma*, rir mais e conversar.

Octávio era biólogo e um sonhador. Vivia na cidade de Piedras Negras, estava gerenciando a construção de uma pousada e havia chegado na região por conta do trabalho com cultivo de camarões. Piedras Negras era um povoado no meio de *médanos* (dunas), a coloração era cor de areia marcado por um horizonte infinito. Um lugar estranho se não fosse a presença de Octávio e Ynesca. Chegamos à casa dele através de um contato do Curso do Vipassana. Contamos para um menino que íamos em direção a Coro, ele disse que tinha uns amigos pela região que estavam construindo uma pousada e podiam nos receber. A pousada estava longe de ser um ambiente para ficarmos (não tinha nem paredes ainda) e a casa deles também estava em obras, então ficávamos em um quarto no meio de escombros. O menino do curso mal os conhecia, era um amigo de um amigo. Talvez tenha nos falado para ser simpático e nós recebemos como certo. Conversávamos sobre tudo com Octávio e Ynesca, vida, projetos, literatura, poesia, música e aventuras. Eles, no fim das contas, eram tão aventureiros quanto nós, moravam numa cidade fantasma, onde havia um naufrago, um designer moderno que vivia numa casa/fundo do mar e tantos outros que nos faziam crer que estávamos realmente em um conto.



**5 dias em Coro – Nossa casa:** um albergue numa casa antiga no estilo espanhol, com

jardins internos lindos, moveis de madeira, cozinha no meio do jardim. – **A vida:** acordar, meditar, tomar café, ler, escrever, fazer almoço, dormir, caminhar um pouco pelo centro histórico, ver um filme da rua...

**2 dias em Barquisimeto** – **Nossa casa:** a casa simples de D. Madalena. – **A vida:** uma cidade grande, de passagem... apenas um encontro com um amigo... zoológico, comida vegetariana, ouvir Alí Primeira...

**Depois do mês e meio:**

**5 dias Barinas** – **Nossa casa:** IALA (Instituto Latino-americano de Agroecologia – Via Campesina) – **A vida:** conhecer o instituto e trocar experiências com Dirceu e outros companheiros brasileiros da coordenação.

**20 dias em Mérida** – **Nossa casa:** a *Finca de La Loma* (sitio permacultural) e casa da Maigua – **A vida:** uma cidade linda dentro da cordilheira dos Andes. O tempo de criar rotina. Meditar, cozinhar, escrever, yoga, sair pela cidade. Fazer trilhas para conhecer os cantos montanhosos. A experiência de ver o dia do santo da agricultura – Fiesta de San Isidro. Conhecer escolas livres e alternativas.



---

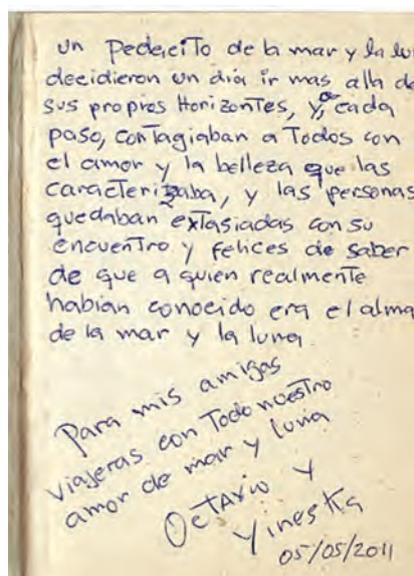
Na Venezuela começávamos a entender que as casas e o acolhimento que recebíamos a cada passo era o principal elemento da viagem. Caracas foi o acolhimento político, era tudo que queríamos ver e que logo de inicio apareceu e nos deu possibilidade de estar aberta para o que não esperávamos. Adiante, foram os encontros.

Os encontros com Gradyelis e com Octavio foram os que marcaram o início da viagem. Pessoas mágicas, que nos receberam de forma surpreendente, sem nos conhecer, sem referências, por pura ordem do destino, se tornaram pessoas-ambientes de puro afeto e de uma intensidade sem fim em forma de conversas e casa.

Enfim, a Venezuela nos trouxe a força para seguir caminhando e aprendendo com os encontros que ultrapassavam o esperado. Fez ter certeza que a viagem prevista para 6 meses teria que pelo menos dobrar de tamanho. Impossível querer viver, caminhar por dentro de um país sem poder se perder no tempo/espço. Financeiramente faríamos as economias renderem, gastar pouco ou nem gastar. Começávamos a perceber como queríamos viajar, estava claro que não estávamos ali para fazer uma listinha com os lugares a serem vistos, ver e depois dar um “check” em cada ponto turístico visitado. Mas sim, se integrar com o lugar, conhecer pessoas do local simplesmente viver, deixar o tempo fluir de maneira mais natural e menos impositiva possível. Íamos percebendo que os melhores momento eram os que menos planejávamos antes. Ter rumos amplos era bom, mas sem definições. Só o pontapé inicial.

Todos essas casas e pessoas surgiram ali. Nenhuma delas vinha de contatos anteriores e muitas vinham de caminhos sem explicação. Isso era viajar sem guias, sendo levadas pelo vento que sopra na direção dos andarilhos. E o único passeio turístico que ficou na memória foi o que virou aventura estilo montanha russa.

A escolha por essa estrutura narrativa foi a lembrança de que esse foi o país que mais relatei. Era a chegada, o encantamento com o novo, a vontade de dividir. Antes da viagem ir virando normalidade...



## Colômbia e o que aprendemos com o estranho, com o conflito e o medo!

Entrar na Colômbia foi realmente cruzar uma fronteira interna. O que estávamos vivendo na Venezuela era difícil de explicar e de deixar para trás. O fato de uma disputa de projetos de sociedade ser colocado em evidência acolhia nossas angústias de transformação. Com pouca garantias em relação ao futuro víamos a disputa política entre classes sociais com um governo forte mediando para o lado dos mais pobres. Entrar na Colômbia seria se deparar com o contrário, para nós, um país imerso num conflito armado, no poder da empresas privadas e no controle gerado pelo medo. Foi o que vimos, a partir do olhar de quem buscava se entranhar por esses campos.

*Do caderno – Colômbia - Cartagena – 13/06/2011:*



A entrada na Colômbia trouxe a despedida da Venezuela. O sofrimento com as despedidas não era algo tão marcante em minha vida. Lembro só de duas: a primeira foi quando meu irmão, Heitor, foi morar em Viçosa para fazer faculdade, fomos na rodoviária deixá-lo e aquilo deixou um buraco em mim, com 14 anos; a outra foi no

final do ano que passou, no meu último dia na Universidade e na minha última casa. Antes da mudança real, estava com o Gigi (nosso gato), deitei na rede, a casa ainda era casa e senti a dor da despedida. Era claramente a despedida de uma vida. O sentimento de que uma fase terminava e teria que deixar um monte de coisas para trás. Era acabar com a casa, a vida universitária, o dia-a-dia ruralino, a militância nos grupos e todas as relações cotidianas dali. Uma despedida e tanto.

Agora, na viagem, senti algo também. Sair da Venezuela foi duro. A sensação que ali tinha uma forte história, relações, amigos, olhares, gostos, críticas, que me faziam sentir parte daquele povo e de repente, em um dia, acabou...foi só um carrito atravessar uma fronteira estranha.

---

Pegamos o carrito em Maracaibo - na porção sul ocidental da Venezuela - uma cidade grande, feia, mas que tivemos sorte. Vínhamos do IALA - Instituto de Agroecologia Latinoamericano - uma escola de formação técnica (e política) parceria da Via Campesina com o governo Venezuelano. O foco era a formação de jovens dos movimentos sociais agrários do continente, camponeses e agricultores em agroecologia e a partir de uma metodologia do Movimentos dos Trabalhadores Rurais sem Terra, de trabalho coletivo, divisão em grupos de trabalho. O IALA ficava em Barinas, mais ao centro do país. Tivemos a sorte de poucos dias antes de sair da Venezuela conhecer alguém que nos falou de lá, corremos atrás de um contato e em poucos dias estávamos na casa do Dirceu e sua companheira, dois brasileiros do MST que coordenam os cursos e a escola. Pessoas lindas.

Mas nossos dias estavam contados, pois o visto da Luna já estava nas últimas (ela chegou uns dias antes que eu na Venezuela por conta do pé quebrado) e nos falavam que sair por Maracaibo era melhor.

Chegamos tarde à cidade, quase madrugada e passamos menos de 12 horas. Caímos de paraquedas na casa de um contato que tínhamos do Vipassana: Maria Helena, uma meditadora que ficou como exemplo. Nos falava com muita tranquilidade de como os processos de busca interior são duros, lentos e eternos. Ela nos contou que já

fez 10 cursos do Vipassana e que só a partir do 8º curso começou a lidar bem com a técnica, hoje em dia, medita uma vez por dia e realmente tem uma energia, tranquilidade contagiante, uma sorriso aberto mesmo ao receber duas meninas com mochilas do tamanho de um caminhão às 00:00 em sua linda mini-casa.

Enfim, pegamos o carrito e seguimos até a cidade da fronteira - processo tenso e demorado. A toda hora nos paravam, uma estrada deserta e "sem lei", pediam o passaporte, inventavam qualquer desculpa para nos tirar dinheiro, uma situação de fragilidade limítrofe que se vive só porque os indivíduos possuem uma farda numa região também limítrofe. Um processo estranho. Encrencaram porque tínhamos entrado de avião e iríamos sair por terra, queriam dinheiro por isso. E nós, duronas e muquiranas, não liberamos. O que nos salvou foi estar no carrito (tipo um táxi coletivo e caindo aos pedaços) junto com uma Venezuelana que trabalhava na Colômbia e atravessava a fronteira todos os dias, os policiais a conheciam e depois de muitas paradas, ela já gostava de nós, conversou com alguns deles e, por fim, estramos na Colômbia sem sermos extorquidas!

E pá! De repente tudo muda. As pessoas, comidas, o dinheiro, o olhar social...coisas que iríamos viver muitas vezes. Mas aquela foi a primeira, talvez, a mais impactante e simbólica. A mudança sempre nos traz algo de novo, bom, mas é duro sair de "casa". Ainda mais quando a casa é novinha, tudo novo, quentinho - dá vontade de ficar arrumando e aproveitando-a - como era a Venezuela.

Deixávamos para trás as arepas no estilo venezolano, a cachapa, el mago maduro con sal, la cerveza Solera, las empanadas de maíz, a cuba



libre, as nova formas de comer frijoles, o manejo dos bolivianos (bolos), el acento duro do castellano venezolano, el café marrón...y tantas sonrisas regadas de conversas.

---

Qual o papel das mudanças, das estranhezas, do se deparar com o novo quando o velho parece tão acolhedor. Como aprender com o que nos incomoda? Nos gera angústias? Quando olhamos para frente e tudo que queremos é correr e voltar a trás. Quantas etapas passamos dentro de nossa vida formativa? De casa para creche, da creche para pré-escola, a entrada na escola, aprender a ler, escrever, fazer contas, de repente ter um monte de coisas para aprender ao mesmo tempo, e ir seguindo, aquele momento que você passa de uma professora só para várias, entrada no ensino médio, a pressão do vestibular, para nem falar da saída daquele ambiente quentinho que geralmente é a escola, com os amigos da vida toda, para se deparar com a Universidade, aí ainda tem mestrado, doutorado...e todo o resto da vida que segue nos formando e nos estranhando. Já pararam para pensar como o estranho, o desafiador nos forma?

---

Os primeiros dias na Colômbia foram isso: o choque, o novo amigo-companheiro Lucas (francês-argentino), a chegada em um hostel um pouco “apavorante”, que era um marco daquela virada. Chamava-se *Brisa Louca* ficava em Santa Marta, cidade histórica e linda, mas o hostel a *gringolândia*. Gringos europeus, americanos, barulhentos, ouvindo hip hop, trance, bem alto, uma piscina no meio do hostel. Parecia que tínhamos chegado no meio daqueles filmes americanos de adolescentes em que todos parecem viver de biquíni, ouvido música alta e tomando coquetel de frutas. Tudo em inglês. Na Venezuela quase não havia turismo, só interno, os poucos que víamos eram mochileiros, a maioria argentinos. Há muitos níveis de preconceito nessa cena, mas era o que eu sentia, o impacto gerado. Voltava ao mundo globalizado, os bares e restaurantes na rua, a possibilidade de comprar tudo que quiséssemos, outdoors, marcas comuns, elementos que talvez pudessem acolher, mas naquele caso não. O único acolhimento foi um pequeno café numa ruazinha *peatonal* com pães variados, de uns caras boa gente, música tranquila, enfim, um “café bonitinho”, que adoro e não encontrávamos na Venezuela.

---

Lá ficamos uns poucos dias, conhecemos a cidade de Aracataca, onde nasceu Garcia Márquez, a uma hora de Santa Marta. Um lugar pacato, oposto da *Brisa*,

parado no tempo, ruas de terra, taxis de bicicleta para se locomover, praça cheia e olhares para nós. Um dia encantador de olhar: as pessoas, os tempos e a vida. Era o encontro com as histórias de García Márquez. A leitura ao estar ali era uma possibilidade de viajar, ao mesmo tempo, pelo país e sua história.



Em sua bibliografia, *Viver para contar*, Garcia Márquez contava sobre a invasão da indústria bananeira<sup>11</sup> na costa, a ocupação e o desenvolvimento da região por conta disso, o Massacre das Bananeiras em 1928 (em Ciénega, ao lado de Santa Marta), a Guerra dos Mil Dias (entre liberais e conservadores) no início do século XX. Acontecimentos que ele acompanhou quando criança na casa dos avós e lhe permitiu criar a narrativa do *Cem Anos de Solidão*. Seguiu contando que nos anos 50 houve a primeira possibilidade de um governo de base popular no país, através da eleição de Jorge Eliécer Gaitán– rompida por seu assassinato em pleno centro urbano e político de Bogotá – que Gabo acompanhou em seus primeiros anos como jornalista. Narrava os acontecimentos do *Bogotazo* (as ruas tomadas por protestos pós o assassinato), e da contínua disputa oligárquica e elitista que seguiu no país pós-estopim. A história política do país se mostrou marcada pela pouca presença dos partidos de esquerda populares. Gaitán era a possibilidade que foi expulsa da história num assassinato cinematográfico que só ficou como fato dramático. As coisas seguiram.

Gabriel García Márquez seguia em seu relato falando da resistência em âmbito nacional na Colômbia que surge na década de 70 com a guerrilha e sua luta armada pela construção de outra sociedade. Projeto apoiado, em princípio, pela população pobre do campo e da cidade e por movimentos locais (indígena, de mulheres, estudantil). Na década de 80, o auge do narcotráfico, com o “Cartel de Medellín” e “Cartel de Cali”, Pablo Escobar e companhia. O início da justificativa para todo o tipo de guerra: a disputa pela droga e interesses (e intervenção) estrangeira. O que se acentuou com a associação entre guerrilha e narcotráfico, governo e narcotráfico, e a presença dos EUA no país. Atualmente a Colômbia é o país com mais bases militares do EUA no continente, sete bases espalhadas por seu território. Este seria o pano de fundo do cenário político que a Colômbia vive hoje, que escutamos, sentimos e vivenciamos um pouco.

---

Depois de lá, fomos para o Parque Reserva Natural de Tayrona. Dias bons: sol, acampar, cozinhar a lenha, aprender a fazer fogo, caminhar, trilha e leitura. Uma delícia!

---

<sup>11</sup> A chegada da famosa United Fruit Company na região, uma multinacional norte-americana que se destacou na produção e no comércio de frutas tropicais em plantações no terceiro mundo, principalmente na América Central e Caribe. Diversas atuações ilegais foram marcadas em sua história, como na Colômbia, em 1928, que diante dos protestos dos trabalhadores agrícolas exigindo melhorias nos trabalhos, a companhia ordenou às autoridades locais reprimir a manifestação a tiros, assassinando impunemente muitos manifestantes. É o que hoje é conhecido como Massacre das Bananeiras.

Lindas montanhas com florestas ao fundo e praia na frente. Lá encontramos nossa “versão masculina”. Dois lindos argentinos, viajantes, militantes, com buscas parecidas e uma certa tranquilidade no caminhar. Eles tinham uma energia e um brilho nos olhos contagiantes. Trocamos contatos, histórias e buscas. Nos falaram da Argentina, Buenos Aires e suas militâncias. Eles subiam para Venezuela enquanto descíamos. Houve muitos encontros posteriores com Javi e Lautauro.

---

Lautauro fazia um trabalho em umas *villas* (como favelas) de Buenos Aires, que muito nos ensinou. Um trabalho de base<sup>12</sup>, como chamamos no Brasil. Já estava nesse espaço a mais de 8 anos, começou devagar com o Futebol Popular (juntavam os jovens e através do futebol discutiam gênero, coletividade, grupo, valores) e depois avançaram na relação com outras *villas* da região, fomentando a organização coletiva e autônoma, o que se materializou em uma revista construída pelos moradores.

Para tal, ocorreram atividades de formação em jornalismo, redação, discussões sobre mídia, informação e conhecimento. Hoje essa revista esta nas bancas de Buenos Aires e chama-se *La Garganta Poderosa* e a organização, *La Poderosa*. O dinheiro da venda da revista é um ajuda na resolução de urgências das comunidades. Os recursos iniciais foram conseguidos com base na construção de uma rede de apoio, doações e formas cooperativas de organizar o espaço. Coisas que fizeram a gente pensar sobre as práticas militantes, as ações que realizávamos antes de viajar no Morro dos Prazeres, no Rio de Janeiro.

---

Em 2010, contribuí com um processo político-formativo no Morro dos Prazeres na região central da cidade sobre a temática da resistências às remoções forçadas e a luta por direitos humanos de uma parcela historicamente excluída da sociedade. Nessa época, fazia parte de um grupo – Núcleo de Apoio a Reforma Agrária (NEARA-RJ) –, e nos propusemos a contribuir com a associação de moradores no apoio para defesa de seus direitos relacionados com moradia. A demanda deste apoio surgiu após uma forte chuva que deixou dezenas de moradores

---

<sup>12</sup> Uma expressão que surge com as práticas progressistas da igreja católica em territórios pobres, em muitos casos distantes dos centro urbanos, com a perspectivas da emancipação e autonomia política dos sujeitos. Segundo Frei Betto (1985, pag 1) “Comunidade eclesial de base é um desafio lançado à Igreja pela esperança de libertação dos povos latinoamericanos. Através de suas comunidades de base, de seus agentes pastorais, descobrir a maneira mais evangélica de tornar essa esperança uma prática eficaz de transformação da história e busca do de justiça e amor.”. Segundo Peloso (2012, p.10), o trabalho de base é a ação política transformadora, realizada por militantes de uma organização popular, que mete o corpo em uma realidade concreta, para despertar, organizar o povo e ligar essa luta à luta geral contra a opressão.

desabrigados. Esse fator climático proporcionou a abertura e acentuação da política de remoções na região, ação que funciona como forma de afastamento das classes populares das áreas centrais e elitizadas da cidade, com o olhar direcionado para os megaeventos que iriam ocorrer (Rio+20, Copa do Mundo, Olimpíadas)<sup>13</sup>.

Nosso grupo na época era composto por pessoas com formações diversas (advogadas, servidoras sociais, biólogas, geografa), mas todas com a proposta de contribuir o máximo possível com a construção de um processo de aprendizagem e fortalecimento político da favela. Para tanto, fazíamos diversas reuniões e formações para pensar em como faríamos, de que forma dialogaríamos com sujeitos que vinham de outras experiências de vida. Pois nosso grupo era formado por jovens, mulheres, de classe média e universitárias. Nossas práticas eram antecedidas por formação, reflexão e pelo “não querer errar”.

Após quase um ano de trabalho no Morro dos Prazeres possuíamos poucos avanços e muito cansaço. Na perspectiva territorial não tínhamos construído uma identidade com algum grupo, não havíamos fortalecido coletiva e organizacionalmente os moradores e nas políticas habitacionais poucos avanços tinham sido conquistados. O maior aprendizado de toda essa história foram justamente os erros e a capacidade de olhá-los tempos depois e de reinventar para seguir. Pisamos pouco no chão da realidade que discutíamos, esquecemo-nos de ver quem estava ao nosso lado, qual o fator cultural estava ali presente. Não pensamos de que formas poderíamos contribuir com a autonomia e identidade com nossa prática ali.

A conversa com Lau e experiências que conhecemos durante a viagem, principalmente na Argentina, junto com reflexões como esta, encaminhou minha história para construção de um espaço de trabalho de base no retorno. Formamos o Cerro Corá Moradores em Movimento, em abril de 2013, que falarei mais adiante.

---

Do Parque Tayrona a virada foi grande: era o impacto com a desigualdade social mais estampada da costa Colombiana, em Cartagena das Índias. A conhecida cidade fortificada. Lá nos aconteceu um fato surpreendente, que rendeu um conto...

---

<sup>13</sup> Matéria publicada no site “Favela em Foco” que explicita a problemática vivida na época - <http://favelaemfoco.wordpress.com/2010/04/26/moradores-de-favelas-se-reunem-no-morro-dos-prazeres-e-falam-sobre-remocoes/>

## Um conto de Bicicleta pela hospedagem cortiço (07/2011)

1

Conhece Cartagena, na Colômbia?

Bom, Cartagena é uma cidade-história. Guarda recordações suas e de toda a Colômbia. Hoje, uma cidade fortemente turística. Há pouco tempo, um artista plástico espanhol, Antoni Muntadas, me fez pensar sobre Cartagena, pois sua arte "nos faz sentir" a sociedade do controle, da cerca e do medo.

Cartagena é isso. O centro histórico amuralhado (advindo da época das guerras hispânicas) concomitantemente singelo, imponente e belo. Cercado pelo mar de um lado e pelo mundo do outro. Uma cerca social e turística.

No poucos dias que passei por lá me senti cercada. Pensava: "como a sociedade que vivemos e reproduzimos nos quer Loucos. Nos quer sofrendores e angustiados. Controlados e cercados. Pelo tempo, pelo espaço ou por nós mesmos."

Em uma de suas obras Muntadas expõem a situação de Alphaville - bairro de classe alta no estado de São Paulo - os condomínios de luxo, fechados. Uma nova forma de vida, dentro de um espaço limitado, onde teoricamente tudo está dentro. Expõe e dialoga com as propagandas para venda da cerca social-urbana e da estética criada e transformada em mercadoria em Alphaville. Cartagena é um outro cercamento. Nós, os turistas, os encarcerados por escolha, como os moradores de Alphaville.

Vou contar como conheci Cartagena.

2

Chegamos no terminal vindo de Santa Marta.

Pegamos um ônibus do terminal para o centro histórico, algo que nos pareceu quase irreal de realizar dentro da cárcere-turística (diziam que precisávamos de um táxi). Após uma hora e meia percorrendo caminhos ruins de ver o ônibus atravessa a muralha e inicia-se a constituição do cercamento simbolicamente real. Havia duas muralhas na cidade, uma dentro da outra. A rua que me abriguei era o cercamento dentro do mundo, o centro histórico muralhado (após passar por uma segunda muralha) era o cercamento fora do real.

No primeiro havia o submundo (as drogas, roubos, prostituição), o medo e a construção do senso-comum em relação a marginalidade e a insegurança. No segundo lojas que vendiam ouro, móveis de luxo, restaurantes, ruas lindas e tranquilas.

Pois bem, o conto de bicicleta é o conforto no que poderia parecer o desconforto. O conforto e o acolhimento dentro do estranho, confuso e real. O conto de bicicleta segue também por dentro do conto da hospedagem-cortiço.

3

Domingo de sol nos calorentos dias de Cartagena. Um bafo quente.

No tal domingo, o passeio de bicicleta foi a escolha do dia. Movimentar-se, sentir uma brisa no rosto, ver passar o dia, as paisagens e as pessoas. Passar pelas cercas, percorrê-las indo, que era mais confortável.

Eis que rompe-se o estável e estético.

A tranquila pedalada torna-se a brusca perseguição por uma máquina fotográfica. Uma máquina que era mais que um aparato tecnológico com valor econômico, era um objeto que simbolizava rostos, paisagens e percursos. A máquina foi pega, gerou movimento, reações e em poucos minutos voltou a sua função original: construtora de histórias.

O momento seguinte: pedalávamos junto a um policial em direção a delegacia. Reencontramos os meninos perseguidos, dois tornaram-se três e nós possuíamos a função (sob pressão) de denunciá-los.



4

De pronto, no dia seguinte a chegada noturna e sombria, após o tempo no ônibus, a busca por uma hospedagem barata e mais humana tornava-se necessária.

O conto da hospedagem cortiço inicia-se aqui.

Nesse conto, conto a história de andarilhas que buscam um pouco do que o poeta Manoel de Barros nos diz: "Os andarilhos, as crianças e os passarinhos tem o dom de ser poesia. Ser poesia é muito bom."

Essa poesia vinha de ver e ouvir o simples, o mundano, o excêntrico, o que não vemos em toda parte. Penso que o dom da andarilha surge cada nova pedra, som, cheiro que são colhidos nos passos dados.

A hospedagem-cortiço era isso. No meio do cerco turístico, estava ela. Chegamos, perguntamos o preço (atrativo para o nosso coração barato) e fomos olhá-la. A estranheza inicial ainda nos causava espanto. Quartos escuros, paredes mal pintadas, ligações elétricas visíveis, lençóis manchados, ventiladores moribundos, corredores deserto, figuras estranhas perambulando e três pessoas, totalmente distintas entre si, que cuidavam do espaço. Diferente, mas não amedrontador. Estava montada a poesia, perfeitamente composta.

De bicicleta chegamos à delegacia, de frente para o mar. Abarcando os conflitos dos banhistas de domingo. Na salinha de entrada estávamos todos. As andarilhas, os perseguidos, os policiais e a onda de calor que engolia Cartagena. De tempos em tempos outras personagens entravam no conto.

Dois personagens foram protagonistas dessa história. Por coincidência ou não ambos encontravam-se em excesso de embriaguez em pleno sol das três da tarde. O primeiro chamarei de "O Moralista" e o segundo de "O Injustiçado".

O Moralista por ali passou, pois queria levar suas ideias e discursos aos ouvidos de todos. Mas, para tanto, quebrou garrafas e esbravejou com todos que circulavam, a 100 metros da delegacia. Foi levado a delegacia. Discursando sobre a imoralidade da polícia, da corrupção, em alto e bom som ironizava os policiais. Em poucos minutos estava encarcerado. Mas ele não se dava descanso e permanecia fazendo suas críticas ao esquema policial de dentro da cela.

Nós, os meninos e os policiais ouvíamos atentamente e reagíamos com gargalhadas. Após um tempo o Moralista foi solto, pois afinal ele só queria difundir seus ideais. Mas fazia-o exaltadamente.

O segundo personagem surge num cenário coletivo. Duas pessoas caminhando em tom de reclamação em direção a delegacia. A história: protagonizada por um chinelo. Cada pé junto a uma das pessoas. O debate: de quem é a propriedade. Decisão: "deter" o chinelo, expropriá-lo, não parecia justo que fosse um bem privado. Situação final: os dois saem da delegacia contentes pelo outro não possuir a propriedade.

Em poucos minutos uma delas volta. Recupera a propriedade detida. Passado mais tempo, o Injustiçado regressa e questiona o fato de ter visto o chinelo detido em liberdade.

Diante desse fato, O Injustiçado, um homem mulato, com uns 50 anos, problema sério no joelho direito (que tornava-o uma figura desfigurada), com uma garrafa de Coca-cola na mão, gritava e discursava diante de todos sobre sua problemática.

Justiça seja feita, o Moralista e o Injustiçado fizeram daquela tarde uma poesia perfeita de vida cotidiana.

O primeiro dia na hospedagem-cortiço se constituiu de lavar roupas em bacias e estendê-las em sol escaldante refletido nas paredes brancas em estilo espanhol-colonial. Cozinhar arroz com verduras e atum, e comê-lo em mesa de plástico no jardim interno sem qualquer espécie vegetal. Ver passar um senhor de olhos puxados que vendia roupas e tinha seu quarto composto inteiramente delas. Jovens magros que só pareciam dormir. Casais envoltos em lençóis caminhando pelos corredores.

A habitação que nos pertencia era de esquina, tinha uns 2 por 3m, uma cama, uma televisão pequena, pia e uma cano junto a privada, totalmente apreciado naqueles dias infernais. Tudo bem pequeno e intensamente incrustado de vida. O conto da hospedagem cortiço finaliza-se com o olhar diante da problemática da descarga.

Em dois dias ali, a descarga começou a falhar. Uma das andarilhas, pelos caminhos caminhados com muitas descargas passadas, tornava-se especialista nelas e se pôs a concertá-la. Sacou a

tampa da parte do motor para resolver o problema e avistou uma seringa e uma tampinha de metal. Aparato para heroína.

Não nos assustou. Só fez a imaginação ir ainda mais longe a respeito de nosso adorável cortiço. Onde uma porta entreaberta com embalagens brancas em evidência transformava toalhas e panos em cocaína ou cocaína em toalhas e panos.

7

As bicicletas voltavam ao seu lugar de origem - a loja de aluguel num centro comercial - de brinde uma hora gratuita no dia seguinte (para não desiludir o coração barato) e o cenário já era outro.

Caminhonete da polícia, dois policiais jovens e simpáticos na frente, as andarilhas atrás e os meninos perseguidos mais atrás num local para prisioneiros. Íamos em direção a Instituição de Menores Infratores. No trajeto a conversa era boa. Sobre filmes, documentários, a polícia da Colômbia e do Brasil, a carreira da Academia de Polícia, a trajetória dos policiais, sobre as andanças das andarilhas e boas possibilidades de sair e bailar salsa em Cartagena.

Na instituição o processo foi simples. Uma entrevista-depoimento. Tudo bem organizado, os meninos tentavam enrolar a situação, mas tudo já parecia de praxe entre eles e os policiais. Tomamos um refrigerante rosa junto à todos e fomos embora.

A caminhonete da polícia percorreu o caminho da instituição à hospedagem cortiço, parou um instante no banco para saque das andarilhas, e em poucos minutos, chega a junção das histórias. O conto de bicicleta pela hospedagem cortiço.

8

No final das contas, aquela história rompia algumas cercas da história das andarilhas. Se viam saindo da caminhonete da polícia, reconstruindo as histórias passadas, já sem bicicletas, na porta do novo estranho lar. A possibilidade do próximo conto: o convite para dançar salsa com os policiais feito às andarilhas militantes dispostas a ver, ouvir e construir histórias. Será?

9

A cerca? Está em todos nós, seguimos construindo-as. Somos educados para isso e reproduzimos os cercamentos a todo o tempo. Fugir deles?

Talvez de bicicleta à caminho de cortiços.

E Cartagena?

A materialização da cerca em muralhas

---

Depois de Cartagena o cenário se alterou. Foi a mudança da costa para o centro do país, primeiro Medellín e depois Bogotá, ali começávamos a entender melhor a Colômbia que líamos. Em Medellín, caminhávamos por todos os cantos com o amigo Omar, que havia estudado planejamento urbano no Brasil e discutia a cidade enquanto espaço de conflitos sociais e de construções sociais permanentes. Medellín é uma cidade que ficou conhecida mundialmente por ser a capital do tráfico de cocaína,

o *Cartel de Medellín*. A cidade, na última década, estava passando por mudanças extremas para apagar essa imagem, um processo de limpeza do tráfico a partir do controle armado do estado, a hegemonia da ideia de segurança pública e a mercantilização da cidade como forma de “encobrir” a história. De Medellín vem o modelo das Unidades de Polícia Pacificadora do Rio de Janeiro, a urbanização das favelas, a implantação de teleféricos e maior presença do estado a partir das forças armadas nas região.

Ao chegar lá vimos uma cidade linda, arrumada, museus de primeira qualidade e com a impressão de que estávamos em um ambiente tranquilo. Mas nos papos e caminhadas por outros cantos com Omar fomos entendendo a cidade, as maquiagens sociais e o que estava em jogo. Ao voltar para o Brasil nos deparamos com todo esse movimento sendo repetido no Rio de Janeiro. Medellín parecia um Rio de Janeiro de menor porte, mas com mais presença na história mundial de tráfico de drogas, talvez pela proximidade com os Estados Unidos da América.

Juntando ainda mais as histórias, entramos na Favela Cerro Corá justamente realizando o debate sobre Segurança Pública e o projeto de cidade que vinha sendo implantado no Rio de Janeiro. Muito do debate, da forma, do pensar como iniciar o processo vinham dos aprendizados colhidos nos acontecimentos da viagem e dos erros anteriores.

---

### ***O Cerro Corá Moradores em Movimento***

Conheci alguns jovens moradores da favela localizada no bairro do Cosme Velho na cidade do Rio de Janeiro na campanha eleitoral do atual deputado estadual Marcelo Freixo pela disputa ao cargo de prefeito em 2012. Em uma de nossas ações cotidianas de panfletagem e discussão pela região chegamos ao Cerro-Corá. Assim, conheci jovens que já estavam fazendo a campanha e acreditavam em suas práticas, apesar de não estarem organizados em nenhum partido ou agrupação. A eleição ocorreu, perdemos nas urnas, mas ganhamos com o processo. Originaram-se organizações territoriais, reflexões coletivas e sentia-se o impacto social da disputa de projetos geradas pelo debate entre os candidatos.

Segui em contato com os meninos, sem saber ao certo como seguir essa relação numa perspectiva política. Um dia, em uma conversa com um deles, propus fazemos uma atividade de discussão sobre o *Projeto de Cidade*<sup>14</sup> através de filmes e

---

<sup>14</sup> Quando falamos de Projeto de Cidade estamos relacionando com a reestruturação urbana que vem ocorrendo na cidade para realização e instalação Megaeventos e Megaempreendimentos (Rio+20/

imagens. Eu iria conversar com outras pessoas e ele iria juntar os jovens dispostos a pensar a comunidade e a cidade. O encontro foi de trocas de experiências, haviam uns 6 jovens da favela e nós éramos quatro militantes (organizadas em mais de uma agrupação) com o interesse de contribuir com esse processo de organização e formação.

Uma semana depois desse primeiro encontro a favela foi ocupada pela Polícia Militar do Estado para dar início à instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) – a 33ª UPP da cidade. As UPP's são parte do projeto de segurança pública instaurado nas favelas do Rio de Janeiro desde 2008 com objetivo de acabar com o tráfico de drogas e com o controle dos grupos armados. A partir dessas ações de ocupação, os territórios, que são em sua grande maioria favelas nas zonas mais ricas da cidade e que estão inseridas no eixo do turismo e dos megaeventos, passam de um controle armado para outro. As ocupações, apesar de acalmarem os conflitos, são marcadas, em geral, pela truculência policial e pelo controle através da coerção e do poder armado, não vem acompanhado de políticas sociais estruturais e do estabelecimento dos direitos há tantos anos exigidos nessas áreas.

A operação ocorrida mostrava a atualidade da discussão que havíamos feito uma semana antes. As UPP's são elementos chave do Projeto de Cidade. Essas ocupações tem transcorrido em paralelo com o encarecimento do custo de vida nas áreas centrais da cidade, com os processos de remoções arbitrárias e com o que chamamos de “higienização social”, que impossibilita às populações mais pobres de viver nas áreas centrais, onde há mais possibilidades de trabalho e serviços.

Nesse contexto, entramos de vez na favela do Cerro Corá. A partir da discussão sobre o que significava essa ocupação e sobre as formas de agir da polícia, iniciamos nosso trabalho com os jovens que estavam conosco desde o primeiro encontro e realizamos uma ação em toda a comunidade distribuindo e conversando sobre a abordagem policial através da “Cartilha Popular do Santa Marta: Abordagem Policial”<sup>15</sup>. Nosso segundo e mais intenso foco de trabalho no morro surgiu de um

---

2012, Encontro Mundial da Juventude Católica/2013, Copa do Mundo/2014, Jogos Olímpicos/ 2016; construção do maior complexo petroquímico da América Latina – Comperj, Complexo Siderúrgico-TKCSA, dentre outros empreendimentos). Processo em que já foram provadas diversas violações aos Direitos Humanos e inconstitucionalidades. Para saber mais, pode-se consultar: <http://www.pacs.org.br/2012/11/06/mega-eventos-e-mega-empreendimentos-no-rio-de-janeiro/> e <http://www.apublica.org/> -

<sup>15</sup> Uma cartilha construída coletivamente e por meio de metodologias participativas por moradores da Favela Santa Marta em Botafogo no Rio de Janeiro, que foi a primeira favela a ser implantada uma

processo que existia muito antes de subirmos a favela e que era uma demanda dos próprios jovens, mas que carecia de um apoio organizativo. Eles queriam construir um Museu da Comunidade, resgatar a memória da favela, trazer os mais velhos para lhes contar as histórias da favela. Nossa luta, assim, se estabelecia basicamente por dois focos: primeiro na luta por direito à memória.

Um refúgio? Uma barriga?

Um abrigo onde se esconder quando estiver se afogando na chuva, ou sendo quebrado pelo frio, ou sendo revirado pelo vento?

Temos um esplêndido passado pela frente?

Para os navegantes com desejo de vento, a memória é um ponto de partida.

Janela sobre a Memória (II) – (Galeano, 1994, p.96)

Segundo, na luta por direito à cidade, foco dos movimentos sociais urbanos do Rio de Janeiro nas últimas décadas, principalmente das favelas e bairros periféricos imersos em processos historicamente excludentes.

A utopia do direito à cidade, no caso específico do Rio de Janeiro, significa, para nós, necessariamente, a superação da dicotomia favela-cidade! Para isso, é preciso que os moradores da favela possam sentir-se tão cidadãos, e como parte da cidade, quanto os que têm moradias fora das favelas.(...) Ter direito à cidade significa, portanto, a reivindicação do “direito” ao direito, o acesso e a participação a uma sociedade contratual e a tudo que ela possa possibilitar na vida urbana. O direito à cidade aparece aqui como condição para a realização dos demais direitos. (De Oliveira, 2007, s/p)

Ter direito à cidade significa ter direito a participar dela e usufruir do que ela tem a oferecer. Serviços, espaços e sua história. Democratizar os direitos e os valores, sejam eles materiais ou simbólicos. A cidade precisa ser vista como um bem coletivo, em sua constituição assim como em sua possibilidade de criação e reconstrução.

Assim, nos tornávamos a organização territorial do morro do Cerro-corá denominada: Cerro Corá Moradores em Movimento

---

A Colômbia seguia ainda difícil de decifrar. Para entendê-la foi preciso buscar, perguntar, deixar claro nossa posição política e fazer contatos a partir de boas referências. Ao começar a entendê-la, se mostrou mais dolorida do que imaginávamos. Em Bogotá nos encontrávamos com o país através das histórias, amigos e conhecidos. Bogotá parecia uma cidade grande normal, centro histórico,

ruas cheias de gente. O primeiro sinal de algo estranho era a quantidade de policiais nas ruas – estavam em todas as esquinas e praças. Na casa de amigos de conhecidos ouvíamos as primeiras histórias fortes. A jovem senhora, trabalhadora da saúde e participante de um movimento feminista, nos contava com os olhos cheios d’água a situação do seu país. Ela falou da perseguição e extermínio das organizações sociais, das ameaças em papel volante debaixo das portas, da morte de militantes, do medo, da guerra, ela nos apresentava números, mas que a emoção nos impedia de registrar.

De novo às ruas, a cidade não parecia dentro do país que ela desenhava em seu relato. Em Bogotá,

tudo seguia: os carros, as pessoas, a vida. Ficamos lá uma semana e cada dia encontrávamos uma pessoa diferente, de um movimento diferente, e todos nos contavam o mesmo. Os encontros eram em



lugares públicos, mas escolhidos a dedo. As conversas eram sussurradas, os olhos estavam atentos ao entorno e a informação se repetia: A sociedade está vigiada e controlada. Além da polícia e do exército nas ruas, pessoas comuns tinham se transformado em informantes: padeiros, jornaleros e donos de estabelecimento. Confirmamos essa realidade com dois amigos brasileiros, cada um de uma organização, que quando saíram da Colômbia depois de atividades políticas, foram advertidos pela polícia para ficarem atentos, pois eles sabiam de todos os seus passos dentro do país. O medo, as perseguições, assassinatos eram formas de dizer que ali se vivia em estado de “guerra”

Diziam que a guerra existia, mas estava mais controlada, o governo após muitos esforços e muito dinheiro manejou politicamente a situação. As estradas, antes perigosas pela possibilidade eminente de uma ação, agora estavam transitáveis.

---

## Reflexões (o medo!) - Escrito em Outubro de 2011

A Colômbia nos fez lembrar, novamente, o Rio de Janeiro, e o enfrentamento da polícia, traficantes e milícia, nos fez lembrar do medo que se cria sobre a favela e os favelados, e que justifica a entrada de caveirões, os autos de resistências, aprofundando a criminalização da pobreza. Nos pareciam processos comuns no que dizem respeito ao controle de um território a partir da força armada, mantido pela difusão do medo. O medo como uma estratégia política: o outro como inimigo, o consenso para o extermínio, onde tudo é permitido na guerra por uma suposta segurança

---

Mas a resistência vive em uma ditadura disfarçada e o povo sob controle. A guerra civil estampada e encoberta ao mesmo tempo. Encoberto pela suposta segurança e pelo neoliberalismo. Estampada pelas perseguições e atentados a qualquer tipo de resistência e pelos bombardeios e massacres, justificados e realizados por todos os atores dessa guerra.

Os grupos armados de esquerda justificam suas ações para a construção de outra sociedade. Estes são diversos, o mais conhecido e falado são as FARC-EP (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo), denunciados por sua vinculação com o narcotráfico, pela morte de civis e perpetuação da guerra.

Os paramilitares, organizados ilegalmente para combater os grupos armados e “proteger” a sociedade, são denunciados por extermínio, tortura, envolvimento com o tráfico de drogas, e apontados como responsáveis de cemitérios clandestinos, guerrilheiros inventados para receber recompensa e ameaças à grupos de esquerda. Ouvir sobre eles era ouvir sobre o terror e o medo.

O governo: nos últimos anos foi comandada por Álvaro Uribe, eleito pelo discurso do fim das FARC e da guerra na Colômbia. Dizem os colombianos que ele conseguiu em parte controlar a situação, mas é denunciado por ser chefe dos paramilitares, por financiá-los e fazer jogos políticos para manter o poder desse grupo, além ter o controle através do arsenal militar de diversos territórios do país. O atual presidente, Juan Manoel Santos, é do mesmo partido político do seu antecessor e mantém a estrutura de poder, com a manutenção da privatização dos serviços e controle da população, no entanto com uma imagem menos desgastada, construiu uma relação diplomática mais amigável com os países vizinhos.

---

Vimos também o aprofundamento de uma política neoliberal, a venda de tudo que era público. Todos os serviços básicos (educação, saúde, transporte) nas mãos de empresas privadas. A economia e a política totalmente dependentes dos Estados Unidos através dos Tratados de Livre Comércio e planos intervencionistas como o Plano Colômbia (supostamente de combate ao narcotráfico). Percebemos a importância da estrutura pública que temos no Brasil, e a situação periclitante em que vive a população quando os direitos viram mercadoria.

Na Colômbia sentimos a dor dos colombianos ao nos contar o que era o seu país e sua história, os amigos loucos de amor pelo seu povo e pela suas lutas, porque só o amor alimenta tanta força de resistência. Os relatos nos trouxeram muitos apertos no peito, frios na barriga e lágrimas nos olhos de ver a situação que nossos irmãos latinos vivem.

---

Como lidamos quando nos deparamos com o conflito e com o medo? Quando os interesses e as diferenças nos levam a violência, a repressão, qual a nossa saída?

Viver aquela situação na Colômbia, ouvir as histórias e ir sentindo a dor do que eles contavam, o medo que transparecia em cada relato de perseguição, de vigia e de controle. Era o impacto que sofria somente por ouvir e ir criando dentro de mim o que seria vivenciar aquela realidade. Será que suportaria aquele medo?

Minha história foi marcada por ler, ver filmes e tentar me aproximar da ditadura militar no país, buscar entendê-la, sentir o que haviam sentido pessoas que tinham vivido aquilo poucos anos antes. Minha geração cresceu com o imaginário da ditadura e a sensação que aquilo era próximo, mas passado. Sempre pensava que não suportaria o medo, as torturas.

Mas em Bogotá, através das histórias dos amigos, foi quando senti que isso estava próximo. Se vivesse na Colômbia estaria numa situação parecida, dissimulada. Era a sensação também de que ouvir das pessoas suas histórias é se aproximar muito mais da realidade do que ao ler sobre os acontecimentos. Antes de ir a Colômbia não me sensibilizava pela situação vivida ali, mas depois pareciam que aquelas histórias estavam marcadas. Quando o outro se torna um pouco nós.

Para mim, aquilo foi muito forte, me colocava sobre um estado de “responsabilidade”. No retorno, participei da Marcha Patriótica da Colômbia Capítulo Brasil. Que se organizava nos países vizinhos para criar uma rede de apoio as perseguições, prisões arbitrárias e acompanhar a 3ª Mesa de diálogos de Paz iniciada

em 2012, entre o governo colombiano e as FARC-EP em Havana. Em 2013, participei do Fórum Pela Paz na Colômbia em Porto Alegre e escrevi um texto para Revista Vírus Planetário, em que no final dizia: O Fórum apontou diretrizes e construímos documentos que darão força ao processo de paz no país. Todos saímos felizes pelo compromisso firmado de estar desde agora e até quando for necessário em *fórum pela paz na Colômbia*.

Foi pouco tempo de Colômbia, em torno de um mês, mas ficaram as marcas do conflito, da violência, do medo e da esperança ao ver pessoas tão fortes que seguem em movimento por lá. Terminamos o trajeto em Maria da Piendamó, um povoado da província de Cauca no sul da Colômbia, região indígena, onde fomos participar do *I Encuentro Internacional Juvenil – CONCLAEA, CLOC, VIA CAMPESINA*. Atividade política com discussões chave para essa resistência e garantida pela Ronda Campesina, coletivo de segurança indígena que monitorava a atividade.



## *Equador, a escola e o desassossego...*



Muitas histórias foram compondo essa viagem-aprendizagem, mas uma possui um impacto especial principalmente por o quanto aprendi com o inesperado. Dentro dela, outras surgem e isso a torna ainda mais especial, pois traz esferas diversas da vida como parte desse processo. Acontecimentos que foram espaçando meu olhar.

Tudo começou com a ida ao *Cinema 8<sup>1/2</sup>* na cidade de Quito no Equador. Para falar de Quito e do Equador vou voltar um pouco mais. Equador foi especial, foram três meses em um país menor que vários estados brasileiros, caminhávamos de um lado para o outro. Subimos, descíamos, íamos para o litoral, voltávamos para os Andes e até na Amazônia chegamos a ir. Acredito que foi um único país que podemos dizer que conhecemos um pouco de tudo.

Um país que recebemos muitas visitas. Fizemos amigos-vida, amigos-família, amigos-irmãos, de todos os tipos. Após alguns meses de caminhada, percebi que o central da viagem foi isso, os amigos, os encontros, as pessoas que se tornaram parte, sem muito esforço. Quando percebíamos tínhamos um monte de amigos, presentes no cotidiano viajante, que conhecíamos as famílias, ligávamos...em poucos dias...alguns

amigos se tornaram viagem. A possibilidade de olhar para aquele território, parte daquele país, através dos olhos de quem já estava por lá e nos contava suas histórias.

Os amigos me fazem lembrar do historieta-poema do Eduardo Galeano que me acompanhou por todo o tempo, fosse para lembrar dos amigos que esperavam notícias e histórias, os andantes ou os amigos-casas que nos levavam de um canto ao outro.

### **O ar e o vento**

Pelos caminhos vou, como o burrinho de São Fernando, um pouquinho a pé e outro pouquinho andando.

Às vezes me reconheço nos demais. Me reconheço nos que ficarão, nos amigos abrigos, loucos lindos de justiça e bichos voadores da beleza e demais vadios e mal cuidados que andam por aí e que por aí continuarão, como continuarão as estrelas da noite e as ondas do mar. Então, quando me reconheço neles, eu sou ar aprendendo a saber-me continuado no vento.

Acho que foi Vallejo, César Vallejo, que disse que às vezes o vento muda o ar. Quando eu já não estiver, o vento estará, continuará estando.

(GALEANO, 2009, p.269)

—

A entrada no Equador foi pela fronteira norte (atravessando de Ipiales para Tulcán) vindo desde Popayan na porção central da Colômbia. Uma fronteira tranquila. Estávamos nesse momento eu, Luna e Laura, uma amiga que foi passar um tempo conosco (tivemos a sorte de recebermos visitas), e que foi se adaptando a nossa forma, objetivo e a muquiranagem viajante habitual (menores gastos possíveis e imagináveis). Ela aproveitou o tempo conosco (Bogotá, Maria de Piendam na Colômbia e boa parte do Equador), mas sempre nos questionava o como seguir naquele ritmo de dormidas estranhas, casas de desconhecidos, mochila nas costas que levam a vida e, principalmente, como se adaptar aquilo sem saber o quando acabaria (pois nosso grupos de amigos sempre viajou nas férias, acampava, ia para os cantões do Rio de Janeiro, Bahia, mas eram viagens que sempre sabíamos o momento que iria terminar e voltaríamos para o conforto da casinha). Era engraçado porque quando ela nos perguntava isso nos alegrávamos de estar naquela situação, parecia tão normal e que cada um daquele lugares eram os melhores possíveis para estar, achávamos tudo ótimo e voltar para casa, aí sim, seria um desconforto. Durante vários momentos uma música do Gil foi o fundo musical

*O melhor lugar do mundo é aqui,  
E agora  
Aqui onde indefinido  
Agora que é quase quando*

*Quando ser leve ou pesado  
Deixa de fazer sentido  
Aqui de onde o olho mira  
Agora que ouvido escuta  
O tempo que a voz não fala  
Mas que o coração tributa  
O melhor lugar do mundo é aqui,  
E agora  
(Aqui e Agora, Gilberto Gil)*

Da fronteira fomos direto para capital do país, Quito, onde a mãe da Luna iria nos encontrar. Ela teria férias em julho e antes de sairmos de viagem nos perguntou onde estaríamos, fizemos um conta pitoresca (saímos em março e em nosso planejamento inicial eram 6 meses de viagem – um mês em cada país) e julho nos parecia que estaríamos no Equador. E assim foi. Algo teria que determinar nossa andança, em muitos momentos o que determinou foi a chegada de alguém ou o visto de 3 meses que tínhamos em cada país.

Ali começava nossa experiência pelo Equador. Um país tomado pela Cordilheira dos Andes (no centro do país, composta pela Rota dos Vulcões), mas que possui, também, uma porção litorânea e outra amazônica, onde a moeda é o dólar, mas os preços são latinos. Com um, dois dólares fazíamos muita coisa. No país 50% da população é indígena e se percebe isso caminhando pelas ruas, na diversidade de roupas, línguas, chapéus.



---

Quito é um vale dentro de uma das milhares cadeias montanhosas dos Andes, uma cidade linda e excêntrica. Um tanto árida e com pouco ar devido à (alta) altitude. Um de nossos primeiros passeios foi a subida no teleférico de onde se vê toda a

cidade e suas montanhas. Uma cidade cosmopolita, com muitos gringos vivendo por lá, e que não deixa nada a dever a grandes cidades no quesito urbanidade. Encontramos de tudo por lá, com a vantagem de ser menor, mais barata e fácil de se locomover. No período de três meses no país, indo e voltando, acredito que estive em Quito umas 5, 6 vezes. Sempre me re-encantava com a cidade.

Gosto de cidades, assim como sou totalmente apaixonada por cantões tranquilos, mato e cachoeiras. Falo isso para não ser enquadrada naquele estereótipo de quem não acredita nessa sociedade e busca um comunismo primitivo, que acha que devemos voltar para o campo e viver em harmonia com a natureza. Eu adoro as cidades, o anonimato, poder caminhar horas sem ninguém prestar atenção, entrar e sair de lojas, estar sozinha por aí. Entrar em museus, cinemas, centros culturais, ver o mundo, andar de ônibus e ver um monte de caras desconhecidas. Adoro isso.

Desde de bem pequena ando sozinha pela cidade. Sou uma pessoa bem paradoxal, assim como todos, eu acho. Como disse antes, sou dependente das pessoas, companhias, mas também da solidão, do anonimato e de caminhar só, olhar tudo, passar o tempo em ruas cheias, aproveitar o inferno citadino dos acontecimentos múltiplos, parar num bar, tomar uma cerveja sozinha, olhar o mundo, ler um jornal, uns contos e Quito era ótimo para fazer tudo isso.



Acho que comecei a andar sozinha de ônibus com 11 anos, quando saí da escola pública (que ficava perto da minha casa e voltava andando) e fui para escola privada, que ficava perto de casa, mas precisava de ônibus. Andando dava uns 40 minutos/1 hora que mais velha fazia, pelo puro prazer de ir andando com os amigos, cada um ir ficando em suas casa e eu seguindo. Meu melhor amigo de vida, que esse ano terá sua segunda filha, que se chamará Marina, eu fiquei amiga nesse caminho, desde os 12 anos até terminar a escola voltávamos juntos, morávamos na mesma quadra, era quase um atrás do outro, em ruas paralelas, os caminhos compartilhados nos fez amigos. Voltando ao ônibus...

Sempre adorei andar de ônibus, como meus trajetos usuais eram curtos quase sempre saltava do ônibus chateada porque já havia acabado. Aquela sensação quase meditativa de sentar na janela, pegar a brisa no rosto e ir, me acolhia. Sempre tive um sonho bobo, que vai saber porque nunca realizei, talvez para que nunca deixasse de ser sonho. Que era pegar um ônibus e ir, sem fim, até que ele voltasse ao mesmo lugar que peguei. Ou deixaria que ele fosse de novo. O sonho segue.

Bom, Quito era bom para tudo isso. Talvez devesse ter feito essa aventura do ônibus em Quito. O que fiz em Quito foi andar pelas ruas, ir nos museus, fazer buscas atrás de restaurantes vegetarianos baratos (na época eu e a Luna éramos vegetarianas e essa era uma empreitada ao chegar nas cidades. Adoro as buscas. Nos levam a lugares inesperados, nos obriga caminhar, perguntar, somos feitos de buscas) e assim, ir entendendo a cidade.

Como todos os lugares que íamos já tínhamos algum amigo. Sabe-se lá como. Era comum eu ligar para minha mãe e ela me perguntar – “Tá aonde Mámá? Em que cidade, dormindo aonde?” – sempre na maior tranquilidade. Minha mãe é comum por sua tranquilidade e pelo jeito meio zen, em que tudo, quase sempre, está bem. E eu respondia: “no Equador, mãe. Na casa de um grande amigo”. E ela ria e dizia: “desde quando você tem amigo no Equador? Mas que bom. Aproveita muito a viagem. Um beijo.” E desligava. Ela nunca foi muito de papo pelo telefone.

O amigo no caso era o Max, um sueco latino, que conhecemos em um povoado da província de Cauca na Colômbia e morava em Quito. Uma região indígena no sul da Colômbia que fomos para participar do *I Encuentro Internacional Juvenil da Via Campesina*, chegamos lá via uma nova grande amiga colombiana (que já veio a minha casa no Brasil umas duas vezes) professora de geografia, chamada Pilar. Conheci ela através de um amigo mineiro, inicialmente amigo do meu irmão que estudou na Universidade Federal de Viçosa, militante junto ao Movimento dos

Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), a Consulta Popular<sup>16</sup> e a Via Campesina<sup>17</sup>. A Pilar era uma mulher, militante, educadora de encantar os ouvidos, na primeira vez que nos conhecemos, fomos na sua casa em Bogotá, tomar um lanche, pãezinhos, *chocolate panela* (um chocolate quente feito de pedaços de chocolate amargos em água quente com rapadura) e ficamos mais de 3 horas conversando. Nos convidou para esse encontro, que era fechado por conta da segurança, que na Colômbia é algo que necessita de atenção.



Max eu conheci porque ele nos ouviu falar português e veio contente falar comigo. Havia trabalhado dando apoio técnico na área de comunicação para o MST e conhecíamos pessoas em comum. A princípio havia um interesse mútuo. Mas sempre fui tímida e devagar para essas coisas e ele sueco, também não muito rápido. Ficamos só alimentando essa história. Depois no reencontramos em Quito, ele foi nosso anfitrião na cidade, apesar de não ter podido nos receber. Mas nos apresentou Natália, também da Via Campesina, de Recife, que quando voltamos a viagem comum (depois de todas as visitas) nos abrigou e se tornou outra amiga-família. Impossível dizer o quanto aprendi com cada um desses encontros, dessas pessoas, por suas vidas e formas de vive-las. Acho que ensinei um tanto também.

---

<sup>16</sup> A Consulta Popular é uma organização social que surgiu em 1997 e que se tornou um partido político mas não participa do processos eleitorais. Se estabelece como um espaço que agregava movimentos sociais, lutas, intelectuais de esquerda em prol do Projeto Popular para o Brasil.

<sup>17</sup> Via Campesina é um movimento internacional que coordena organizações camponesas de pequenos e médios agricultores, trabalhadores agrícolas, mulheres camponesas e comunidades indígenas da Ásia, África, América e Europa. Trata-se de um movimento autônomo e pluralista.

Através de Max e Natalia que trabalhavam juntos em alguns projetos conhecemos a Kim, uma sueca que morava em Lima e se tornou nossa família no Peru. Max e Kim trabalhavam em uma Organização Não Governamental que chamava-se SAL (*Solidariedad Suécia América Latina*). Percebia que em países como Equador, Peru e Bolívia, em que os níveis de desenvolvimento ainda estão abaixo dos considerados aceitável pelas organizações internacionais, a entrada das ONG's europeias é marcante, a tal cooperação internacional está presente em todos os espaços de luta e de busca de justiça social. Situação que víamos no Brasil mais expressivamente nas décadas de 80 e 90, junto a redemocratização, nas campanhas da luta contra a fome, o analfabetismo e outras situações extremas. Havia muito dinheiro circulando via cooperação, algo que tem seu lado bom, mas que também gera crises, casos de corrupção, usos individuais de verbas coletivas e tantas outras.

Quando voltei de viagem e buscava trabalho no Rio vivi a crise das ONG's e instituições com perspectivas político-sociais críticas. As organizações por falta de apoio financeiro, vivendo de projetos, vêm suas concepções políticas se indo junto a necessidade de se adaptar aos editais públicos e privados para sobreviver financeiramente. Algo difícil, mas real. Ver instituições com histórias políticas importantes vivendo de projetos que são parte do cumprimento da “responsabilidade social” de empresas altamente destruidoras ambiental e socialmente é triste, mas real.

---

Voltando à Quito e a história inicial. Durante a visita conjunta da Sarah (mãe da Luna) e da Laura conhecemos a cidadezinha de Otavalo, a laguna de Cuicocha (antigo vulcão) e andamos por Quito (museus, cidade velha). Depois, só com a Laura fomos para costa, conhecemos Puerto Lopez (cidade pequena, estranha e linda), vimos baleias gigantes em um enjoativo passeio de barco, o vilarejo indígena de Àguas Blancas, Praia dos Frailes, Tartaruguitas (tudo dentro do Parque Nacional de Machalila), paisagens lindas, mas que não se comparam com a nossa costa atlântica,. Bom para sentir o sol, calor e fugir do frio das montanhas que já nos cansavam. De lá seguimos para Canoas, ficamos num camping bonitinho, conhecemos uns meninos e fomos para um passeio de barco pernoitar em um ilha. Laura não foi e rumou para as montanhas, seus dias de viagem estavam acabando. Eu e Luna seguimos numa daquelas pequenas lanchinhas, junto a dois meninos do camping e um casal, a caminho de Cabo Pasado, A lancha era adaptada e o motor era para embarcações ainda menores, parou no meio do oceano e demorou a voltar, no fim, nos salvamos.

Mas foram momentos de tensão e medo. Da ilha voltávamos para Quito para encontrar minha mãe.

---

A volta para Quito foi uma história a parte. Uma piada, como escrevi em meu caderninho da época. Para economizar dinheiro, uma de nossas maiores atividades da viagem, decidimos fazer baldeações. Gastamos o mesmo e viajamos 6 horas mais. Nesse tempo várias pessoas nos enganaram, não conseguimos nos comunicar com Max que talvez fosse nos alojar, pegamos chuva e ainda presenciamos um “assalto” no ônibus. Um celular que disseram que foi encontrado no chão e gerou acusações, brigas e policiais. Tudo ocorreu entre os bancos da frente e de trás de nós, nos colocaram no meio. No fim das contas deu tudo certo, como sempre dava. Paramos no hostel onde estava hospedado o Eduardo, um dos amigos-viagem mais importante e que nos levou para muitas partes com suas reflexões, particularidades e companheirismo. Conhecemos ele em Cartagena junto ao Lucas (um jornalista, meio argentino meio francês, criado nos EUA e que vivia na Inglaterra), nos reencontramos em Bogotá, depois em Quito, no revimos em Cuenca e por fim na Argentina, seu lugar de origem. Desde então, já fui a casa dele mais de três vezes, é um amigo-irmão, trocamos muito. O Eduardo merecia um capítulo a parte, mas a tanto a contar que não sei se haverá espaço. Ele me salvou de uma crise da viagem tremenda, em que estava sozinha (minha mãe tinha acabado de ir embora, a Luna tinha ido numa viagem relâmpago para o casamento da irmã, Max e Natalia estavam fora de Quito em uma atividade política) me sentia desamparada, triste, com medo e pela internet descobrimos que estávamos a uma esquina de distância, nos encontramos e tudo melhorou.



Nos relatos parece que tudo foi maravilhoso, mas passei por muitas crises. A minha relação com a Luna era maravilhosamente complexa, nos dávamos muito bem, gostos parecidos, vontade em comum, não parecia possível fazer aquela viagem com mais ninguém e apesar de quase não brigarmos era muito difícil, parece que ressoava todas as minhas outras relações, dizíamos que por ordem de algum destino nos colocamos naquela situação, de sermos a família uma da outra e trazermos todas as questões de uma família concentradas. Muitas das minhas questões, angústias vieram à tona e vinham com toda força. Não tinha muito onde me amparar, tinha que viver aquilo, mas agradeço que passou, que ela estivesse ali e que hoje me sinto muito melhor. Sabe-se lá porque elas precisavam ser vividas em movimento, fora de casa, da cidade, foi ano mais lindo e duro em toda minha vida, emocionalmente.

---

Voltando a história, chegou a minha mãe, uma viajante nata, que aproveitou bastante minha grande viagem para conhecer lugares novos. Foi a Colômbia, Equador e depois ao Chile, junto aos meus avós.

Bom, com a minha mãe em Quito, em uns dias que a Luna havia viajado para alguma parte, fui ao cinema, ao 8<sup>1/2</sup>. Um cinema desses que passa filmes cult's, politizados, europeus, latinos, possivelmente indicado por Max. Escolhi um filme Equatoriano, um documentário, sobre uma escola alternativa. Um lado meu buscava nessa viagem experiências educacionais, possibilidades de pensar a educação, outras formas de se formar. Meu trabalho final da universidade tinha sido sobre isso e tinha pensado junto com a minha orientadora-amiga, a professora Lana Fonseca, em ir vendo experiências e contando para ela através de cartas, uma adoração comum que tínhamos. O projeto não deu certo, trocamos umas duas cartas, mas a proposta de seguir essas experiências funcionou. Elas eram um pouco a busca da viagem.

Tanto funcionou que a Luna, que não tinha nenhuma relação com o debate da educação, havia se formado em Serviço Social (sua trajetória era na luta por direitos humanos), ficou com a educação na cabeça. Ao voltarmos, junto a Júlia (amiga-irmã comum) formamos um grupo de estudos para estudar experiências de educação alternativas, fizemos um curso on-line sobre a Escola da Ponte de Portugal, outro de formação de alfabetizadores populares e conhecemos a Escola Livre da Comunidade de Piracanga na Bahia. Passamos alguns meses sonhando as três juntas.

---

Assim, com a minha mãe, vi o filme chamado *Grandir*<sup>18</sup> sobre a *Ami*<sup>19</sup> (*Fundación Amigos de la Vida que mantém o Abrigo/Escola “Nuestro Hogar”*), uma instituição escolar equatoriana que me tocou de imediato. Era um lugar lindo, construção de madeira no meio das árvores, o filme traduzia uma energia de tranquilidade, um ritmo lento, uma sensação de que a escola seguia aquele ritmo. Havia tempo para sentir as coisas que iam surgindo. Era um espaço educativo para crianças de 0-4 anos com uma linha pedagógica estruturada sob a formação para a liberdade e a autonomia. As crianças que lá estavam tinham sido abandonadas por suas famílias (por isso um abrigo), a mãe havia morrido no parto ou casos desse tipo, e eram direcionadas pelo conselho tutelar da cidade. Durante todo o tempo que permaneciam em *Nuestro Hogar* havia um trabalho realizado pela diretora da instituição de conversa com as famílias para buscar a reintegração da criança, mas num processo que incluía a vontade dos pais, em muitos casos acontecia deles ao longo de anos iam se entendendo para se reestruturarem e poderem ter uma criança em suas vidas. Iam entendendo o que isso significava e o valor de ter um filho.

Fiquei totalmente encantada pelo filme e querendo conhecer a escola, saber onde ficava, ver que lugar era aquele. Busquei na internet, mas não consegui um contato. Quando reencontrei a Luna contei para ela, disse que tínhamos que conhecer.

---

Seguiram os dias. Fui com minha mãe encontrar Laura (que havia ido tentar fazer um trekking para montanhas nevadas) para conhecer vulcão nevado do país que ficava próximo dali, o Cotopaxi. Alugamos um carro, foi bom poder viajar uns dias assim, sem peso nas costas. Chegamos na pequena cidade de Latacunga, linda, como todas da região andina do país, uma pequena praça no meio da cidade, para onde sempre íamos para iniciar nosso reconhecimento.

Nas praças sempre havia algo importante para ser visto ou era uma boa maneira de entender geograficamente o lugar. Se fosse uma cidade turística, haveria uma lojinha de turismo, que nos servia para pegar um mapa do local e para, às vezes, descobri o que era legal de conhecermos. Descobríamos e depois íamos por nossa

---

<sup>18</sup> Filme *Grandir*: *Grandir* em francês significa CRECER. O filme introduz o espectador em uma casa que se converte na antítese dos orfanatos comuns. Em um espaço cálido, as crianças crescem como seres livres, competentes e aos poucos, se reconciliam com seus passados difíceis. Através desse documentário, os diretores, Etienne Moine y Bernard Josse, demonstram que com poucos recursos e de formar simples é possível crescer com respeito e amor. Texto adaptado e traduzido de: [www.grandir.ec](http://www.grandir.ec) - Acesso em Fev/2015.

<sup>19</sup> Fundación Amigos de La Vida – [www.fundacionami.org.ec](http://www.fundacionami.org.ec) - fundação sem fins lucrativos, financiada principalmente por doações de empresas e pessoas particulares. Acesso Fev/2015.

conta. Poucos momentos utilizamos dos métodos turísticos, apenas quando se tornava mais barato ou quando era a única forma de chegar a um local. Quando íamos tinha duas opções: nos arrependíamos porque nos sentíamos um pouco fora do nosso eixo ou era tão incomum que tornava engraçado e viravam histórias. Os coitados do guias turísticos, naquele momento, eram os seres mais desprezíveis possíveis.

---

Encontramos a Laura na praça de Latacunga, não me recordo se foi via facebook que nos comunicamos ou se ela ligou para o celular que tínhamos na época. Não lembro se o celular estava comigo ou com a Luna. Desde que começamos a viagem na Venezuela ter um celular do local tornou-se fundamental, para realizar os contatos com as organizações, falar com os amigos. A modernidade nos permitia comprar um chip em cada local e ter um número em cada país, incrível.

Mas éramos econômicas ao extremo, íamos pegando aparelhos velhos dos amigos em cada país e colocando os chips de 5 reais, em média. Mas um momento, creio que no Equador, numas dessas feiras bem pobres de rua, como as que tem nas ruas da Glória no Rio de Janeiro, que as pessoas vendem coisas encontradas nos lixos ou muito velhas (dessas, que chamo, carinhosamente de *mendingo's shopping's*) compramos um aparelho celular que nos acompanhou pelo resto da viagem. Aceitava todo tipo de chip, desses tijolinhos. Por sorte (tenho meu lado nostálgico) na época, ainda, não haviam chegado o *boom* dos smartphones, não tinha essa onda de todos terem internet no celular, não havia *whatsapp*, tablete, só alguns poucos tinham. Mas eram artigos de luxo. Nosso grande método de comunicação eram as mensagens (SMS), poucos telefonemas, *facebook* (fiz para viajar, estava iniciando) e os e-mails. Não levávamos computador e nem nenhuma outra forma de comunicação. O que me parecia ótimo. Éramos frequentadoras de *lanhouses* e sempre que queríamos gastar um tempo ficávamos horas por lá. Os amigos acompanharam nossa viagem de perto, apesar de termos feito blog, nem nada parecido. Nosso método era o facebook e os e-mails. De tempos em tempos eu escrevia e-mails gigantes paginas e mais páginas, contando tudo para família e os mais amigos. Muitas vezes a Luna encaminhava os meus e-mails, pois não tinha tanta a prática das grandes cartas-relatos.

Eu fazia também com o meu grupo de amigos mais chegados umas videoconferências por Skype, de 2/2 ou 3/3 meses. Era mágico ver tudo mundo, contava tudo, eles me contavam daqui. Acompanhei o nascimento da primeira filha do grupo, a Dora, assim A Titi levava o violão, tocava as músicas que eu tinha saudades ou as músicas que estavam na nossa cabeça. Quando alguém vinha nos visitar levava

presentes que eu mandava e quando havia um presente especial fazíamos gincanas sobre a viagem e o ganhador levava. Era hilário, coisas únicas, que só o nosso grupo de amigos faz, únicos como todos os outros. Terminava as vídeos renovada, me sentindo muito amada. Cheia de energia de seguir aquele dura e maravilhosa empreitada.

---

Enfim, reencontramos a Laura em Latacunga, nos instalamos em um hotelzinho simples (os dias com a minha mãe eram a possibilidade de alguns luxos), comemos algo e ela logo nos contou de seus dias e de um novo amigo. Falou do seu *trekking* para um pico nevado, que não tinha ar por conta da altitude e nem preparo para o frio. Quase morreu. Já o dia na pequena Latacunga havia sido ótimo, caminhou por todos os cantos e conheceu uma figura que tinha que nos apresentar. O livreiro Lalo, mais um personagem dessa história. A paixão pelas livrarias e livros a Laura compartia comigo no tempo que esteve conosco.

Fomos conhecer Lalo. Um homem de 50 anos um tanto maltratado, gordo, cabelo grande, conjunto de moletom, com dificuldades para respirar. Um tipo encantador, um sorriso imenso e uma vontade infinita de trocar histórias, sejam ficções, romances ou reais, sem nenhuma ordem de valor entre elas. Tinha uma pequena livraria-sebo numa parte bem central do povoado, onde ele mais presenteava as pessoas do que vendia livros, era uma figura da cidade, onde todos iam para conversar. Ele se apaixonou pela gente, principalmente pela Laurita, como ele falava. E nós por ele. Depois que minha mãe e Laura se foram eu voltei a Latacunga com a Luna, pois ela tinha que conhecer Lalo.



Lalo era um homem-militante da vida, só sabia fazer isso. Naquele momento, construía uma linda militância no campo da literatura. Desde os 15 anos milita, foi guerrilheiro, foi para Nicarágua (perdeu uma namorada na guerrilha), para União Soviética (se decepcionou com os burocratas e as desigualdades no socialismo soviético), para Cuba (era encantado pela ilha, Fidel e Che), viveu na ilegalidade do Partido Comunista Equatoriano, depois a legalidade e não quis mais. Quando seu grupo político chegou no poder e ele poderia estar nos altos cargos do governo, perdeu o encanto por seus companheiros, os caminhos traçados e os a serem traçados. Nesse momento voltou para sua cidade natal, para viver com sua família, conseguiu montar essa livraria e passava o tempo trocando ideias, dando livros para as crianças. Um ser apaixonado pela militância e pela literatura, um pouco parecido comigo.

Lalo foi uma das lideranças que pensou os processos revolucionários no Equador a partir da década de 80. Nos contava como havia sido chave o momento que a vanguarda política de esquerda havia, a partir de uma leitura histórica, percebido que o sujeito revolucionário do Equador não eram os obreiros/proletariado, mas sim, os indígenas<sup>20</sup>. E começaram a fazer trabalho de formação política junto aos indígenas, os ajudar na formação de organizações indígenas, confederações, coordenadoras, entendendo que eram os grupos mais expropriados pelo sistema capitalista no país.

Nos contou que ele participou da organização da primeiro grande levantamento indígena (Marcha pela Dignidade e pelo Território), no início da década de 90<sup>21</sup>, onde milhares de indígenas ocuparam as estradas e cidades desde Quito até Guayaquil, pela garantias de seus direitos, por suas terras e para serem reconhecidos como cidadãos. Lalo nos contou que a partir daquele momento os indígenas

---

<sup>20</sup> “Pese a que constituyen la población originaria del Ecuador, los pueblos indígenas, reaparecen recién en la década del 90, como actores revitalizados que cuestionan a fondo el Estado blanco-mestizo, la democracia representativa, el modelo neoliberal y el proceso modernizador-reaccionario, siendo, además, portadores de propuestas innovadoras en lo político, lo cultural y lo ecológico” (fonte: <http://alainet.org/publica/diversidad/movindigena.html> - acesso em Jan/2015)

<sup>21</sup> El levantamiento de junio de 1990, representó la demostración más contundente del protagonismo indígena. La acción se inició el 29 de mayo con la toma de la Iglesia de Santo Domingo en Quito. En los siguientes ocho días, unos dos millones de indios ocuparon carreteras, haciendas, pueblos y ciudades de las provincias de Chimborazo, Cotopaxi, Tungurahua e Imbabura. Las acciones fueron apoyadas por los indígenas de la Amazonía y por grupos populares y cristianos en Guayaquil y Quito. Los indígenas interrumpieron las carreteras en la sierra centro-norte y no sacaron a vender sus productos agropecuarios a los mercados, como una demostración del papel preponderante que juegan en la sociedad como abastecedores de alimentos. Las demandas del levantamiento indígena giraron en torno a derechos económicos -tierra, agua, obras de infraestructura, mejores precios para los productos agrícolas, asignación de recursos para la educación bilingüe- pero comenzaron a poner en un lugar destacado los derechos culturales y políticos, pues se definieron como nacionalidades. (fonte: <http://alainet.org/publica/diversidad/movindigena.html> - acesso em Jan/2015)

começaram a ser reconhecidos e suas reivindicações começaram a ser ouvidas. Era o que nos contava e nos parecia fazer sentido, era diferente ouvir a história da boca de alguém em que aquilo fazia muito sentido. Eu adorava ouvir essas histórias, afinal era um pouco do que buscava, ficava horas e horas. Era a possibilidade de entender os caminhos político-sociais a partir das resistências e por meio das histórias. Cheias de emoções, sentidos e meias-verdades.

Lalo, naquele momento que nos conhecemos parecia ser uma pessoa cansada, um pouco sozinho e carente de companheiros. Nos contava tudo uma gana excessiva de dividir as coisas que estavam marcados naquele corpo inchado e doente. Era uma pessoa, ao mesmo tempo, encantadora e pesada. Adorava estar perto dele, mas cansava. Logo que nos conhecemos ficamos horas conversando em sua livraria, regado a cerveja, depois café, chocolate quente. Estava frio. Era julho nas montanhas andinas. Nos fez prometer que voltávamos. No dia seguinte fomos até o Cotopaxi, dava para ir de carro quase o pico, nevava, não aguentávamos ficar fora do carro. Na volta passamos para ver Lalo, seguimos nas conversas, nos presenteou com livros. No outro dia fomos até a Laguna Quilotoa, umas das paisagens mais lindas de toda a viagem, um antigo vulcão, que entrou em fase de descanso e pelo processo erosivo se tornou uma grande lagoa, com as paredes vulcânicas e a água com sedimentos de larvas, a água tinha uma cor que nunca havia visto antes.



Na primeira vez que fui, com minha mãe e Laura, vi só de cima. Mas o desejo de chegar na margem foi realizado quando fui apresentar o lugar para Luna (a viagem era tão sem fim, que foi possível rever cantos que enchiam a alma), fomos numa época que não tinha ninguém, descemos até a margem havia um único lugar para

dormir. Uma hospedagem rústica e simples, quem cuidava era uma menina de uns 15/16 anos e seu irmão de 9, eles ficaram até o final do dia quando nos serviram uma sopa e voltaram de manhã. Ficamos ali naquele paraíso um tanto estranho totalmente sozinhas, não havia luz e fazia frio. Agora que me vem a cabeça que situação peculiar e talvez perigosa que vivemos. Andamos de caiaque na laguna, ficamos vendo o sol ir embora numa mesinha (tem umas fotos lindas) e dormimos. De manhã os irmãos já estavam lá e quando subimos percebemos o duro que era o dia-a-dia deles, subindo e descendo aquelas montanhas. A laguna Quilotoa foi uma paisagem das que ficou em mim e rapidinho consigo trazê-la para perto. Não são muitas da viagem que consigo fazer isso. Nem todos os rostos.



---

Depois de Quilotoa fomos para Baños, a cidade das águas termais, mais ao sul do país. Antes de ir nos despedimos de Lalo e prometi que levaria a Luna para conhecê-lo. Assim como ao Cotopaxi e a Quilotoa. Como fiz!

Quando voltamos a Latacunga já estávamos em nossa rotina viageira, receber visitas era uma delícia, mas tínhamos uma felicidade de voltar a rotina. Igual quando recebemos pessoas queridas em nossas casas, é muito gostoso, fazemos coisas que não faríamos sem aquelas pessoas ali, mas quando as pessoas se vão é ótimo, voltar a vidinha normal, aos costumes. Era engraçado, mas tinha isso. Pois quando vinha alguém a obrigação de “fazer” as coisas era maior, conhecer tal lugar, mudar de lugar. O ritmo era intenso. Na vida viageira era outra coisa, podíamos ficar dias num lugar, não fazer nada durante dias, o único compromisso que tínhamos era conosco mesmo, que era de conhecer experiências políticas e organizacionais. Um compromisso que eu

tinha mais forte que a Luna. Sou uma pessoa que quando mete algo na cabeça faz de tudo para que aconteça. A Luna era bem mais relaxada por ela podíamos passar dias sem fazer nada. Acho que era complementar, ela me trazia bastante tranquilidade e eu algum movimento político para os dias.

Conseguimos cultivar essa sensação de liberdade tão difícil no mundo moderno. Liberdade de tempo. Acho uma das maiores prisões que temos. Sabíamos que aquilo não ia durar para sempre, que a vida do trabalho nos esperava. Mas que o tempo que teríamos de liberdade, iríamos aproveitar e cultivar. Acho que esse aprendizado ficou em mim. Nossa trajetória de vida, de formação não nos ajuda a cultivar isso, algo tão simples e complexo, nossa condição de homens e mulheres livres. Algo que acho que trago dentro de mim, da minha família, mas que a viagem e a possibilidade de sair do “mundo comum” me permitiu aperfeiçoar.

Impressionante, como aprendemos justamente o contrário. A escola nos ensina o que devemos fazer, saber e os caminhos que precisamos seguir para sermos bons e bem sucedidos, faz questão de nos mostrar que não somos livres. Que estamos encarcerados dentro de um sistema, de uma estrutura, de um currículo, de uma grade de disciplinas, de conteúdos e que só o que nos resta é seguirmos e sermos obedientes. A tal escola que vi no filme tentava justamente construir outros valores, sentidos junto a crianças pequenininhas. Bom, a história da escola continua um tempo depois. As datas e as ordens cronológicas não sei ao certo, mas sei que tempos depois.

Preciso voltar um pouco para falar outras história que marcaram. Na segunda ida a Latacunga com a Luna tivemos vários papos com o Lalo e ele nos apresentou a experiências e pessoas incríveis. Fomos com ele na TV Indígena Comunitária de Cotopaxi, onde pudemos conhecer a emissora onde todos os programas passam em Quechuá (feitos ou traduzidos), conversar sobre a *Lei de Medios*<sup>22</sup> e sobre a trajetória do movimento indígena no país. Ainda dêmos uma entrevista, sobre o Brasil, o primeiro governo Dilma, o monopólio da comunicação e a viagem. Conhecemos, também, Edson, uma cara de uns 50 anos, *guapo* e interessante, trabalhava na secretaria de educação municipal e circulava por todas as escolas da região (pelas afastadas, nas áreas camponesas) coordenando a formação do professores em educação bilíngue, em pedagogias alternativas e na reescrita da história do Equador a

---

<sup>22</sup> A Lei estabelece que a comunicação é um serviço público. Apresenta a proposta de reverter as frequências ilegais e redistribuí-las, estabelece o princípio de responsabilidade posterior, proíbe a censura prévia e sanciona o juízo midiático. Define a democratização das frequências acumuladas na atualidade em mais de 90% em meios privados, estabelece que 34% serão assignadas a meios comunitários, 33% a meios públicos e 33 a meios privados.

partir do enfoque na diversidade cultural, linguística e social. Fomos a uma visita com ele, passamos um dia inteiro batendo papo, conhecendo os cantões e ouvindo ele contar sua história militante, pedagógica e de vida.



---

A história da escola continua quando estávamos em Cuenca, uma cidadezinha linda mais ao sul do Equador. Arquitetura antiga, acho que a primeira capital do país, construções coloniais, toda pequenininha. Tivemos lá mais de uma vez, porque fizemos uma das grandes amigas da viagem, essa entrou no rol das principais. Fizemos tantos amigos-família que uns tínhamos que se destacar de alguma forma, porque foram pessoas mais que especiais que nos acolheram de uma forma indescritível. A Pati, foi uma dessas, um encontro. Na sua casa ficamos semanas, tínhamos um quarto, família, cachorro, amigos, ela nos deu tudo. E nós demos a sensação de viagem para ela.

Conhecemos a Pati no mesmo lugar onde a história da escola continua. Para contá-la entro num outro capítulo. Desde a Venezuela praticávamos um tipo de meditação, chamada Vipassana. Um dos elementos que a Luna trouxe com força para viagem-vida, assim como eu trouxe o hábito dos cafezinhos a tarde e da entrada em qualquer livraria que víamos pela frente. Era uma meditação que ela já havia praticado no Rio, feito mais de um curso e que a mãe dela era uma das praticantes que mantinha o centro de meditação no interior do estado. Um tipo de meditação que existe no mundo todo e que se tornou uma rede de espaços e encontros.

Logo que chegou na Venezuela, uns 20 dias antes de mim, por conta meu pé quebrado, a Luna foi direto para o centro de meditação que havia próximo a Caracas e

desde então a meditação nos acompanhou. Nesse centro na Venezuela eu fiz meu primeiro curso do Vipassana, resumidamente, são 10 dias sem falar e muita meditação. Um processo bem duro e de limpeza espiritual. Quase me arrependi, mas não, sempre valia a pena. Desde então, meditávamos quase todos os dias. Em Cuenca fiz meu segundo curso da viagem, na realidade “servi” no curso. Uma forma de fazê-lo em que participa da equipe de cozinha e na organização. Esse curso em Cuenca eu servi junto a Pati. Aí começamos a nossa amizade.

No final de cada curso há um dia em que todos se conhecem e podem falar. Nesse dia, conhecemos Camila. Ela nos ouviu falando português e veio conversar, disse que havia morado um tempo no Brasil, tinha morado no IPEMA (Instituto de Permacultura em Ubatuba), conhecíamos algumas pessoas comuns dessa rede de movimentos de agricultura alternativa (algo que trazia de meu tempo na Rural, dos movimentos de agroecologia e sustentabilidade) e começamos a conversar. Nos contou de alguns trabalhos que fazia, que fazia parte de um *Red de Guardianes de Semillas*, de uma feira orgânica, que podia nos colocar em contato com algumas organizações, grupos e experiências. Podíamos ficar na casa dela em Pifo, uma cidade ao lado de Quito, mas para cima da montanha, bem tranquila. A sede do *Guardianes* ficava ao lado, em Tumbaco. Nos colocou a par de tudo e já se tornava mais uma grande amiga.

No que conversávamos, um momento, eu disse: “*Ah, mas sabe que o que eu queria conhecer mesmo era uma escola que vi num filme. Era assim... Fiquei encantada. Havia uma mulher incrível, que criou a escola.*” Ela riu, respirou e respondeu meio sem acreditar: “*eu conheço essa escola. Fica no quintal da minha casa e essa mulher é a minha mãe!*”. Fiquei sem resposta, não acreditei, olhei para Luna e pensei “não é possível.” Algumas histórias tipo aquela vinham passando com a gente, mas essa tinha extrapolado as possibilidades do inesperado e do maravilhoso dos encontros que nos acompanhavam.

Fiquei muito feliz. Ela disse: “*vocês podem vir para minha casa, ficam um tempo e conhecem a minha mãe e a escola.*” Era claro que íamos. Passamos um tempo em Cuenca com Pati e depois rumamos para lá. Em Cuenca ficamos tranquilas, descansando, conhecemos a cidade, fomos a um lugar de águas termais, conhecemos Las Cajas (parque natural lindo) e ficamos em família. Que adorávamos.

---

Voltamos para Quito, ficamos uns dias na casa de Natália, consegui fazer meu passaporte (que já estava vencido e descobri já viajando) na embaixada do Brasil em

Quito, fiz um curso de dois dias sobre Capitalismo Verde com uma professora brasileira do sul, chamada Camila Moreno, na Universidade Andina onde ficava o escritório sede da *Cloc-Via Campesina*, onde a Natalia trabalhava. E de lá seguimos para Pifo na casa de Camila.

A discussão do Capitalismo Verde<sup>23</sup> e do Redd<sup>24</sup> foi me aproximar de fato após esse curso e fiquei impactada como eu, sendo Bióloga, nunca havia participado de reflexões mais profundas sobre esses novos processos de comercialização da natureza. Um novo paradigma que vem sendo gerado desde as primeiras conferências internacionais sobre meio ambiente, onde a partir de uma situação de crise, da constatação da insustentabilidade física do sistema criou-se estratégias de apropriação do discurso ambiental, mas ao invés de propor uma mudança estrutural na dinâmica do sistema global apresentaram uma tática que assimilava o discurso da sustentabilidade como mecanismo econômico. Foi impactante, um momento que senti que tinha a responsabilidades diante dessas discussões. Pensava que sendo professora de Biologia poderia fazer isso, me fez pensar nessa possibilidade e no concurso que havia passado antes de viajar e não assumi.

---

Chegamos em Pifo. A mãe de Camila, Maria, foi nos buscar no ponto de ônibus de carro, por conta dos mochilões. Ali, de forma simples e rápida, conhecemos aquela mulher, que para mim, já era quase um mito. Uma pessoa normal, tímida, um pouco dura, quase antipática. Camila contou a história de como nos conhecemos e de como eu queria conhecer a escola, ela não demonstrou muito interesse e nem animação. Mas disse que podíamos ver como fazíamos para que conhecêssemos a escola, pois tinha todo um processo de preparar as crianças. Mas sem formalidades foi nos contando como havia começado a se interessar por educação, pedagogia, ela e Camila contaram suas histórias que levavam aquele momento.

Camila, quando conhecemos devia ter uns 30 anos, tinha estudado na adolescência no Instituto Pestalozzi, conhecido mundialmente por suas práticas pedagógicas inovadoras. Ali, Maria tinha começado a se aproximar da pedagogia e a pensar em educação. Atualmente, a Pestalozzi existe, mas não mais como escola. Dão

---

<sup>23</sup> Capitalismo verde é uma atual estratégia sustentada pela economia verde de canalizar bens ainda não comercializados, como parte da alimentação e dos recursos naturais, a partir da lógica hegemônica do desenvolvimento sustentável. É a compensação financeira por serviços prestados ao meio ambiente

<sup>24</sup> REDD é a sigla para Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação florestal. Se refere a um mecanismo que permite a remuneração daqueles que mantem suas florestas em pé e com isso, evitam as emissões de gases de efeito estufa associadas ao desmatamento e degradação florestal

curso, formações para professores, se tornou uma referência para muitas outras experiências. Tentei conhecer, mas não foi possível.

Elas começaram a nos contar no percurso dentro do carro e seguiu até a casa de Camila. Uma casa linda, autossustentável seguindo os preceitos da permacultura (cultura permanente). Passamos dias incríveis. Era um terreno grande onde em parte dele ficava a casa de Camila, em outra parte a casa da mãe, outra de uma irmã e em outra a Ami. De uma casa não se via nenhuma outra, todas eram isoladas e independentes.



Na Pestalozzi as decisões sobre as aulas eram coletivas, os alunos e pais podiam opinar sobre o que seria cada ano. Quando estavam no segundo ano do ensino médio os estudantes queriam conhecer Manaus, tinham um imaginário de Amazônia, do Brasil, não sei ao certo porque. Começaram a conversar como fazer essa viagem, as possibilidades e decidiram fazê-la de bicicleta. A viagem duraria em torno de 4 meses. Aconteceu. Camila e Maria nos contavam e nós ficávamos cada vez mais incrédulas e encantadas com aquilo. O ano letivo foi inteiramente da viagem, um semestre para organizar e o outro para ir. Conseguiram patrocínio de loja de bicicleta, de mercado, fizeram como um projeto, a viagem depois virou um filme, um livro. Aproveitaram tudo que era possível para tornar aquele sonho realidade.

Um momento tivemos a ingenuidade de perguntar: “Durante a viagem como eram as aulas?” Elas riram e disseram: “Não havia aula. O aprendizado era se organizar para fazer a comida, ir conversar com a prefeitura para conseguir

alojamento. Arrumar o espaço que iam dormir. Se dividiam em grupos e decidiam coletivamente. Eram uns 20 alunos, 5 professores e 5 pais. Algo assim. Todo mundo junto.” A viagem foi desde o Equador até Venezuela e de lá pegaram um barco para Manaus.

Imaginava, eu com 15/16 anos fazer uma viagem com todos meus amigos da escola de bike e isso ser o espaço de aprendizagem. Precisar entender que para conseguir as coisas precisa se organizar, dividir tarefas, assumir compromissos e correr atrás. Nada chega pronto, mas quase tudo é possível. Os patrocínios aconteceram, porque afinal não é todo dia que 30 pessoas saem juntas andando de bicicleta e quando você para e pergunta te falam que estão na escola e aquilo ali é a sala de aula.

Maria foi uma das mães que esteve nessa viagem. Desde então, busca entender o que é aprendizagem, educar, formação humana. Ela correu por todos os cantos buscando ver que tipos de pedagogias mais libertadoras existiam, fez formação em psicopedagogia e seguiu seu próprio rumo. Camila nos contava que dessa turma saiu de tudo desde os mais alternativos até os mais tradicionais. Que foram para universidade, estudaram carreiras como advocacia, engenharia e estão aí na vida. O que a escola proporcionou não determinou o que eles seriam, mas com certeza os ajudou a perceber que são sujeitos livres para conquistar o que queiram.

Terminamos esse primeiro papo com elas magicalizadas, na mesma hora decidimos que iríamos finalizar a viagem no Uruguai de bike (porque era plano). Planejamos isso e investimos um tanto nessa ideia, depois acabou não dando certo. Mas foi bom pensar na possibilidade. Claro que pensamos um tanto nas nossas formações, no tão distantes que estávamos daquilo tudo, apesar das duas terem estudados em escolas privadas de elite ditas progressivas ou alternativas (eu havia estudado no Colégio São Vicente de Paulo e a Luna no CEAT, Centro Educacional Anísio Teixeira).

Conversávamos um montão sobre isso, do quão insano é colocar um monte de crianças, adolescentes, jovens, presos dentro de um espaço quadrado, enfileirados e sentados por mais de quatro horas. A ordem é sentar e olhar para frente. E por quantos anos fazemos isso? Que eu me lembre desde uns 6 anos a aula é assim. Além de ficarmos copiando e ouvindo um monte de coisas que não nos interessa. Talvez 10% do que escutamos nos seja algo interessante. Depois entramos na universidade e é quase igual. São quase 20 anos disso. Será que esse é realmente a melhor maneira de nos construirmos? Construirmos conhecimentos? Não nego a minha formação de

forma alguma, já fui crítica com a escola de elite que estudei, mas hoje em dia só valorizo e sei a importância da formação que estava por detrás de todos os enquadramentos. Até porque tive a possibilidade de comparar com outros processos ao entrar em uma Universidade Pública que abarcava classes sociais diversas. Acho que talvez seja o melhor dentre o possível que vemos como horizonte. Mas está longe de ser um espaço que acolha as demandas vivas que temos, um espaço que possa ser a expressão de nossas vontades, inquietações, loucuras, do que somos....

Bom, passamos mais de uma semana com Camila, ela tinha uma casa desativada ao lado de seu pequeno-perfeito lar e dormíamos por lá. Era linda, um campo aberto, um pôr do sol encantador. Durante o dia ficávamos pela região, visitamos a sede da *Red de Guardianes de Semillas* (era um grande banco de dados de experiências de agroecologia, permacultura e de locais onde haviam sementes *criolas*), fomos à algumas experiências da *Red* pela região, acompanhávamos a Camila em seu trabalho (ela tinha um coletivo que produzia absorventes de pano, organizavam atividades para discutir questões sobre os ciclos menstruais, gravidez, parto) e que funcionava num centro cultural, que havia um café, acontecia a feira orgânica e haviam outros coletivos.

Depois de uma semana por lá precisávamos seguir, queríamos conhecer outras coisas e a mãe dela ainda não havia nos liberado atravessar o portão que ficava a poucos metros de onde estávamos. Dizia que as visitas eram coisa séria e que não podia toda hora ter alguém novo. Não entendíamos muito bem e estávamos um pouco cansadas. Fomos embora, aceitando que não era para ser. Algum tempo depois, sabendo que estávamos por Quito, Camila nos ligou e disse que a mãe iria nos receber no dia seguinte. Mas não podíamos, já estávamos com a agenda cheia.

Tínhamos ido para Quito para conhecer uma ONG chamada *Acción Ecológica*, um contato da Eró, uma amiga querida do MST, era um dos poucos contatos “quentes” que vinham desde o Brasil. Tivemos uma longa conversa com uma das diretoras da organização. Nos colocou a par dos conflitos que vinham acontecendo no país, principalmente relacionados as grandes empresas petrolíferas na região amazônica. A *Acción Ecológica* trabalhava com formação, conscientização, ação nas lutas ambientais era referência nacional no debate da ecologia política.

*Esperanza* que nos recebeu. Assim, como Pilar, era uma dessas mulheres fortes, uma máquina de trabalho quando faz o que acredita. Um pouco como eu, só que mais velhas. Impressionante como nos encontramos nos outros e isso nos faz recordar das histórias. Ao mesmo tempo me fazia olhar para partes minhas que não

gosto e estavam evidentes no outro. Ser máquina de trabalho não é bom, hoje sou menos, aprendi sofrendo na pele (ficando doente, quebrando o pé) e vendo estampada em espelhos humanos.

Dos cadernos: "Esperanza, nos recebeu em 1 hora (no máximo), não estava aberta a conversa solta e ampla. Nos falou o que era a Acción Ecológica, como trabalhavam. Foi direta, mas incrível. Saímos de lá desestruturadas e contentes por sermos surpreendidas. Pois tinha o preconceito de que seria algo bem "ongueiro".

Ela falou da estratégia que vinha sendo construída de separação do estado de Quito para manutenção da autonomia, fez a crítica ao governo Corrêa, falou do limite entre ser um grupo (com mais autonomia política) e uma ONG, em que eles tinham necessidades que lhes fazia perder um pouco da autonomia, para conseguir projetos com instituições estrangeiras.

Ficamos conversando como os Guardianes de Semillas, que havíamos acabado de conhecer, se estabelecia como um movimento agroecológico e eles como um movimento político, que tinha um debate amplo, um projeto de sociedade por detrás de suas ações e estavam numa linha de resistência combativa.

A principal ação do grupo é em conflitos ambientais. Principalmente, petroleiras e mineradoras, cada um dos integrantes é responsável por um conflito. Ela pela implantação de Petroleiras no Yasuni"

Nos falava da crise com o governo de Rafael Corrêa, a chamada Revolução Cidadã, um olhar da esquerda que está metida em trabalhos junto as populações mais pobres. Haviam apoiado o Corrêa com todas as forças, mas já não seguiam junto. Pois ele não dialogava tanto com os movimentos e havia direcionado suas ações para um viés desenvolvimentista, quase a qualquer custo. Nos contava que grande parte da esquerda agora era oposição a Corrêa, apesar de valorizarem as boas ações e a estabilidade vigente.

Antes de entrarmos no Equador imaginávamos que íamos encontrar um país vivendo em uma situação pré-revolucionária, um processo de mudança profundo e intenso. Acho que nossa cabeça gosta de esperar o que gostaria de ver. Nos parecia que Corrêa era como um seguidor do Hugo Chávez e que o processo seria parecido ao que vinha passando na Venezuela. Mas era bem diferente, nos sentimos um pouco como no Brasil, apesar de estarmos em um país de tamanho e história bem diferente.

O governo de Corrêa tinha trazido estabilidade política e isso todos valorizavam. Os anos 90 e 2000 haviam sido um caos no país: houve a queda de diversos presidentes, golpes de estado, a dolarização da economia do país e diversos conflitos sociais. A eleição dele em 2007 e a aprovação da nova constituição em 2008 trouxeram consigo a possibilidade de pensar em questões políticas mais profundas.

O governo Corrêa, chamado de Revolução Cidadã, tinha como base os programas sociais de diminuição da desigualdade chamados de *Missiones* (uma denominação utilizada também na Venezuela e trazida da revolução Cubana, em que após a tomada do poder o exército revolucionário realizou diversas *missiones* para resolução de problemáticas imediatas e básicas para construção de uma outra sociedade) - algo que nos governos de centro-esquerda da América Latina tornou-se comum, mas não como algo imediato e sim como a ação social viável e sem data para terminar. Outro ponto chave foi a instituição da Assembleia Constituinte para construção da nova Constituição do país, em que as organizações de esquerda participaram ativamente. Na *Acción Ecológica* nos falavam com orgulho, mas diziam pouca coisa saiu do papel, mas foi considerada uma Constituição progressista, principalmente, no debate ambiental.

Nessa constituição a natureza é colocada como sujeito de direitos<sup>25</sup>, algo difícil de discutir, pois como algo que não é sujeito é colocado com tal? Mas é posto como uma forma de demarcação explícita sobre a importância da proteção dos recursos naturais e da biodiversidade numa perspectiva social, comunitária e a partir de sua importância intrínseca a forma de vida dos povos originários. Uma possibilidade de pensar em estratégias para jurisdição de certos crimes, ações e inconstitucionalidades. Mas algo difícil de colocar em prática, pelo que vimos.

O debate mais forte que acompanhamos no Equador foi, sem dúvida, o ambiental. Todos que sentávamos para conversar traziam isso à tona. Fosse os militantes da esquerda dos movimentos sociais da Via Campesina, fosse a esquerda mais alternativa, fosse as famílias de classe média comuns ou quem mais buscássemos. Claro que isso era o que buscávamos, mas digo em comparação com os outros países, em que o debate ambiental era um dentre vários. Por conta da nova constituição, haviam sido aprovadas novas leis progressistas: de soberania alimentar,

---

<sup>25</sup> Constitución Ecuador: Capítulo séptimo Derechos de la naturaleza

Art. 71.- La naturaleza o Pachamama, donde se reproduce y realiza la vida, tiene derecho a que se respete integralmente su existencia y el mantenimiento y regeneración de sus ciclos vitales, estructura, funciones y procesos evolutivos.

terra, *semillas* e de limitações aos avanços das transnacionais extrativistas. Diante dessa situação víamos um governo tentando conciliar interesses opostos, como no Brasil, mas o limite das políticas de conciliação são evidenciados rapidamente. E nesse momento, o capital fala mais alto e o Estado começa a pender para um lado, sem vergonha da incoerência.

No final do Equador fomos acompanhar uma atividade da Acción Ecológica na região amazônica do país, na cidade chamada Lago Agrio, o que acabou determinando nossa saída do país pela fronteira aquática amazônica, o que foi incrível. Mas essa história fica para daqui a pouco. Essa atividade chamada Clínica Ambiental trazia o debate contraditório do governo Corrêa à tona. Ali estava o foco da exploração petrolífera e a região mais rica em biodiversidade do país. Era também a região com maior porcentagem de populações indígenas não inseridas da dinâmica societária geral (pois quando falamos que 50% da população do país se autodetermina indígena não estamos falando de comunidades isoladas, de índios viventes em uma dinâmica comunitária. São sujeitos que trazem os traços, a cultura e a dinâmica de seu grupo de origem, mas já inseridos na sociedade geral). Aquele era o coração dos conflitos que a Revolução Cidadã vinha enfrentando. Próximo de Lago Agrio estava também a Reserva Natural do Yasuni (por onde cruzamos a fronteira), a região com maior biodiversidade em densidade do continente, lugar alucinante. Essa paisagem (com mais dificuldade que a laguna Quilotoa) consigo trazer para mim, também, e sorrir um pouco no meio do conflito.

Bom, a questão era que ali estavam os recursos possíveis de garantir o Equador se desenvolver, estar economicamente inserido no sistema em que vivemos, mas a custo do quê?

Vimos passeando pelo Yasuni de barco com um amigo, que era guarda parque, várias plataformas de exploração de Petróleo. Perguntávamos: “Como um país que tem uma constituição que garante que a natureza é um sujeito de direitos permite que sua maior riqueza natural seja explorada? Isso não é inconstitucional?”. Nosso amigo, que agora não recordo o nome, nos respondia: “Inconstitucional não. Em seu segundo mandato, Corrêa, através de decretos permitiu qualquer tipo de exploração de petróleo, aprovados por ele, em prol do progresso social e da revolução cidadã. O estranho é que 90% das empresas que exploram são estrangeiras, transnacionais e tem até a Brasileira. Que dinheiro vem para o país?”

Nunca fui purista e nem em minha fase mais *hariboo* (como chamávamos os hippies na rural) acreditava em desenvolvimento zero, em uma possibilidade de

voltarmos a uma sociedade sustentável e que devíamos defender a natureza acima de tudo. Minha grande indignação sempre foi e continua sendo a injustiça social. Se tivéssemos uma sociedade totalmente insustentável, mas justa e igualitária, e que todos vivessem com condições dignas até que o mundo se explodisse, por mim, tudo bem. Mas obviamente, sei que todas as injustiças estão interligadas e que para termos boas condições de vida precisamos garantir a proteção da natureza e da biodiversidade. Mas digo isso porque o que vimos na Clínica Ambiental e que nos contavam é que o desenvolvimentismo (ou neodesenvolvimentismo/ neoextrativismo – as novas estratégias de dominação e colonização do território a partir do método historicamente conhecido da extração) era a qualquer custo social.

Na atividade que fomos da Clínica Ambiental, que funcionava como um observatório popular e social dos impactos da exploração do petróleo na região, vimos a apresentação do *Relatório de Pipampiro* realizado por um médico e pesquisador social junto a sua equipe e a população local. O relatório mostrava os impactos sociais, ambientais e na saúde da população. Eram dados e análises que me entristeceram, informação que sabemos de certa forma, mas que escutar e estar ao lado do que está acontecendo dói mais. Eram análises que mostravam que mais de 80% da população tinham início de câncer por conta da contaminação da água e que nos dizia, também, que uma porcentagem alta da população na faixa etária entre 20-60 anos sofria de depressão aguda, por ter perdido seu meio de trabalho tradicional (agricultura e pecuária por conta da contaminação do solo e da água) e ter acreditado que a chegada das empresas petrolíferas iriam lhe trazer uma vida melhor. Eu ouvia os dados e chorava por dentro, pois os maiores atingidos estavam ouvindo junto a mim.

Essa narrativa me leva à outros lugares da minha história de vida. Numa reunião do grupo de pesquisa me incitavam contar o que havia de novo na viagem, falavam para não me focar nos fatos políticos, no que podia-se buscar em outros meios e eu me irritava. Não sabia muito bem o porquê, mas ficava chateada, como se quisessem negar a minha caminhada e o que busquei, por mais óbvio que fosse. Agora entendo. Saber que milhares de pessoas pelo mundo a fora vivem em condições sanitárias horríveis é triste e me causa revolta, mas ter ido a esses lugares, ter conhecido, tocado, visto, sentido é outra. Posso falar o que já se sabe, mas falo porquê aquilo já não é um fato qualquer. Me toca e cada um sabe das coisas que para si, são quase insuportáveis.

Isso me traz a lembrança da época da universidade e de um momento chave que originou desdobramentos para toda a vida. O Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV) fico pensando que todos os profissionais deveriam vivenciar os seu campo de estudo, por mais variado que ele seja e oposto ao que acredito. Se a pessoa acredita no agronegócio, deveria na universidade vivenciar uma semana de tudo que o agronegócio é composto. Sentir o cheiro, o calor, o nervosismo no trabalho e tudo mais.

Vivenciei 10 dias de uma assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra no norte do estado do Rio de Janeiro. Nunca mais o MST, a agricultura, morar em barracos de lona, o norte fluminense, as monoculturas de cana de açúcar foram as mesmas para mim. Agora, quando escuto algo, leio, recebo informações sobre essas temáticas elas vem para mim junto com arrepios, sorrisos, dores, enjoos, revoltas, cheiros bons e ruins. O cheiro maravilhoso do café me acordando as 4h30 da manhã antes de ir para a roça plantar mandioca e o cheiro terrível de fritura presente em tudo que comíamos e que em minha história alimentar natural era uma porrada constante.

Todas as vezes que estou na estrada e vejo uma ocupação com barracas de lona e uma bandeirinha vermelha sorrio e penso que de alguma forma essas pessoas estão na busca por sua liberdade. As contradições e questões que acompanham o movimento sem terra são gigantes e o tempo que acompanhei bem de perto me permitiria escrever sobre várias delas, mas o que me importa aqui é ressaltar a busca por liberdade de pessoas com histórias diferentes da minha, que sofrem as mazelas da sociedade de forma mais radical e que me ensinaram muito. Aprendi sobre as diversas possibilidades de viver a vida, me formei junto a essas pessoas e aos projetos que ajudei a coordenar durante a universidade o tanto que as centenas de horas dentro de sala de aula, de laboratórios, fazendo provas e trabalhos não me proporcionavam.

Assim, agora quando escuto a noticia do assassinato de um militante do MST por capangas dos latifúndios não consigo que entre por um ouvido e saia pelo outro, como fazemos com várias notícias que escutamos, a dor que aquilo me gera é fruto do cheiro do café, da fritura, a emoção da despedida, a adrenalina de participar de um Ato no Dia 8 de Março contra a Aracruz Celulose e a alegria do tanto que fiz de amigos e companheiros ao longo do tempo junto a essa luta. No ano de 2013 vivi muito essa dor. Dois companheiros do MST que havia conhecido, visitado suas casa e

conhecia suas histórias foram assassinados por lutarem contra a lógica do agronegócio.<sup>26</sup>

Meu sentimento com muitas das notícias que me chegam dos países irmãos é também cheia de outras emoções. As notícias vem com histórias, amigos, sabores, cheiros, sorrisos e lembranças. Por isso, que acho que o que mais falta nas escolas, universidades, na nossa formação é vida, gente, cheiro, gosto, elementos que mexam com nossas emoções junto a razão, as transformações necessitam do elemento sensível.

Mas, falei de tudo isso para dizer que no dia que Camila nos ligou para irmos visitar a escola tínhamos sido convidadas por Esperanza para irmos numa reunião em Esmeralda (província do Equador) com diversos movimentos sociais importantes. Iriamos de carona e estavam nos esperando. Dissemos para Camila que não podíamos, que havíamos nos comprometido e que a mãe dela não havia nos dado nenhuma previsão. Ficamos um pouco chateadas, mas achando que tínhamos que cumprir o combinado. Algumas horas depois, Esperança nos liga e diz que por um problema totalmente inesperado a reunião havia sido cancelada. A história da escola era forte e não podia acabar assim.

---

No dia seguinte rumávamos novamente para Pifo, a visita estava marcada para as 10h. Acordamos cedo e às 9h30 já estávamos lá, encontramos Camila e ela nos levou até a porta às 10h10. Um portãozinho pequenininho todo fechado por aquelas cercas vivas, parecia que estávamos entrando em um sonho. Me lembrou daquele filme “Jardim Secreto” que assisti várias vezes, com meu irmão, primos, passava na *Sessão da Tarde*. Entramos, só eu e a Luna, Maria veio ao nosso encontro reclamando que estávamos 10 minutos atrasadas. A mulher era braba mesmo.

Não sei ao certo quanto tempo durou a visita. Talvez uma, duas ou três horas. Primeiro andamos pelo entorno e ela ia nos explicando o porquê de tanta rigidez, demorou tanto tempo para visita pois ela conversou com as crianças, eram umas 20 sem contar com os bebês, quem éramos, o que estávamos fazendo e porque queríamos ir conhecê-las. Tudo que acontece é conversado com as crianças, elas precisam saber o que vai passar. Dizia que nada ali passa por cima das crianças e desvaloriza suas opiniões. Nossa visita seria somente pela parte exterior, pois o contato com as crianças era outra preparação e que só uma de nós iria poder entrar para ver por

---

<sup>26</sup><http://www.mst.org.br/content/cicero-guedes-coordenador-da-ocupacao-na-usina-cambahyba-e-assassinado-no-rio> - Acesso em Fev/2015

dentro. Apenas com a troca de olhares decidimos que seria eu. Afinal a história toda começava lá atrás pela minha vontade que se transformou em realidade.

Era tudo lindo. A arquitetura era uma beleza a parte, o marido de Maria é arquiteto e desenhou a escola a partir das conversas com ela, assim como os brinquedos de madeira fixos e os brinquedos móveis que eram levados de um lado para o outro. Todos os espaços eram amplos e abertos, as divisórias eram baixas para que as crianças pudessem estar em um local e ver todo o resto, uma forma de terem liberdade, mas se sentirem olhadas e cuidadas. Maria nos falava que nessas idades iniciais as crianças precisam ser livres e reconhecidas por seus atos. Não julgadas, não dizer o que é certo ou errado, mas sim reconhecer suas ações. Elas não precisam ser criadas para serem obedientes, mas para entenderem os limites dos nossos corpos e das relações sociais. Então, principalmente, para os menores ao invés de dizer “não”, “não pode”, “não vá lá”, ela e as cuidadoras, que haviam sido formadas ali dentro, lhes estabelecia os limites do que se podia, normalmente um limite físico, mesmo.



(foto retirado do site - [www.fundacionami.org.ec](http://www.fundacionami.org.ec))

Maria, nos dizia que através dos estudos realizados em psicopedagogia havia descoberto que dos 0-4 anos as pessoas construíam suas principais condutas e respostas aos estímulos do mundo, se constituíam como ser humano social. Por isso, ela tinha construído aquela instituição. Nos dizia que tinha percorrido o mundo conhecendo instituições e fazendo cursos sobre formas inovadoras de educar. Mas que nenhuma tinha lhe parecido o ideal, que ela não tinha achado nenhuma “perfeita” para ela e decidiu criar a sua. Parecia que não era uma pessoa de tão fácil relacionamento, apesar genial. Os gênios geralmente são difíceis, acho que porque são incompreendidos. Desde que entendo melhor do mundo, ser medíocre me pareceu uma boa opção. Não que eu trilhe esse caminho cotidianamente.

Em certo momento eu pude entrar e acompanhar um pouquinho o dia deles. Não podia me comunicar e muito menos passar a mão na cabeça, falar que eram lindos, ela me mataria ali mesmo. Entrei, fiquei numa quina olhando. Era a hora do almoço dos maiores (de 2-4 anos) e pude observá-los. Faziam tudo sozinhos. A comida era colocada em vasilhas de plástico, a uma altura possível deles alcançarem e eles decidiam, botavam o quanto queriam, comiam da forma que fosse, no tempo que lhes parecia melhor. Eles se sujavam, demoravam um tempão, mas funcionava, comiam e sabiam que só teriam comida de novo mais tarde, sabiam o limite de sua liberdade de decisão. Lindo, ver os pequenininhos fazendo as suas próprias coisas. Nós que os tornamos tão dependentes. Vi um filme, uns dois anos depois, chamado “Bebês” que mostrava isso. Um filme sem falas que acompanha 4 bebês nascidos em regiões e culturas diferentes e como eles se desenvolvem. Um japonês cheio de aparatos tecnológicos e cuidados em comparação com um pequeno em uma comunidade isolada da África criado solto, no meio dos irmãos, pelado, sem tanto controle e “cuidados”, que se desenvolvia bem mais rápido, com mais autonomia.



(foto retirado do site - [www.fundacionami.org.ec](http://www.fundacionami.org.ec))

Depois da parte dentro, sentamos para conversar com Maria numa sala isolada e ela nos contou de sua vida, suas buscas e como chegou na construção daquela escola. Aquela mulher durona, naquele momento mostrou a sua doçura e a beleza que existiam em cada um dos seus passos. Essa foi uma das conversas que nos gerava o arrependimento não ter filmado, gravado, pois foi é impossível de reproduzir. Tanto eu como a Luna choramos no decorrer e ficamos em estado de mudez ao acabar. Lembro claramente da Luna me dando uma abraço e agradecendo por ter nos levado até ali.

Só tem uma parte da história/conversa me lembro bem e que acho que foi porque me via naquela mulher. Somos parecidas. Também sou durona, de difícil relacionamento em alguns momentos, do tipo que quando põem uma coisa na cabeça vai fazer de tudo para acontecer e fica irritada com quem surge no caminho e atrapalha, gosto de trabalhar junto com pessoas que são tão eficientes e rápidas para fazer e entender as coisas. Muitas vezes as pessoas tem outras qualidades que não essas e eu não sei lidar bem. Conversávamos que eu seria uma boa pessoa para trabalhar com Maria, mas que seria um antro de praticidade e dureza. Fiquei querendo volta, ficar um tempo, aprender com ela, mas até hoje não aconteceu.

Me lembro da parte que ela nos contava que quando tinha uns 20 anos era revoltada com o mundo e as injustiças sociais, e que o grupo de militância/guerrilha que ela fazia parte sequestrava caminhão de comida nas estradas e levava para bairros pobres para distribuir. Aquilo pareceu incrível, engraçado alguém achar isso legal, mas eu achava e ainda acho um pouco. Falava como aquilo era intenso, impactante e lhe supria naquela época. Mas que depois foi seguindo a vida e já não acreditava que as mudanças tinham que ser daquela forma, teve filhos e foi se re-encantar pela possibilidade de ser parte da transformações sociais quando se deparou com a educação e a escola em sua filha se formou. Naquele momento percebeu que queria seguir e sua forma seria novamente radical, impactante, mas menor, as transformações seriam em doses homeopáticas.

Depois que saímos, talvez horas, dias ou semanas depois, quando conseguimos digerir o que tinha sido aquela história desde seu início até a conversa com Maria, dialogávamos como foi forte, dentro de tantas coisas que andávamos vendo, movimentos e paisagens monumentais, aquela mulher, aquela escola, aquela micro-revolução havia sido uma das coisas mais lindas e um dos maiores aprendizados da viagem.



---

A história da escola me fez pensar em várias das histórias que vivemos no Equador, mas faltaram umas tantas. Mas fiquei pensando que uma eu não podia deixar passar, na realidade não é uma história, mas uma marca que o Equador deixou. As artes do extraordinário Guayasamin.. Na minha casa tem vários pôsteres de obras dele, na casa do meu pai, do meu tio, de amigos, ele está por todos os cantos. Em Quito tem dois museus, a casa-museu e a *Capilla del Hombre*. Na *Capilla* acho que fui 3 ou 4 vezes. O próprio lugar é uma obra de arte, entrava e me sentia submersa em cores, traços, visões, relações. No meu quarto tem um quadro chamado “Maternidade” que é uma mãe abraçada a seu filho, os dois em carne e osso, entrelaçados num fundo azul escuro e profundo. Ele tinha uma capacidade de transpor algumas durezas da vida mesclados com os sentimentos mais fortes e bonitos dos seres humanos, como a maternidade. Algo que só vendo.



*Quito por Guayasamin*

---

Penso no Equador e me vêm os sabores do *motepio*, do feijão das comunidades afrodescendentes vendido em barraquinhas na madrugada de Cuenca, dos cookies naturebas com chocolate da feira de Tumbaco, de tudo de milho (*humita*, *quimbolito*), tudo de *plátano* (*tajada*, *maduro*), sopa de *mani*, *chifles*, as comidas de rua, saquinhos com grãos com molho de *ají* e tantos sabores. A comida marcou a viagem. Comíamos tudo que passava por nós que não tinha carne, nos lugares mais populares, só passei uma vez mal por conta da comida. Logo no dia que comemos num restaurante mais chique. Nossas maiores alegrias eram comer, gastar horas cozinhando e agradecer quem nos hospedava com uma bela refeição. Eu gosto muito de cozinhar, agradar os outros pela comida, a Luna me ajudava e sempre era um ótimo estimulante na perspectiva apetite.

---

Bom, gostaria ainda de contar a história do ônibus de Cuenca para Quito em que viemos quase 10 horas naquela caminha do motorista que há atrás, uma janela que caí numa cama. Não havia mais passagem, precisávamos ir e com todo nosso carisma convencemos o acompanhante do motorista a nos “alugar” seu cantinho por uma noite. Foi uma delícia apertada e barata. Para melhorar a história, o ônibus chegou e esqueceram de nós. Quando acordamos já estávamos na garagem, sonadas e perdidas. Mas foi bom, convencemos o garagista a guardar nossas bagagens por umas horas e pudemos nos localizar mais tranquilamente. Virou nosso amigo, é claro. Ficou com nosso número para qualquer coisa e nos ligou todo os dias até sairmos do Equador, para perguntar como estávamos, em que lugar e se precisávamos de uma carona para alguma parte. Assim, seguíamos!

---

### ***A inquietude e o desassossego***

*O desassossego é uma enfermidade da identidade que tem a ver com a alma e com a relação que temos com o tempo. A inquietude, contudo, começa no cérebro e mina nossa relação com o espaço, destruindo suas familiaridades e suas certezas, e convertendo-o em asfixiante. Os místicos e os poetas cultivam o desassossego. Mas a inquietude pertence sobretudo às crianças e aos viajantes. Um dos sintomas da inquietude poderia se chamar de: nostalgia dos espaços abertos. Quando isso ocorre, a pergunta essencial não é a inofensiva e narcisista "quem sou?", e sim a perturbadora e perigosa "o que faço aqui?". Por isso aqui, no limbo, o principal não é interrogar o que somos, e sim onde estamos. E isso para partir imediatamente. (LARROSA, 2012, p. 104*

## *Peru e as fronteiras que cruzamos na vida*

Nesta viagem cruzar fronteiras foi algo constante. Me via a todo o tempo atravessando espaços, possibilidades de ver e de pensar sobre o mundo. A entrada no Peru foi uma travessia física e simbólica. Na vida as cruzadas também foram parte de mim, circular por os caminhos do conhecimento, tentar cruzá-los, ir e vir. Viajando, o ato de voltar parecia incabível, pois ainda havia muita estrada adiante, mas na cabeça o ir e vir era constante.

As fronteiras pareciam meios do caminho, estar meio aqui e meio ali. Momentos para pensar, remexer o que já parecia evidente, fazer um raio-x e se preparar para o que estava por vir. As vezes elas eram sensação de lugar nenhum, incômodas, ou instigantes, angustiantes, afinal, era o sinal do novo. Aquela sensação boa do desconhecido, da novidade, do intenso que é, também, assustador e imprevisível. Momentos em que o mundo de dentro e de fora de nós se confunde.

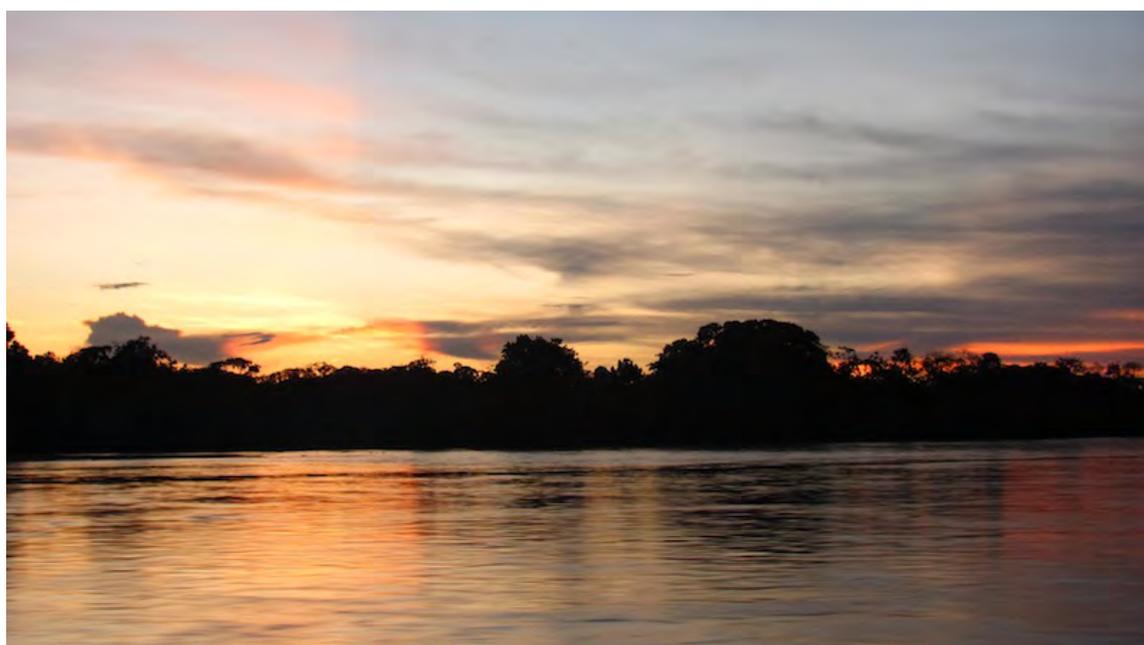
Quais as fronteiras que existem dentro de nós, que nos levam a caminhar, atravessar e buscar o desconhecido? Por que, às vezes, quando ficamos nos espaços fronteiros nos sentimos em lugar nenhum? Não poderíamos pensar o quanto aprendemos com um pé em cada canto? Na minha vida, sem tantos planos fui caminhando e botando pés em lugares distintos: a Biologia, os Movimentos Sociais, a Educação, o debate latino-americano, os Direitos Humanos, a Arte, a Culinária, as vezes, me cobro de escolher um. Será preciso? O que aprendo andando pelas fronteiras do conhecimento?

---

A travessia da fronteira iniciou-se na cidade de Coca, região amazônica do Equador, um calor infernal, abafado e úmido, o que já imaginava da Amazônia. Saímos da rota por conta de uma atividade política na cidade de Lago Agrio, um acontecimento que mudou os rumos e proporcionou a aventura da travessia pela

fronteira fluvial via Rio Napo. Eu não seria mais a mesma depois de vivê-la. Antes de ir, perguntávamos para as pessoas como fazer e diziam: “De alguma forma vocês saem!” E foi assim: ninguém tinha informações certas e nós seguíamos. Nos despedimos em Coca de Carlos, um colombiano muito querido que dividiu a viagem conosco por um tempo, um índio encantador por seus traços e seu jeito tímido, sensível e cuidadoso. Ele fazia flores, passarinhos com qualquer papel. Eram de uma beleza tão simples que me emociono só de lembrar dos presentes de papel junto ao seu sorriso ao entregá-los.

Assim, deixávamos Carlos e pegávamos o primeiro barco em direção à Nuevo Rocafuerte. Foram doze horas numa embarcação pequena, lotada de famílias, malas, caixas, que ia parando em cantinhos inimagináveis. Começava a entender o que estava por vir. Foi o primeiro pôr do sol à margem do Rio Napo dentro muitos que ainda chegariam...



A entrada via Napo aconteceu porque meu visto de três meses iria expirar e não daria tempo de chegar até o sul. Diziam que o Equador era rígido e a cada dia a mais pagaríamos uma multa, não sabíamos se era verdade. Mas a questão do visto passou a ser o aviso de que o tempo estava terminando e precisávamos cruzar a fronteira física e emocional. Acabou sendo a medida de tempo escolhida por nós na viagem.

Aquele caminho possibilitou que a viagem passasse pela Amazônia e por cantos que não prevíamos. Era bom ultrapassar a fronteira, não saber o que nos

esperava depois das linhas imaginárias que dividem o espaço oficial. O fluxo do rio dava o ritmo da travessia, as paisagens mantinham o estado de contemplação e as paradas eram o surgimento do novo, dos povos com histórias, costumes e vida.

Andar pelas fronteiras, ficar entre os dois lados no meio do rio foi a possibilidade do olhar para o que achamos que não existe, formas de vida pouco críveis. A fronteira entre o previsível e o imprevisível, o sabido e não sabido, o certo e errado foram fontes de aprendizados sem fim, deparar-se com o novo, sem negar o já sabido. Naquele momento não havia fronteira entre a vida e os espaços de aprendizagem, estavam misturados e latentes. Afinal, qual a fronteira que separa a vida da escola? São fronteiras imaginárias como aquelas no meio do rio. Mas que mantemos rígidas como muros em nossa mente.



---

Quando quero me sentir em fronteira escuto uma música do uruguaio Jorge Drexler. Suas músicas tornaram-se acompanhantes nas empreitadas da vida, viajando foram companheiras da língua, dos sentimentos, da mistura das latinidade nos ritmos, era a poesia cantada que caminhava conosco. Em um documentário sobre a música platense chamado “*A Linha Fria do Horizonte*” que leva o espectador a uma viagem pela região do Rio da Prata (percorre o Brasil, Uruguai e Argentina), Drexler fala no filme que se sente natural da fronteira, suas influências de música e vida são daí. Essa questão ficou na minha cabeça porque me sinto fronteiriça, também. Além disso, uma

frase falada por outro entrevistado me acompanhou: *debemos construir puentes mesmo que não tenha quem as percorra.*

Quero conseguir construir várias pontes na vida e nesse trabalho. Por exemplo, uma ponte fixa com as músicas de Drexler, com a poesia de Manoel de Barros, com as histórias de Eduardo Galeano, entre os povos latino-americanos, entre a Educação e a Vida. E espero que os leitores possam atravessá-las. Sentir a sensação de caminhada por linhas profundas, os ritmos levando, indo, *sin muchas verdades y sin dar consejos*, aprendendo com o vivido, como fala Drexler em Frontera:

*Yo no sé de dónde soy,  
mi casa está en la frontera  
Y las fronteras se mueven,  
como las banderas.  
Mi patria es un rincón,  
el canto de una cigarra.  
Los dos primeros acordes  
que yo supe en la guitarra  
Soy hijo de un forastero  
y de una estrella del alba,  
y si hay amor, me dijeron,  
toda distancia se salva.  
No tengo muchas verdades,  
prefiero no dar consejos.  
Cada cual por su camino,  
igual va a aprender de viejo.  
Que el mundo está como está  
por causa de las certezas  
La guerra y la vanidad  
comen en la misma mesa  
Soy hijo de un desterrado  
y de una flor de la tierra,  
y de chico me enseñaron  
las pocas cosas que sé  
del amor y de la guerra.*

---

Nueva Rocafuerte era uma cidade peculiar. Cercada por rios e florestas, só possível de chegar de barco. Ruas amplas, pavimentadas, mesmo sem carros, uma cidade cuidada e vazia. Era a última cidade do Equador antes da fronteira com o Peru, onde estava o posto de imigração, o exército e, ainda, a entrada do Parque Reserva Natural de



Yasuni. Nosso primeiro amigo na região foi um funcionário do parque que conhecemos vindo de Coca e que nos levou algumas vezes para conhecer o Yasuni de lancha. A cidadezinha era no mínimo esquisita, além do vazio parecia um local de abandono, onde estavam os loucos da região. Todos dias pela manhã víamos um grupo de pessoas limpando as ruas minunciosamente, arrancando o mato entre as pedras da rua pavimentada por paralelepípedos. Era uma cena loucamente bela.

Nos alojamos em uma pousada, lugar acolhedor, com cozinha, televisão, computador e um clima familiar agradável. Ótimo, pois inacreditavelmente permanecemos nesse vazio mais de uma semana, era só o início da travessia. Parecia uma ponte inicial, aquele momento que paramos, olhamos para os dois lados e permanecemos um pouco antes de continuar.

---

Depois de toda aventura, quase quinze dias após sair de Coca, chegávamos em Iquitos, a sexta cidade mais povoada do país. Sem poder imaginar que ainda nos faltavam mais cinco dias de barco pela frente. Aquela era a maior cidade do mundo sem vias terrestres de acesso. A saída era de barco ou avião: de barco seria até Pucallpa e depois um ônibus para Lima. Uma cidade calorenta, empoeirada e com aquela luz de sol eterna. E muita pobreza. Nunca achei que poderia sofrer tanto com a pobreza, mas ali sucedeu.

Estávamos com nossos amigos da travessia: Estuardo (Guatemalteco), Lucas (Argentino) e Roselyn (uma australiana de 19 anos que não falava uma palavra de espanhol). Paramos em um hotelzinho com piscina e ventilador. Uma dádiva. Na cidade andávamos de moto-taxi com caçamba atrás, era o meio de transporte, por conta do calor e pela dificuldade de chegar carros sem vias terrestres. Saímos para andar pela cidade no segundo dia: para tomar sorvetes de frutas amazônicas (Camu-

camu, Aguaje, Ungurahui, Cupuaçu, etc), ir ao Mercado Público e ao distrito vizinho, chamado Belém.

Pelos contatos adquiridos na Amazônia Equatoriana conhecemos também a Comunidade Educativa de Zungarococha (via Formabiap – Programa de Formação de Maestros Bilingues da Amazônica Peruana) em que jovens de diversas comunidades afastadas iam estudar para serem

PUEBLOS INDÍGENAS QUE PARTICIPAN EN EL PROGRAMA		
	Pueblo	Familia lingüística
1.	Asháninca	Arahuac
2.	Nomatsiguenga	Arahuac
3.	Chayahuita	Cahuapana
4.	Achuar	Jíbara
5.	Aguaruna	Jíbara
6.	Huambisa	Jíbara
7.	Candozi	Jíbara
8.	Shapra	Jíbara
9.	Shipibo - Conibo	Pano
10.	Cocamilla - Cocama	Tupi-guarani
11.	Bora	No determinada
12.	Huitoto	No determinada
13.	Quechua	Quechua

professores de quéchua/castelhano ou outros dialetos em sistema de alternância (tempo intensivo na instituição e tempo na comunidade). Participamos de uma conversa com integrantes de organizações indígenas falando das lutas da região e do papel de inserção social sem perda de seus costumes e valores culturais e ainda conhecemos o advogado popular Jorge Tacuri, que fazia parte de um coletivo de apoio jurídico a comunidades campesinas e indígenas e nos levou depois a Huaraz.

O que mais me marcou em Iquitos, além do calor, foi o distrito de Belém. Conhecida como a Veneza Latinoamericana, mas imersa na pobreza. Todos diziam que Belém era perigoso e que tínhamos que andar atentos, mas a questão para mim não era essa, não tinha medo das pessoas. O que me incomodava era ver a pobreza, a sujeira e a degradação humana estampada. As ruas do entorno eram como um grande lixão, escura, restos e cheiro de comida podre, todos a volta mendigando e nós ali, assistindo aquilo. Não conseguia entender como era turístico. Uma cidade em cima da água, com base de palafitas ou casas-balsa, construída em cima de um barro formado de terra, dejetos e lixo. Algo parecido com a ocupação do mangue na entrada da cidade do Rio de Janeiro que se tornou a Favela da Maré, mas que conheço só depois de aterrado. Lembro de caminharmos pelas ruas, éramos 5 brancos, viajantes, turistas e de me sentir rompendo a fronteira dos espaços que cabiam a mim. Nossa cor contrastava, nossos olhares, a angústia de quem sente pena. Não queria sentir pena daquelas pessoas, mas era um estado sem controle, que cala a indignação.

Antes de seguirmos de barco por essa paisagem, fomos ao Mercado de Belém que fica à margem, uma área mágica, numa casona antiga e ruas ao redor. Escuro e ao mesmo tempo colorido e vivo, com a cor das frutas, temperos e



comidas. Eram mais de 150 comunidades nativas que traziam produtos para vender. Se vendia de tudo, parecia um mercado de magias. Tinha gusanos, ovos de tartaruga,

bichos de agua doce, o forte tabaco, folhas de palmeiras, como elementos para uma poção. Rostos com traços fortes, a dor do olhar, mas a possibilidade de colher um sorriso, a marca do sol, o calor trazia vida.

As palavras são poucas para transpor o que sentia. Foram cenas impactantes, deparar-se com a miserabilidade e o abandono e não conseguir encontrar uma explicação, um cantinho de esperança. Era uma fronteira que eu não tinha condição emocional de adentrar.



Em Nova Rocafuerte fomos ao escritório da imigração. A narrativa vai e volta no tempo cronológico para demarcar como a fronteira seguia em mim, ao longo de toda caminhada pelo país. Meu visto tinha passado um dia e um jovem policial selou a saída. Mesmo sem saber quando selaríamos a entrada no Peru. Isso aconteceu no começo de outubro de 2011, época do aniversário da Luna, estávamos, segundo nossos passaportes, em lugar nenhum, na fronteira. Fiz cookies de chocolate e saímos para dar uma volta de barco com nosso amigo guarda parque, no ano de caminhada o aniversário foi a recolhida em travessia. O presente: um pôr do sol espetacular.

Isso aconteceu porque descobrimos que o barco até o Peru era uma embarcação municipal gigante que saía uma vez no mês e passava em todos vilarejos ribeirinhos recolhendo produtos, comerciantes e os guardas da fronteira. Não sabíamos nada. Por sorte, sairia em uma semana, aproximadamente. Teríamos que ir de Rocafuerte para Pantoja, já no Peru, de onde saía. Em alguns dias, um homem que tinha encomendas e dinheiro envolvido com os produtos poderia nos levar. Assim, entramos no Peru! Em Cabo Pantoja, ainda.

---

Decidimos sair de Iquitos de avião. Foi um dos maiores luxos da viagem. A passagem não era tão cara e já não havia mais possibilidade de dias de barco, mosquito e calor. Chegávamos enfim, em Lima, a segunda maior cidade do mundo construída em um deserto (a primeira é Cairo), portanto, seca, árida e com temperaturas extremas. Cosmopolita e simpática, a cidade grande que mais permanecemos.



Essa primeira passada foi rápida, o tempo de reencontrar Kim, a sueca que havíamos conhecido no Equador e morava numa linda casa no bairro de *Barranco*. Planejávamos ir para Huaraz acompanhar Tacuri em um julgamento e ,coincidentemente, ela também, estava a caminho de Huaraz para cobrir o julgamento pela organização internacional na qual trabalhava. O julgamento foi outro capítulo a parte no cruzamento das fronteiras.

Chegamos com Kim em Huaraz e fomos buscar a casa que nos esperava, um adendo importante para mostrar as facetas que compunham a história e as fronteiras que atravessávamos durante a viagem.

---

Pela segunda vez utilizamos o recurso do CouchSurfing<sup>27</sup>, pois na maior parte do tempo era nossa rede mais próxima de amigos que nos levava a inúmeras casas e estadias. A primeira vez foi em Medellín na casa de Juliana. Uma menina de 20 anos, família judia, morava numa casa gigante no alto da montanha ocupada por pianos, esculturas e bicicletas. O pai trabalhava montando pianos, o avô era esculturista, e *hobby* da família as bicicletas (andar, tê-las e consertá-las). Os irmãos mais novos estudavam em esquema de *homeschool*, ela ajudava na educação deles, todos na casa eram vegetarianos, achamos que por conta da religião, a casa era uma mescla entre sombria e agradável. A geladeira repleta de comidas e jarras de sucos, podíamos mexer em tudo, as questões ali eram a excentricidade exagerada e que Juliana não queria ser nossa amiga. A Luna que fala pelos cotovelos e brincávamos que em menos de 10 minutos já queria ser a melhor amiga de todos, foi altamente ignorada por Juliana. Ela e o pai nos levaram para andar de bicicleta, nos tratavam bem e só. Uma casa onde ultrapassava a fronteira do que esperávamos ter como lar. Nos acostumávamos mais facilmente com o simples e íntimo.

A casa em Huaraz era o oposto, mas tão excêntrico quanto. Escrevemos para uma menina que disse que podia nos receber, na última hora falou que iria viajar mas um amigo dela faria isso. Fomos esperá-lo na praça central. Huaraz fica mais ao norte do país, no meio da cordilheira do Andes, na chamada Cordilheira Branca as montanhas andinas nevadas.

---

<sup>27</sup> Um projeto na internet de compartilhamento de casas. Uma rede social de hospedagem e de encontros de viajantes com anfitriões de todo o mundo. Para participar você precisa construir seu perfil e se mostrar disposto a trocar experiências, pode receber pessoas em sua casa, ser recebido ou as duas coisas.



Ali conhecemos Shute, nosso anfitrião, um cara de uns 40 anos, roqueiro, daqueles eternos jovens, um tipo estranho, mas com um coração gigante. A primeira coisa que nos falou, foi: “Meninas, olha o lugar é pequeno e aconteceu um imprevisto e estamos sem porta. Cheguei tarde, bêbado, sem a chave e acabei arrombando. Mas tá tranquilo.” Ouvíamos isso, mas sentíamos que realmente estava tranquilo. A casa de Shute era um quarto com uma cama de casal, uma zona, a cozinha era comunitária no andar de cima, na casa de um amigo. Esse amigo, por sinal, havíamos conhecido dias antes em Iquitos, estávamos no mesmo hotel e virou nosso amigo. Inacreditável. Esse era nosso lar. Shute cedeu sua cama, dormia no chão, o único inconveniente era dormir ouvindo *havymetal* no último volume. Mas ele dormia quase na hora que acordávamos, tinha um bar e passava a madrugada lá, quando voltava, nós já estávamos acordando para meditar, tomar café e sair. O período que compartilhávamos com Shute era o final do dia, ele vivia como um menino, todos os amigos passavam a tarde juntos, iam ver filmes, jogar videogame e nós ficávamos as duas com mais 5, 6 homens na cama assistindo filmes, como *Alien X Gladiador*. Nunca nos sentimos ameaçadas era inacreditavelmente cômico e acolhedor. Se tornou um amigo, cuidadoso e carinhoso.

Nessa viagem construímos uma sensibilidade intuitiva que nunca mais alcancei, a capacidade de sentir e ser levada para cantos confiáveis, por mais estranhos que fossem. Dizíamos que nossas energias juntas criavam um campo forte e agradável, nada de ruim nos acontecia e conquistávamos pessoas por todos os lados. O estranho se tornava acolhedor e nos ensinava a olhar para o mundo com confiança no que vinha pela frente. Era realmente mágico, não aconteceu nada de mal conosco

em mais de um ano de caminhada enquanto passagens boas eram infinitas. Coisas difíceis, milhares, mas envolviam as emoções, a forma de estar no mundo, os aprendizados, não eram situações ruins. Chegamos a níveis de intuição e afinamento em que não precisávamos mais falar uma com a outra para saber que trajetórias devíamos fazer e quais devíamos desviar, já estava dito em outro lugar.

Assim, além de conviver com Shute em Huaraz fomos levadas para o julgamento e conhecemos paisagens alucinantes. A junção da força das montanhas com o esplendor das geleiras.

---

O julgamento foi na região central de Huaraz. Ali começávamos a entender a história contemporânea do Peru. Jorge Tacuri quando nos conheceu em Iquitos, disse:

-Se vocês querem conhecer mesmo o que tá acontecendo agora no Peru, precisam vir para o julgamento que vai ter em Huaraz em alguns dias.

Perguntamos: - Mas o que está acontecendo por lá?

- Estamos vivendo a situação da Lei Antiterrorista, pois há um grupo de camponeses que fecharam uma estrada para que não seguissem com a exploração de minérios, a empresa estava acabando com a água da região. Como houve bloqueio da estrada, os que fecharam estão sendo julgados como terroristas. Mas são velhinhos, eram os representantes das famílias, têm 80, 90 anos os que estavam à frente, enquanto os jovens vinham atrás como estratégia de segurança, podem pegar até 30 anos de prisão.

Naquele episódio estavam reunidas várias discussões que nos permitiam pensar nos conflitos do país: as megamineradoras transnacionais e seus impactos sociais e ambientais; a disputa pelos recursos naturais; a fronteira entre culturas e valores; as populações campesinas indígenas e seu protagonismo político.

O julgamento foi o exemplo do espetáculo da intolerância entre os diferentes: acompanhamos desde o início, vimos entrar os camponeses no tribunal, as famílias dos réus e sujeitos diversos (ativistas, militantes), todos com roupas e chapéus tradicionais. Ocuparam toda sala, de fora se via todos os chapeuzinhos e lá na frente o juiz com a tora preta, o contraste. Sentia a opressão que os ambientes podem gerar, um tribunal convencional, frio, cadeiras duras, o juiz na frente, representando o poder.



“Chamamos os réus.” Os velhinhos atravessam uma portinhola. O advogado, fala: “Senhor juiz você não pode aceitar que essas pessoas sejam terroristas, não tem condição, eles não conseguiram nem subir a escada direito. “

Logo após, presenciamos o juiz dizer que antes de começar era necessário que todos tirassem seus chapéus, era proibido no tribunal. O chapéu ali tinha uma importância ímpar, era a definição da identidade, cada povoado da região possuía um tipo diferente. O advogado ainda tentou colocar essa questão e o juiz disse “isso não tem discussão, em meu tribunal, quero todos sem chapéu”. Viramos (estávamos na frente) no momento em que todos retiraram o chapéu juntos. Emocionante. Evidenciava-se a incapacidade de diálogo entre representantes das instituições do Estado e a população a quem ele deveria representar. Principalmente em países como o Peru, Equador, Bolívia onde a diversidade é tão marcante, torna-se visível a incompreensão dessa pluralidade. Vimos a imposição de uma visão de mundo de cultura onde não poder estar de chapéu é o menor dos problemas. Mas se o chapéu é simbólico, identitário por que não respeitar?

Essa cena, na realidade serviu para ilustrar o que vimos na caminhada pelos países de formas diversas. A urgência da discussão sobre os estados plurinacionais<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> O Estado Plurinacional é: “um novo constitucionalismo pautado no resgate dos povos que se tornaram invisíveis à cultura eurocêntrica hegemônica e na ressignificação da democracia a partir do respeito à diversidade. Há uma radical mudança paradigmática que promove uma ruptura com o direito europeu, tido como superior e universal. Emerge um novo sistema de valores que não admite a imposição do poderio econômico nem a pujança do poderio militar. Tal sistema é democrático, dialógico e plural: o Estado Plurinacional. Há a ruptura da hegemonia para transformar a diversidade cultural através do diálogo crítico e contínuo. O direito é visto como instrumento de emancipação e transformação. A proposta de um Estado plurinacional impacta no Direito Internacional pois transforma a ordem global em espaço constante de diálogo aberto, sem imposições, numa perspectiva de formação

que vem sendo realizada e implantada na Bolívia, Equador e em parte, no Peru. O julgamento não acabou aquele dia, ainda havia etapas a serem percorridas antes do juízo final. Após o juízo fomos para um almoço nas montanhas onde viviam os réus, uma comida típica de agradecimento para Tacuri e nós éramos convidadas, também. Ajudamos na preparação durante o almoço de um vídeo e uma monção e apoio aos que estavam sendo julgados. O almoço foi a base de *cui* (como um porquinho da índia assado), *chicha* (bebida fermentada), *variedade de papas y choclos* (milhos). Regada a cerveja e música folclórica.



Esse julgamento, ilustrou o que vivemos no Peru nos meses seguinte. Ficamos dois meses e meio, Ollanta Humala havia acabado de ser eleito, chegamos em outubro e o seu mandato tinha começado em julho/agosto de 2011. A conjuntura era de apoio popular, um presidente com linha política mais progressista, depois de uma leva de presidentes corruptos e ditatoriais, possuía um apoio esperançoso das organizações e movimentos sociais, uma situação parecida com a eleição de Lula no Brasil. Ollanta possuía até assessores brasileiros que estavam com Lula em 2002.

Outra questão que ficou rondando após essa vivência foi o debate sobre a lei antiterrorista. Começamos a entender que era algo que estava sendo criada progressivamente em quase todos os países da América Latina, incentivada pelos EUA na “luta contra o terrorismo”. Na prática uma nova forma de controle,

---

de consensos e profundo respeito às diferenças e à diversidade: a cosmovisão das dignidades, das humanidades.” (Siqueira, 2015)

manutenção da “ordem” e criminalização dos movimentos sociais e protestos. Começávamos a pensar, por exemplo, o que seria o terrorismo no Brasil? São questões judiciais que nem sabíamos como avaliar, naquela época, mas pudemos entender e vivenciar pouco tempo depois.

Nas Manifestações de 2013 no Brasil começamos a ver ações repressivas colocadas como atos contra o “terror”. Em um movimento que iniciou-se pelo Movimento Passe Livre, em junho de 2013, nos protestos contra o aumento das passagens e que se alastrou por todo país através de reivindicações mais amplas. Durante a Copa do Mundo de Futebol em julho de 2014 as bandeiras predominantes, diziam: “ Quero Saúde e Educação padrão Fifa”<sup>29</sup>.

Neste momento, pudemos ver essa nova categoria de legislação ser colocada em prática<sup>30</sup>: vinte e três jovens foram presos no Rio de Janeiro e estão sendo julgados por participar dos protestos incitando atos de vandalismos. A situação é complexa, táticas de enfretamento foram estabelecidas e já estávamos falando de um conflito, mas nada justificava a forma e a truculência da polícia, amparadas por leis como essas.

Em agosto de 2013, uma situação periclitante, os professores da rede municipal do Rio de Janeiro entraram em greve e permaneceram durante meses. Traziam como pauta de suas reivindicações, além de questões salariais: a política mercantil que rege a educação, a meritocracia como eixo norteador dos processos pedagógicas (bônus, gratificações por notas, índices, provas a revelia dos professores), questão da autonomia, da democracia nas escolas e as perseguições políticas aos professores grevistas. Os professores nas manifestações foram atingidos pela policia com bombas de gás lacrimogênio, balas de borracha, cassetetes e encurralamentos. Passaram a ser vistos como inimigos do Estado. Só faltava serem indiciados como terroristas. Em todos os atos que participei via a policia gerar mais o caos do que buscar a ordem. O que estava evidente era que estávamos questionando o sistema mercantil que rege a sociedade e as formas de controle são a violência, o medo e a “justiça”.

---

<sup>29</sup> Essa era uma forma de questionar a qualidade dos serviços públicos denunciando e se opondo a forma em que a Copa do Mundo de Futebol se estabeleceu no país. Isto é, através de leis especiais, obras superfaturadas, transformações no espaço urbano sem consulta a população local e gastos milionários para obras que não foram pensadas para o usufruto futuro de toda a população, dentre outras coisas.

<sup>30</sup> A Lei Antiterror no Brasil foi emitida em 2013 utilizando como justificativa a garantia do acontecimento da Copa das Confederações, um evento internacional– (PLS 499/2013) - <http://www.senado.gov.br>– esta lei: Define crimes de terrorismo e dá outras providências. Acesso em Mar/2015

Chegávamos em Cabo Pantoja. A primeira cidade no Peru, permanecemos dias, até que a embarcação que nos levaria para Iquitos fosse carregada. Arrumamos um lugar para montar a barraca e nos juntamos aos nossos amigos que seguiriam viagem conosco. Pantoja era o que podia-se esperar de uma cidade ribeirinha. Parecia uma ilha, ruazinhas pequenas, pavimentadas para pedestres, movimentada, senhoras, crianças na rua, todos com traços indígenas, lavando roupas juntos, conversando e vendo o tempo passar.



Vivemos algumas situações interessantes por lá. A primeira foi a partir de nossa aflição em carimbar o passaporte. Chegamos no casebre da imigração, dentro da área restrita do exército peruano. Não tinha nada no lugar, apenas duas meninas de short e top montando um quebra-cabeça. Chegamos, conversamos com elas, falei que adorava quebra-cabeça e perguntamos se elas podiam selar nosso passaporte. Uma delas lentamente se dirigiu a uma mesinha no canto, nos chamou e carimbou. Nem percebeu a diferença de 6 dias entre um país e outro. As duas simpáticas e quase sem roupa eram as representantes do Estado no processo imigratório.

Outro fato foi a chegada da avioneta com o montante de dinheiro bimensal. Eles recebiam um dinheiro via Programa Nacional de Apoyo Directo a los Más Pobres (JUNTOS), cerca de 100 soles por família/mês. Um programa de transferência de subsidio direto implantada em 2005, seguindo a experiência do bolsa família<sup>31</sup> no Brasil e de programas parecidos em outros países. Vimos a avioneta pousar na água, o

---

<sup>31</sup> O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria, que tem como foco os milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 77 mensais e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos (Fonte: [www.mds.gov.br](http://www.mds.gov.br) - Acesso Mar/2015)

governador de Pantoja vir recebê-los e ir caminhando montanha acima até a prefeitura. Todos da cidade iam atrás deles e nós também. Como uma peregrinação.

Além disso, era o dia de chegada do *Cabo Pantoja* e as pessoas vinham buscar mantimentos, deixar mercadorias, se despedir de alguém. Pantoja estava movimentada por esses dias. Era uma vilarejo lindo, cheio de vida, mas diferente de todos os lugares que passaram na minha vida.



---

De Huaraz voltamos para Lima. Lá no lar de Kim. Morávamos numa casa antiga, com terraço, amigos, num bairro agradável, boêmio, ao lado do mar. Saía sozinha, conheci cafés, cinemas, bares, restaurantes, cantos turísticos e não turísticos, o centro da cidade, a região dos escritórios das organizações. Nessa época, eu e Luna estávamos nos estranhando um pouco, ela pedia um pouco de espaço, eu tinha dificuldade de estar só. Mas seguíamos juntas na caminhada junto às organizações, conhecemos a sede de várias.

CCP (Conf. Campesina Peruana), CNA (Conf. Nacional Agrária), FEMORCARINAP (Mov. de Mulheres Campesinas), CONACAMI (Conf. Nacional de Comunidades Afetadas pela Mineria), PDTG (Prog. Democracia y Transformación Global), Onamiap (Org. Nacional de Mulheres Indígenas Andinas y Amazônicas do Peru), Aidesep (Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana) e CAOI (Coordenadora Andina de Organizações Indígenas). Todas essas organizações

conhecemos em Lima, algumas delas nos levaram para outra região, eram encontros em que nos contavam sua história, ações e objetivos. Conversas importantes para entender o país e as pessoas que nos cercavam, mas eram informações que podem ser obtidas por outros meios. Uma delas me marcou e posso falar para além das informações dadas.

O Programa Democracia y Transformación Global<sup>32</sup>, era uma organização não governamental vinculada ao curso de Ciências Sociais da Universidade San Marcos e quase toda a equipe era formada por jovens como nós. Uma organização que trabalhava dando apoio aos movimentos sociais com foco nos processos formativos. Realizavam tudo de forma profissional, séria e organizada. O espaço que queríamos ter no Rio ou criar.

Marcou porque nos víamos em cada uma daquelas pessoas e na coragem delas para investir naquele lugar. Lembro que depois da primeira conversa com a equipe (depois nos tornamos amigas de alguns, participamos de uma atividade grande e trocamos várias experiências), sentamos e sentimos que era aquilo. Só não sabíamos como construir. Fazíamos a relação direta com o Núcleo Estudantil de Apoio a Reforma Agrária (NEARA-RJ) que tínhamos construído dois anos antes de viajar e era um pouco daquilo. Faltava profissionalismo e estrutura financeira, do resto tínhamos tudo por perto e hoje não há mais. Um bom grupo, pessoas com capacidades distintas, mas com o compromisso comum, a energia do recém-formado, a relação com os movimentos, com a universidade, um grupo bem formado e trabalhador. Ver eles era nos ver, um passo atrás.

Viajando havia uma esperança no futuro que foi dura de viver ao chegar. Queria tanto dividir, criar espaços, construir processos e me via sozinha. Sem saber como. A Luna já estava em outro momento quando voltamos de viagem, éramos e acho que sempre seremos, parceiras da vida. Mas naquele momento ela não seria a pessoa para estar do lado e não sabia quem poderia ser. Foi duro e ainda é. Até hoje tenho o ímpeto de querer criar algo (seja uma ONG, um bar, um centro cultural, uma ideia que se materialize), mas falta coragem de romper com os pilares do seguro, do confiável e ter gente para fazer junto. Acho que não nasci para seguir caminhos já traçados, estradas de rumo certo. Me angustia. Quero criar, atravessar caminhos, subir uma montanha ainda não demarcada, abrir trilhas e me aventurar. Aquela conversa me

---

<sup>32</sup> PDTG – [www.democraciaglobal.org](http://www.democraciaglobal.org) - Acesso em Mar/2015 - El Programa Democracia y Transformación Global es un centro autónomo de investigación, capacitación y acción política, desde donde se busca potenciar las luchas por un Perú nuevo dentro un mundo nuevo

fazia ter certeza disso.

---

Além das organizações e dos vários amigos, um fato marcante em Lima foi a



comemoração do dia dos mortos, 2 de novembro. Fomos passar o dia em um Cemitério Popular na área periférica da cidade. Jimmy, um amigo que vivia na casa, era arquiteto e tinha estudado no mestrado a arquitetura dos

cemitérios populares em correlação com as moradias dessas classes (os puxadinhos, por exemplo) e com rituais fúnebres associados (as festividades). Ele que nos levou, pegamos um ônibus, uma van e chegamos. O choque foi imediato. Um cemitério simples, ruas de terra, mata rala no entorno, lápides só com uma pequena cruz, muitas cores e muita muita gente, era como entrada de jogo no maracanã. Fila de gente para andar, música e álcool. Era o dia de festejar o seu morto e levar tudo de melhor para ele. Bandas de música caminhavam pelo cemitério e recebiam uma pequena quantia de cada família para tocar. Aproveitavam o dia para dar uma arrumada no ambiente, pintar a lápide, plantar flores e permanecer junto.

Foi um momento de atravessar a fronteira entre a vida e a morte com alegria. Ir no cemitério naquele dia não trazia o peso da morte, mostrava a aproximação através da simplicidade e do que gera felicidade. Esse cemitério não tinha regras, padrões de cor e nem separação clara entre os espaços, o vizinho era parte de sua festa. São terrenos que foram ocupados e depois organizados coletivamente pelos representante/líderes dos bairros. Era outra forma de referenciar uma pessoa querida sem ter como parâmetro só o sofrimento e a dor. Um aprendizado.



---

Embarcávamos, enfim, no Cabo Pantoja, realizaríamos um trajeto de cinco dias, que poderia ser feito em 12 horas numa lancha rápida. Mas aquela não era somente uma forma de se transportar, era uma maneira de caminhar pelas fronteiras. O custo dessa viagem era ínfimo, algo como 20 dólares para os cinco dias com comida, só tínhamos que garantir nossas redes. Escolhemos um canto do barco e nos alojamos junto a Lucas e Rose. Fomos precavidas em nossos movimentos no barco, éramos as únicas mulheres sozinhas e brancas. Estava repleto de homens, havia uma parte do barco que era só dos soldados e as poucas mulheres que haviam estavam acompanhadas e com filhos. Ficamos no último piso, que nos parecia o mais arejado. No andar de baixo ficavam os banheiros e a cozinha, mais em baixo, era um porão, feitos para as cargas. A dinâmica do dia era acordar, tomar café (aveia e pão duro), ficar na rede, ler algo, jogar baralho com os amigos, almoçar (arroz, carne com caldo de legumes), descansar um pouco, reclamar do calor, dos mosquitos, jantar uma sopa estranha e tomar milhões de banhos.



Cada parada eram horas (8h, 10hrs) para o carregamento e andava a 10km/h. No fim, a gente viajava com 50 toneladas de bananas, 40 porcos, 200 galinhas, bois e tantas outras coisas. Imagina subir um boi, vivo, pesá-lo e levá-lo para um canto junto a outros tantos! Ouvíamos por todo o barco os gritos do bicho. De 10h da manhã às 5 da tarde sofríamos de um calor insuportável e os mosquitos nos comiam vivos, então, ficávamos parados na rede, sem fazer nada ou mergulhávamos no Rio Napo. O lugar de nossas redes era próximo de onde foram levados os galos, então, ouvíamos o canto despertador o dia inteiro. Uma experiência incrível e uma forma de entendermos vivendo, o que iria ser o Peru, através da diversidade e dos traços indígenas presentes em cada rosto do Cabo Pantoja.

---

Do Caderno: Viaje Cabo Pantoja - Iquitos

Por onde passamos: Cabo Pantoja (600 pessoas), Miraflores, San Juan, Torres Causana, Vencederes, Urpi, Cedro Ipla, Tempestal, Yuarina Yaucta, Túpac, Chinganos, Santa Maréa, Umandi, Montenido (Angoteros), Samuna Bula, Paula Cocha, Aushiré, Ingara Hacta, Puerto Elvira, Santa Clotilde, Puerto Estrella (Todos no distrito de Torres Causana - um dos treze distritos da Provincia de Maynas, localizada no Estado de Loreto) - \*os nomes podem estar escritos errado (cada lugar que parávamos eu perguntava e tentava respeitar a grafia correta)

O que carregávamos: plátanos, toronjas, cerdos, búfalos, galinhas, cocona, maní, todo tipo de animal marinho vivo ou morto, huevos, peles...



---

Nessa viagem me deparei o tempo todo com os “índios”, seus costumes e línguas. Aprendi com suas formas de ser e com a relação que estabeleciam com o território que habitavam.

Apesar de a expressão indígena significar, em latim, aquele que é “nascido em casa”, a designação, entre nós, ficou marcada por indicar aqueles que habitavam as Índias Ocidentais, nome que os

espanhóis atribuíam não só ao novo continente, como também às Filipinas. A expressão indígena é, nesse sentido, uma das maiores violências simbólicas cometidas contra os povos originários de Abya Yala, na medida em que é uma designação que faz referência às Índias, ou seja, à região buscada pelos negociantes europeus em finais do século XV. A expressão indígena ignora, assim, que esses outros povos tinham seus nomes próprios e designação própria para os seus territórios. (Porto-Goçalves, 2009, p.)

Essa denominação segue em uso, as organizações, coordenadoras e federações indígenas demarcam esse debate, falam que se foram usurpados e dominados a partir dessa forma, podem se libertar por esse caminho, também. Uma maneira de unificar e fortalecer a luta dos diversos povos contra o inimigo comum, o colonizador e o pensamento colonial que seguem vigentes.



---

De Lima para baixo ainda tivemos muito Peru a viver. Fomos direto a Arequipa. Por lá caminhamos pela cidade histórica e fomos ao *Canion de Colca*, um lugar encantador, cadeias montanhosas gigantes e sem fim. Caminhada de um dia para ir e outro para voltar, quase morremos de cansaço, a volta era dura e nos perdermos um pouco. Naquela época o que mais se falava no Peru era de um desaparecimento nessa região, um casal que foi junto e só ela voltou, havia uma áurea de suspense na região. De lá seguimos para Cuzco, para região das conhecidas ruínas incas de Machu Pichu.

Não fomos a Machu Pichu, as duas já conheciam de viagens anteriores e o custo era alto, mas de outra maneira cruzamos a fronteira energética das civilizações ancestrais. Aquele lugar era místico. Em Cuzco ficamos na casa de um amigo de um amigo de Lima, Elias era o nosso anfitrião. Morava numa casa antiga, como um

cortiço, paredes brancas e janelas azuis. Dormíamos na sala, o banheiro era no quarto dele e a cozinha em uma porta fora de casa. Eram aquelas casas montadas em cima das construções incas, base de pedras, ali vivenciamos o frio andino. Durante à noite chegamos a pegar temperaturas abaixo de zero, naquele ambiente gélido com frestas nas janelas antigas.

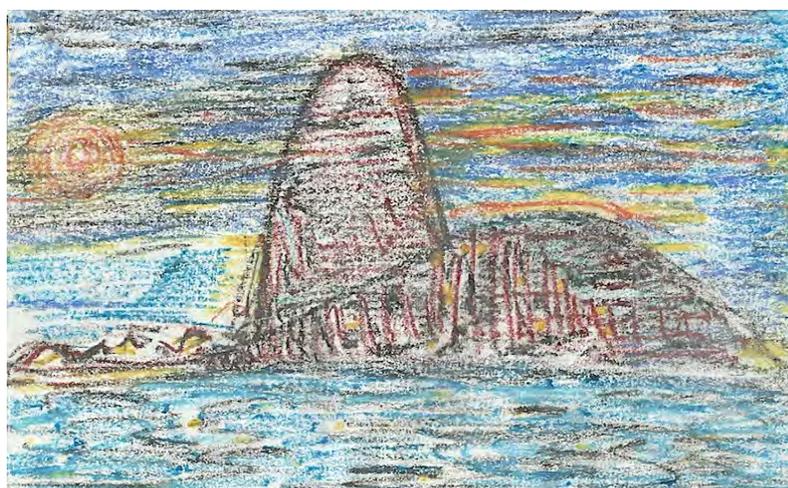
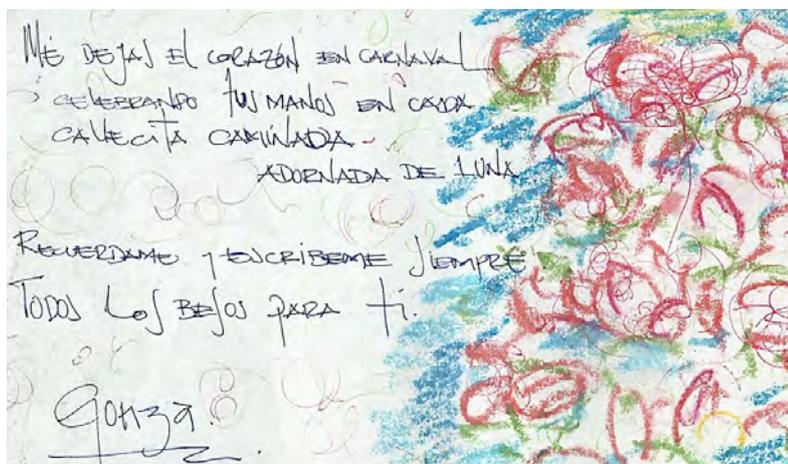
Em Cuzco compramos um ticket turístico que nos permitia ir a todas as ruínas da região, as dentro da cidade e as no Vale Sagrado (região de rios e vales que possui numerosos monumentos arqueológicos e povoados indígenas), conhecemos: Moray, Tipón, Pisac, Chichero, Q'ênqo, Sacsayhuaman, Tambomachay, Písac, Urubamba, Pulcapulcana, Pikillacta. Foi lindo ir conhecendo o vale e suas marcas do passado. A sensação era que aquelas ruínas com a abertura em que estávamos carregando na viagem para se abrir ao outro e ao novo traziam consigo uma energia forte. Em cada ruína sentíamos a força das histórias contidas nas pedras, nas construções e nas montanhas gigantes que as cercavam. Algo quase impossível de explicar, até porque lidava com o místico, tinha algo da história que não precisava ser dita. Não precisava de guias, explicações, só dar tempo para sentir, ouvir e ver.

---

Em Cuzco somando todas as viagens para povoados próximos ficamos quase um mês. Foi um período mágico, talvez por aquela energia. Eu e Luna estávamos numa fase ótima, sem desentendimentos, só compartilhar e sermos gratas uma a outra por estar ali. As duas viveram romances nessa época, parecia que ali o tempo podia parar. Brincávamos que voltaríamos para o Peru, viveríamos ali. Gonzalo foi minha grande paixão da viagem, que me acompanhou até o fim em pensamento. Ele era amigo de Elias e dono de uma pizzaria numa casa antiga, com jardim espanhol no meio, um cantinho de filme. Justina o nome da pizzaria. A primeira vez que fomos lá me apaixonei pelo lugar, na segunda pelo dono. Ele era mais velho um pouco, todo arrumadinho, não muito bonito, mas poético, era pura poesia.

Tímido, quieto e observador. Ficava atrás do balcão só trocando olhares. Isso durou todo o tempo que ficamos juntos. Adorava música brasileira, arte e poesia. Com ele ouvi muita música latina, me apaixonei pelo salseiro Ruben Blás, o cubano Silvio Rodriguez e aprendi a dar tempo para a paixão acontecer. Ficamos totalmente juntos uns 15 dias. Nesse tempo Luna foi para Lima para reencontrar a sua história. O Gonzalo tinha uma casa recém-alugada em San Blas, bairro alto da cidade, ruazinhas de pedra e lindas. A casa não tinha nada, mas dormíamos lá. Só precisávamos de música, um vinho e um ao outro. De dia ele ia resolver suas coisas e eu ia para casa,

cozinhar, escrever, saía a caminhar pela cidade, ia aos mercados públicos, olhando cada coisa nova. Tinha um café que adorava ir, desenhar, escrever e comer tiramissú. Por influência de Gonza, que me presenteava com desenhos, poesias, comprei um caderno de desenho, lápis e ficava desenhando.



---

No período antes da Luna ir para Lima conhecemos várias experiências políticas na região. Aquela região era foco histórico da exploração mineira e da resistência popular. Madre Dios, Apurimac, Cuzco, Espinar eram locais que há muito sofriam com os impactos da exploração mineira.

Fomos a muitos cantos acompanhar atividades, realizar conversas e conhecer experiências. O Coletivo El Muro (um grupo de pessoas que ocupavam os muros (exposição-debate) da praça principal de Cuzco para debater as questões sociais do país) e a Vicaria (Organização da Igreja Católica que seguia os princípios da Teologia da Libertação e funcionavam como defensoria comunitária) nos ajudaram a saber para onde ir. Os contatos com eles vieram das conversas em Lima e da atividade do PDTG que participamos, o Diálogos entre Saberes e Movimentos. Com o Coletivo El Muro fomos ao Congresso Nacional dos Povos Aymaras em Puno, ouvíamos e entendíamos

(das partes faladas em espanhol) sobre a Lei de Consulta, o Buen Vivir, o debate do estado Plurinacional, entre outras. Um espaço forte culturalmente, sem purismos, os participantes tomavam refrigerante, comiam aqueles biscoitos que parecem isopor, mas vestiam-se tradicionalmente. O almoço foi a parte mais interessante, momento em que agradei por estar ali. Variedades infinitas de papas com *salsa de ají y semillas como habas y porotos* em um pano branco que dava voltas.



Com a Vicaria fomos aos municípios de Cotabamba e Tambobamba que ficavam região de Apurímac. Fomos para o *Foro Provincial: Ordenamento Territorial y Lei de Consulta prévio* em que quase todos falavam em quéchua. Um debate fundamental porque 80% do território de Cotabamba estava concessionado para empresas mineradoras, isso acontecia porque o subsolo do país é propriedade do governo, e este, estava concessionado, mesmo que as pessoas vivessem a cima dele. E o povo não havia sido consultado sobre isso. Ollanta no processo de sua candidatura havia feito um acordo que iria regulamentar as obrigações estabelecidas na Convenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT) ratificada pelo Estado peruano sobre povos indígenas e tribais, através da *Ley del Derecho a La Consulta Prévia a los pueblos indígenas u originarios, reconocido en el Convenio 169 da OIT*.

A viagem até a região foi uma das piores. Atravessar montanhas na madrugada em uma van com pouco equilíbrio, chovendo e as pedras rolando das montanhas. Foram horas sem fim. Eu estava na frente ao lado do motorista e percebi que não podia ver o que estava acontecendo, troquei com a Luna e dormi. As paradas

eram em restaurantes familiares de chão de terra, em que serviam sopas de *habas*, papas e carne.

Ali, todas as discussões levavam ao debate forte em relação ao território, as formas de se relacionar com ele(as práticas tradicionais) e a expropriação de bens comuns públicos pelas grandes empresas, legitimadas e garantidas pelo governo. Eram reflexões coletivas que pensavam o território para além do lugar físico, um espaço de costumes, valores, afirmavam a identidade e memória que cada território trazia consigo.

Ollanta Humala para ser eleito focou a campanha na defesa profunda da natureza e dos recursos naturais, pois no Peru estava evidente o forte impacto ambiental e social das megamineradoras. As principais consequências de suas atividades são o uso abusivo e a poluição da água para extração do minério. O discurso do presidente, dessa forma, era junto ao povo na defesa pela água. Dizia, “vim aqui para defender a água para todos, nossas lagoas e subsolo”. Em seu primeiro pronunciamento pós-eleição, diz: “Meu povo, se Deus criou a água e o ouro, por que ficaremos só com a água?” Aquele pronunciamento deixou claro que a prática seria outra, já não era prioridade a defesa dos recursos naturais, a ação das mineradoras seguia com poucas diferenças do que já vinha ocorrendo. Em Cotabamaba a maioria das concessões haviam sido realizadas pós a entrada de Ollanta.

Assim, quando chegamos lá, havia uma situação de insatisfação e resistência ao governo instaurada, a gente viu/ouviu sobre diversos levantes populares que estavam acontecendo, movimentações localizadas de grupos indígenas/camponeses pipocando por todo país, parando municípios inteiros. Seja em Huaraz, onde fomos ao julgamento, mais ao norte do país, ou próximo a Cuzco, ao sul, havia povo na rua. Em Cajamarca, ocorria a principal oposição à megamineradora, à expansão da empresa Yanacocha, com o projeto Conga. A questão era “simples”, a mineradora queria “tirar” uma lagoa da região. Pois eles iam precisar utilizar os recursos dali, houve contestações e responderam: “Tudo bem, construímos uma lagoa artificial em outro local para vocês”. Não conseguiam compreender que aquela era uma lagoa sagrada. As fotos mais impactantes que vimos nessa época nos jornais eram dessa lagoa toda tomada por camponeses armados de enxadas e outras ferramentas, cercando-a e dizendo que ali eles não iam mexer. O que gerou um confronto intenso com o governo, que começava a mostrar seu lado, briga que dura até os dias de hoje.



(Jornal La República edição 25/11/2011)

Esta crise gerou a saída do primeiro ministro, e a possibilidade de troca de todos os outros, ocorre a troca de vários ministros de esquerda. Em 2013 saiu uma foto de Ollanta, Santos (presidente da Colômbia), os presidentes do México e Chile, compondo a Aliança do Pacífico, uma tentativa de construir um bloco na América Latina mais vinculado aos EUA e ao neoliberalismo em contraposição ao bloco liderado por Chávez (na época), Corrêa e Morales.

Voltando ao projeto Conga, buscamos novamente entender o simbolismo nas imagens que mostram povos tradicionais, ilustrando uma luta digna e legítima, em defesa da natureza que lhes cerca. Percebemos um debate mais amplo, a luta se estabelecia de forma localizada, por direitos e demandas de um povo, que se desvinculava de uma resistência mais institucionalizada, de uma esquerda tradicional, percebíamos até uma separação intencional por parte desses grupos. Os grandes partidos de esquerda que conhecemos em Lima não conseguiam representar tudo que estava acontecendo, mas ao mesmo tempo, os diversos levantes populares espalhados, cada um lutando pelo seu ambiente, por sua água, sua lagoa traziam consigo um projeto de sociedade comum entre eles, na luta em movimento.

O Colectivo el Muro e Cajamarca nos faziam pensar em novas formas de fazer e ser sujeitos políticos. El Muro intervia no espaço público, buscava uma temática, juntava charges, textos e produzia um material, imprimia imagens, dados, reportagens e enchia um muro de informações no final da manhã dos domingos, horário que mais havia gente andando pela praça, via-se um processo de formação diferenciado. Não havia imposição de vozes, uma pessoa com microfone falando e se

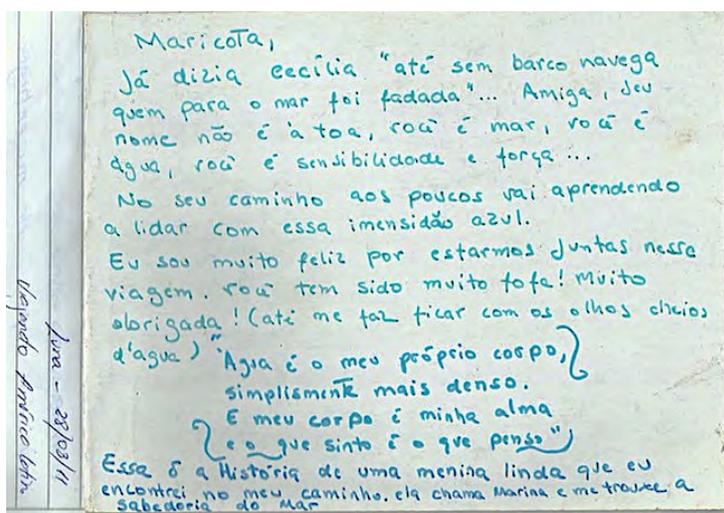
colocando, era algo simples, que ia juntando um, dois, três e gerando diálogos, circulando debates não presentes nos grandes meios de comunicação.

Em Cajamarca acompanhamos, via amigos militantes, o embate do Conga! A cidade estava em Estado de Sítio, Ollanta colou o estado sob vigília, não podiam acontecer reuniões, encontros de pequenos grupos, era como um golpe de Estado na região. A partir daí outras formas de expressar a resistência se estabelecem, fomos acompanhando as pessoas colocarem plaquinhas nas suas casas, nos comércios dizendo: “Conga no va”. Mostrando que quando se é silenciado encontra-se outras formas de continuar falando.

Para finalizar, o que vimos no “Conga no va” era o grito das pessoas cansadas do discurso que vem junto com os megaempreendimentos, já não acreditam mais nos ditos benefícios e mudanças positivas para população. Haviam vários exemplos negativos de outros projetos no país. Afinal, a questão que acompanha todos esses conflitos e o debate do desenvolvimentismo é: esses empreendimentos são necessários e benéficos para quem? Para que serve o discurso da Soberania Nacional, quem são os cidadãos que compõem essa nação?

---

As fronteiras entre o sabido e do não sabido foram percorridas durante o tempo no Peru. Desbravar e seguir os caminhos que o amigos nos mostravam foram as melhores formas de expandir o que era. Vivi a dor, a paixão, a insegurança, o medo, a coragem de ir, o inesperado, o que mexe com certezas e saí de lá, outra. Caminhar pela fronteira do Rio Napo me trouxe a fluidez da vida movida pelo fluxo da água.



(Bilhete da Luna colado no caderno em 28/11/2011 – Viajando...)

## *Bolívia, desencantos e encantos...*

Entramos na Bolívia correndo e tristes. O Peru havia sido o país das paixões, que marcaram o corpo e o coração. As histórias políticas, os amigos, as lutas, as paisagens e os amores davam vontade de ficar, mas sentíamos que a caminhada continuava, só precisávamos de um bom motivo para entrar na Bolívia.



Encontramos: o *1º Encontro Plurinacional para profundizar el cambio* em Cochabamba e o encontro com a Nina, uma das visitas de viagem, irmã da Luna e a pessoa perfeita para simbolizar a família no fim do ano. Era dezembro de 2011, entraríamos na Bolívia para viver esses encontros, a beleza do Salar de Uyuni, Natal, Ano Novo e sair.

Seguíamos na trajetória do inesperado, pois quando pensávamos na Bolívia vinha a ideia de que ali veríamos o povo organizado, o que havia de mais popular na América Latina, que aquele seria o país mais interessante. Foi justamente o contrário, a quebra de expectativas. Tudo que mais planejávamos durante a viagem era o menos interessante. A Bolívia acabou sendo, quase, um país de passagem. Não foi ruim, foram dias lindos, a visita da Nina foi ótima, mas longe do que esperávamos.

---

A quebra da expectativa que vivi nesse tempo me faz pensar sobre o planejar. Sempre gostei de planejar, nos grupos que fiz parte adorava as reuniões de planejamento. Ficávamos avaliando, organizando as ideias e sonhos para o período seguinte. Ali tínhamos uma capacidade de olhar para o todo, ver os erros e acertos, e seguir conscientes. Penso também, nas aulas de didática e prática de ensino, as que mais gostava no curso, em que construíamos planejamentos de aula a cada semana e pensávamos coletivamente sobre eles.

A viagem me ensinou sobre planejamento, sobre a importância de não tê-los, às vezes. Precisamos ter linhas, rotas, mas não uma ideia pronta. Pensar em nossas ações, refletir o que queremos, afinal temos um compromisso com nós mesmos e o entorno. Mas há que ter espaço para o inesperado, o que surge e transforma. Ter tempo para sentir e mudar de rumo. Falta em nossas vidas-aula nos arriscarmos, o medo de errar nos faz tão cheios de certezas, que não há espaço para o novo. Precisamos:

*Como um rio, aceitar  
Essas súbitas ondas  
feitas de águas impuras/que afloram a escondida  
verdade nas funduras  
Como um rio, que nasce/ De outros, saber seguir  
E noutros se prolongando/ E construir o encontro  
Com as águas grandes/Do oceano sem fim  
Mudar em movimento  
Mas sem deixar de ser  
O mesmo ser que muda  
Como um rio  
**Thiago de Mello – Como um Rio***

Esse semestre (2014-2) vivi uma experiência, que me fez novamente pensar sobre isso. Como Bolsista da Capes no mestrado precisava cumprir obrigatoriamente o Estágio Docente. Realizei na aula de Prática em Ensino de Biologia, o lugar que acreditava poder contribuir formativamente através de minha trajetória de Bióloga em movimento nos campos da Educação.

Planejei três aulas, amadureci e me surpreendi com elas. As questões geradoras das aulas, foram: “Ser professor, o que me traz até aqui?”; o “Qual o papel do biólogo na sociedade?”; a terceira de avaliação/continuidade das anteriores. A aulas traziam minha história, discutia sobre os nossos sonhos, buscas, e, aprendizados da viagem. Na primeira fizemos uma metodologia chamada *Círculo de Histórias*<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> *Círculo de Histórias* foi uma metodologia que aprendi junto ao Museu da Pessoa, um museu virtual de histórias de vida de São Paulo. Conheci por meio de uma amiga que trabalhava lá e que mediu alguns círculos que participei.

onde cada estudante contava sua história de vida pensando o que os levou a ser professor; e a segunda sobre alguns debates ambientais que vivenciei na viagem, histórias variadas, curiosidades, direcionando para pensar o ser biólogo (qual sonho te encaminha para esse rumo profissional).

Avaliamos positivamente as atividades, mas claramente havia cometido um erro. Planejei demais, havia demasiada informação, faltava o vazio, eu me cansei, meu planejamento era interessante, mas com excessos. Carecia espaço para sentir o que estava sendo dito, como cada um recebia e o que vinha nas entrelinhas.

No terceiro dia, algo me surpreendeu. A avaliação de uma aluna tímida, desconfiada e que contou uma história das mais fortes (sobre a mudança de sua vida a partir da morte da mãe). Em poucas palavras ela falou da importância de participar do Ciclo, pois aquele tinha sido o primeiro momento desde que entrou na universidade que olhavam para sua trajetória, para as questões que a levaram a tomar certas decisões e não outras, sentiu-se à vontade para contar e olhar para si. Disse que isso deveria ocorrer ao entrar na faculdade, pois passaram-se anos e ninguém conhecia de verdade quem era ela. Só naquele momento, quase saindo, ela se via falando e sendo ouvida. Aquilo a fazia pensar em que professora ela queria ser.

Esses pensamentos que juntam momentos da vida são a chave para pensar como as quebras de expectativa nos atingem e lidamos com elas. Como conseguimos ressignificá-las, aprendermos e nos transformarmos com os erros, o diferente, o que não era esperado.

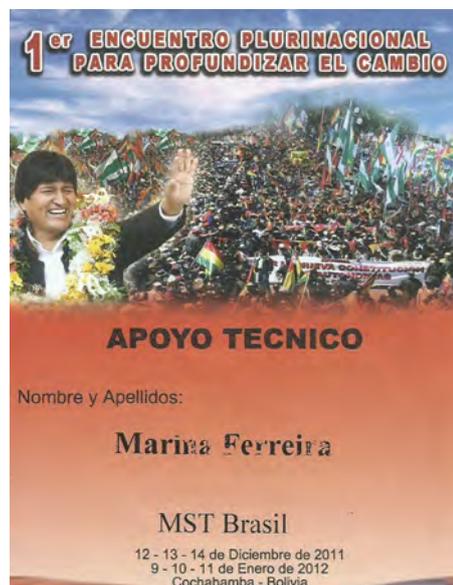
---

Assim, cheias de expectativas atravessamos a fronteira do Peru para a Bolívia e seguimos direto para Cochabamba. Passamos sem parar pelo Lago Titicaca, Copacabana, lugares turísticos famosos que eu havia estado em 2006, logo após acabar o ensino médio. Em Cuzco havia feito o contato por e-mail com a Red Tinku<sup>34</sup> de Cochabamba, uma organização que haviam me passado o contato. A pessoa que respondeu, Ramiro, pareceu interessadíssimo em nos receber e falou do Encontro Plurinacional. Disse que não era tão fácil participar, mas daria um jeito de nos colocar para dentro.

---

<sup>34</sup> Site Red Tinku – [www.redtinku.org](http://www.redtinku.org) - Acesso: Fev/2015

Logo que chegamos, percebemos que Ramiro se tornaria um personagem dessa história. O *Encuentro para aprofundizar el cambio* foi estranho, desses institucionais, com ministros e pouca discussão concreta, uma encenação e nós fora da cena. Entramos porque Ramiro disse que éramos do MST, uma mentira, que tentamos desfazer, mas já não era possível. Para piorar, tivemos que participar de um momento constrangedor de apoio a construção da *carretera de Tipnis*<sup>35</sup> (o grande debate político do momento) que fomos entender melhor ao longo dos dias e não queríamos nos colocar nem a favor e nem contra. O grande encontro tinha sido aquilo. O que nos levou até o país não nos trazia nada de novo e gerava uma certa descrença em situações pensadas antes de acontecer, como as cenas.



No final, com Ramiro e uns companheiros de outras organizações fomos a uma *Chicheria*, um lugar que tocava *cumbia* e bebia-se grandes jarras de *chicha* (bebida alcóolica produzida através da fermentação da mandioca – quem prepara mastiga a mandioca e cospe, pois a fermentação acontece junto as enzimas presentes em nossa saliva). Bebida tradicional, comum nas comunidades indígenas, conhecemos ainda na Venezuela, mas fomos provar em Pantoja, na fronteira Peru-Ecuador. O gosto era horrível, mas o nível de álcool altíssimo.

Aquele encontro foi o contrário do evento. Foi sentir o país por pequenos atos, tomando *chicha*, num bar no quintal de uma casa simples num bairro periférico de Cochabamba e ir entendendo a conjuntura através daquelas pessoas. Os companheiros presentes eram, além do Ramiro, uma mulher e dois homens. Ela era de uma liderança do movimento feminista e eles sindicalistas. Todos governistas. Fomos

---

<sup>35</sup> Uma estrada que desatou uma polêmica no país e a reação de diversas organizações indígenas, protestos para evitar que uma parte da estrada passasse pelo Parque Isiboro-Secure, exigindo também a consulta aos povos indígenas, como está estabelecida pela Constituição Política do Estado. O Território Indígena do Parque Nacional Isidoro Secure (TIPNIS) está protegido por leis e pela constituição, além de ser parque, portanto área protegida, é território indígena e exige o respeito estabelecido constitucionalmente dos Direitos das Nações e Povos Indígenas originários.

A *La Ley Marco de la Madre Tierra*, que se encontra na agenda da Assembleia Legislativa Plurinacional concebe a defesa dos ciclos reprodutivos da vida. Por todas estas razões é inconcebível desde o ponto de vista da Constituição e da perspectiva do *Vivir bien*, a determinação do governo de construir a estrada que atravessa o TIPNIS.

(texto traduzido– trecho do artigo “La Defensa de los derechos de la Madre Tierra en el Tipnis” de Raúl Prada Alcoreza)

percebendo que aquele Encontro era um espaço oficial junto aos movimentos sociais pró-governo para definir que apoios o governo poderia dar a eles e o posicionamento dos movimentos diante dos processos conflituivos que vinham surgindo. A figura de Evo Morales já não era mais uma unanimidade nem entre os movimentos sociais e nem entre os intelectuais de esquerda. A história da estrada de Tipnis trazia isso à tona, eram movimentos sociais de base dos dois lados.



---

Depois da *chicheria* fomos para a sede da Red Tinku, onde íamos nos alojar. Era uma casa gigante, grafites revolucionários e um espaço externo, mas totalmente deserto. Perguntávamos pelos outros integrantes e Ramiro nos dizia que logo iríamos conhecer, já criávamos expectativas em relação aquilo.

Dormimos sozinhas na casa. No dia seguinte iríamos no escritório da organização, próximo à praça central de Cochabamba onde aconteciam as principais atividades da *Red* e os eventos políticos da cidade, ali tinha sido o palco de alguns fatos que foram catalisadores das mudanças na história recentes do país, como a conhecida Guerra da Água<sup>36</sup>. A praça era ponto de encontro, de ação e formação.

---

Antes de encontrá-lo realizamos nossas ações cotidianas fundamentais da viagem: compra de um chip do país para o celular, realizar a leitura do jornal mais tradicional e visitar o mercado público central. Comer nos mercados era uma das

---

<sup>36</sup> Guerra da Água foi a revolta popular ocorrida no ano 2000 contra a privatização do sistema municipal da gestão da água. Depois que as tarifas da empresa *Aguas de Tunara* dobraram, o presidente chegou a declarar estado de sítio, houve prisões, perseguições, mas, com o prosseguimento dos protestos, o governo desistiu da privatização, anulando o contrato de concessão de serviço público.

atividades que mais gostávamos de fazer, lá tínhamos comida barata, tradicional e um gostinho do mundo. A limpeza era restrita, os cuidados pequenos e o elemento humano presente. As *cholas* eram as principais personagens dos mercados com suas roupas sem fim, os filhos nas costas enquanto faziam de tudo e um jeito grosseiro habitual. Uma das nossas principais atividades na Bolívia era brigar com as *cholas*, discutir com elas, ficávamos bravas por ver como elas eram grosseiras. A Nina quando chegou lá, ria e nos falava: *vocês são umas figuras, porque não deixam elas falando sozinhas. Adoram uma briga. Eu não vou mais nos mercados com vocês.*

Lembro de uma briga grande que tivemos por conta de umas *yucas* (*aipim*). Éramos vegetarianas, chegamos num mercado para tomar café da manhã e perguntamos o que tinha. Uma *chola*, disse secamente: *yuca con carne y papas*. Respondemos: *buenisimo, puede servirnos un poco de yuca y papas. No puedo, hay yuca con carne y papas*. Respondíamos, *pagamos lo mismo, pero queremos solamente la yuca*. Ficamos um tempo discutindo porque ela não podia tirar a carne e nem ter uma conversa educada. No fim pedimos que nos servisse tudo e ela não quis.

Nossas brigas eram desse tipo. Era um encontro de culturas, de costumes e de histórias de vida distintas. Ficava pensando que elas tinham uma vida tão dura naquelas montanhas frias, pobres e áridas que sorrir não fazia parte dos movimentos aprendidos e treinados pelo corpo. Assim como era incompreensível para elas que alguém pudesse recusar comer carne tendo condições para tal.

Essa é uma situação que me faz pensar na *ecologia de saberes* onde Boaventura (2007) discute a necessidade de trazermos outros saberes para pensar o mundo, tentando lidar com o que é aparentemente incompreensível. A necessidade de nos reeducar para pensar na riqueza da diversidade cultural, olhar com atenção para momentos de não compreensão em relação ao outro, pensando como ultrapassar as diferenças ao aceitá-las como tal e propor o novo a partir da mescla de saberes, tempos, visões, e formas de lidar com o mundo.

Pois, mesmo que refletisse depois do acontecido, algo dentro de mim tinha dificuldade de aceitar o outro, continuava tendo como parâmetro a minha visão de mundo do que era o certo e o errado. Sair do planejamento e me deparar com a prática cotidiana, não era nada fácil. Por isso requer rever nossos atos, buscar olhar de novo é uma forma de questionar o “natural” e perceber como somos surpreendidos por nós mesmos.



---

Chegamos no escritório da *Red* e novamente nos deparamos somente com o nosso amigo Ramiro. Já começávamos a achar estranho o movimento solitário e ele um radical chato, era contra tudo e todos do mundo capitalista. Tínhamos que medir nossas palavras para dizer aonde íamos, para ele não ficar chateado conosco e nos achar burguesas. Num dia passeamos por uns bairros mais chiques, paramos num café bacana e mentimos para não perder nosso abrigo.

*Por que prender a vida em conceitos e normas?  
O Belo e o Feio...o Bom e o Mau...Dor e Prazer...  
Tudo, afinal, são formas  
E não degraus do ser!*  
**Mario Quintana – Da perfeição da Vida**

Chegamos para acompanhá-lo na atividade da *Universidad de la Plaza* que estávamos ansiosas para entender como funcionava. As atividades da *Red Tinku* eram de cunho cultural e formativas. Ao chegar na Praça nos deparamos com uma situação interessante. Havia *el Pannel de La Plaza* com os jornais, revistas dos últimos dias com alguma matérias em destaque com comentários. As pessoas chegavam, ficavam lendo, conversando uma com a outra e às vezes colocavam algum comentário em cima. Movimentavam a informação de forma simples e coletiva.

Todos os dias às 19h havia aula na praça. Organizada por Ramiro e as outras pessoas do grupo. Naquele momento descobrimos quem eram elas, pessoas que traziam os banquinhos e movimentavam um pouco a praça, eram velhinhos, alguns

com andadores, mendigos e aqueles maluquinhos da cidade. Esse era o grupo de Ramiro. Foi cômico e trágico se deparar com a “organização”.

*La univeridad de la plaza* mesmo parecendo a maluquice de um cara estranho era interessante. Dêmos uma aula, que eu adoraria que pudesse entrar para o meu currículo, pois me fez pensar/aprender sobre várias questões em relação ao educar. Éramos as convidadas da noite para falar sobre o Brasil, a questão agrária, os movimentos sociais, os governos PT e o olhar do Brasil para Bolívia. Eram nossas impressões, experiências junto aos movimentos, os últimos fatos históricos. A princípio tinha uma meia dúzia de pessoas da “organização”, mas foi surgindo mais, de todos os tipos, que de certa forma acompanhavam a universidade, juntou umas 50 pessoas. Passavam, ficavam, perguntavam, queriam saber mais. De tempos em tempos vinha um maluco de rua interagira e depois ia embora. Uma forma de discutir, trocar e permitir que as conversas fossem amplas, abertas e públicas. Fiquei encantada, aquele momento sem planejamento mas com intencionalidades tinha sido um espaço de formação, era uma possibilidade de pensar na participação social, em processos de discussão coletiva com atores sociais diversos. Foi uma das pequenas ações formativas que nos tocou e queríamos trazer para o Brasil.

Um dos objetivos da viagem era colher experiências para a militância no Rio. Estava cansada das dinâmicas de reuniões, articulações, plenárias, que pouco mexiam com nossas estruturas e as formas de fazer política, que pareciam fadadas ao cansaço da luta. Ocupar os espaços públicos era a primeira das opções.



Fomos embora tendo colhido bons momentos, compartilhado uma energia ótima com aquelas pessoas em um fim de tarde comum e sem entender o que era a *Red Tinku*. Como Ramiro tinha construído tudo aquilo, de onde vinha o dinheiro, a ideia e todo aquele movimento solitário? Acho que em algum momento aquilo deve ter sido diferente. Não entender era uma possibilidade de viajar pela imaginação, criar histórias sobre o não sabido e aprender com elas.

---

Voltamos ao caminho e chegamos a La Paz, reencontramos duas amigas que tínhamos feito em Cuzco. Conhecemo-nos rapidamente e ainda não éramos amigas. Maria era uma suíça morena com traços indígenas, a mãe peruana, e Leti era uma argentina viajante de uns 30 anos. As duas eram um pouco diferentes, mas parecidas conosco também. Eram da noite, trabalhavam em bares em Cuzco e curtiam a noitada. Mas eram pessoas de espírito livre, viajantes de corpo e alma.

Estávamos em um hostel, um momento saí para lavar roupa e jurei que havia escutado a voz de Maria. Fiquei buscando e nada. Escrevi para elas via *facebook* perguntando se elas estavam ali. Nos responderam que estavam em La Paz, mas não naquele hostel, estavam a umas quadras. Aquela escuta apurada de algo que não existiu nos gerou duas amigadas lindas. Viraram pessoas marcantes em nossa caminhada. Saímos por La Paz e depois nos reencontramos em várias outros momentos da vida, Leti nos hospedou em Córdoba, Maria já veio ao Rio e seguimos compartilhando a vida.

Em La Paz, tivemos alguns encontros bons. Contatos de contatos. Fizemos um amigo que nos encontrou em um café para conversar, falou das críticas ao governo por ele responder apenas a um setor da sociedade, mas falava a partir do lugar do intelectual, que olha a história de fora. Conversamos e nos levou para um grupo de estudos, realizamos a proeza de participar até de um grupo de estudos em Ecologia Política nessa viagem. Era um pouco blábláblá, mas foi ótimo estar nesse ambiente, beber, ouvir música, trocar ideias, ter um grupo de amigos. A casa de encontro era em uma ruazinha histórica de La Paz, tudo antigo. Bem lindo.

Tivemos, também, um encontro com um cineasta que conhecemos no Congresso dos Aymaras em Puno no Peru. Tomamos um café com ele num lugar antigo e tradicional. José Luis era de uma ala bem crítica ao Evo, nos contou da ditadura na Bolívia até 1982, do avanço da coca a partir da década de 80 e que apenas uns 10% da quantidade de coca produzida é para fins culturais e medicinais. Que todo

o resto está destinado para produção de cocaína e que a droga é o principal produto da economia do estado. Que o governo sempre apoiou os cocaleiros (origem de Evo) e a produção de coca.

Nos falou também sobre TIPNIS. A estrada, dita anteriormente, que estava relacionada com o afrouxamento das fronteiras e com o IIRSA<sup>37</sup> (*Iniciativa para la Integración de la infraestructura regional Suramericana*) financiada pelo BNDES. No momento que estávamos lá, já haviam construído o trecho até o parque e o depois do parque, faltava o trecho do meio. As discussões estavam ali. O IIRSA foi um impacto na viagem, por me deparar com algo tão grande e não sabido, uma iniciativa que tem milhares de projetos associados, que impactam diretamente populações isoladas e comunidades tradicionais em nome do progresso. No Brasil o IIRSA se traduz no PAC – Programa de Aceleração do Crescimento – e nos megaempreendimentos com foco na produção de energias, transporte e infraestrutura. São mais de 10 eixos de ação que envolvem regiões de tríplice fronteira, as maiores áreas ainda florestadas do continente, o avanço em regiões com recursos à serem explorados. Foi impressionante perceber que não sabíamos nada disso, que aquela estratégia a mais de 10 anos existia longe de nossos ouvidos.

---

Tivemos também uma conversa no nosso último dia em La Paz com o Marcos, militante com atuação em El Alto, a quarta maior cidade da Bolívia. El Alto é o espaço dos imigrantes provenientes do resto do país, especialmente os recém-chegados das áreas rurais. Um local pobre e discriminado, ao lado de La Paz, onde a maioria da população são aymaras ou descendentes

Um espaço organizado em *Juntas Vecinales* e que ocupa um papel central na atual conjuntura política do país. *El Paro Cívico Mobilizado en El Alto* foi um marco, em 2003, momento em que todos os trabalhadores pararam, e consequentemente, La Paz, eram 200 mil pessoas na rua. A reivindicação era contra a alta dos impostos em

---

<sup>37</sup> O projeto IIRSA, tem sua origem na primeira Cumbre de Presidentes da América do Sul celebrada em 2000 em Brasília por convite do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Os chefes de Estado observaram que o impulso da integração transfronteiriça se vigoriza por consequência da proximidade geográfica, da identidade cultural e da consolidação de valores comuns. O IIRSA contempla os corredores transoceânicos que vinculariam o Atlântico com o Pacífico, possibilitando o transporte de mercadorias entre os dois oceanos. Se bem existe a justificativa do projeto IIRSA por conta da integração entre os países envolvidos, desde o começo existem vozes que acusam o projeto como parte da estratégia de dominação dos Estados Unidos, e também críticas que qualificam o projeto como parte da expansão da potência emergente no continente, o Brasil. (texto traduzido por mim – outro trecho do artigo “La Defensa de los derechos de la Madre Tierra en el Tipnis” de Raúl Prada Alcoreza)

uma região sem água, educação e saúde de qualidade. Aquele movimento inicia uma situação de caráter nacional, as bandeiras se expandem para: não ao gás por Chile (um gasoduto que ia para o Norte para o Chile e depois para os EUA), nacionalização dos hidrocarbonetos e agenda própria de El Alto. Inicia-se a conhecida Guerra do Gás<sup>38</sup>.

Em 2004 acontece outro grande movimento, contra uma transnacional *Agua del Illimani*– pois 200 mil pessoas em El Ato não tinham água –; tentam dialogar e não são ouvidos. Nesse momento o Marcos entra na história dando apoio em relação aos contratos, questões jurídicas e na organização. A empresa não queria dar o contrato e os aumentos eram descabidos. Lançam o *Informe Protesta Alteña* e começam uma marcha, tentam uma reunião com o ministro e descobrem que ele tinha trabalhado para a empresa. Marcos nos conta que foi o momento mais forte de sua história, faziam muitas atividades em El Alto. Formações sobre hidrocarbonetos, sobre exploração do povo, de como os recursos da Bolívia estavam sendo “doados” para as empresas estrangeiras e como a história se repetia desde a colonização. Em 2005 acontecem *paros y huelgas de hambre para sacar el Agua del Illimani*. Começam as auditorias sobre a empresa, em paralelo, se exige a Assembleia Constituinte. Trinta e seis povos originários pediam um lugar na assembleia. Esse movimento foi fundamental para a vitória de Evo em 2006, El Alto e La Paz estavam, em geral, com Evo.

Após a entrada de Evo Morales, enfraqueceram-se as lutas, algumas reivindicações foram atendidas, mas El Alto sofreu com a forte cooptação nos espaços de organização. Marcos nos falava que Evo se perdeu dentro da estrutura do sistema, mas que seguia tendo pontos positivos:

**Positivos:** fortalecimento da identidade indígena, maior inserção social de grupos populares, negociações mais diretas, bônus e bolsas para as populações mais pobres (sem avanços estruturais) e implementação da Constituição Plurinacional.

**Negativos:** Que identidade indígena? (debate de Tipnis), bandeira indígena enquanto discurso (apropriação de certos valores como forma de conseguir apoio), um projeto político que visa a manutenção do poder, espaços políticos estruturais dirigido

---

<sup>38</sup> El Alto foi o protagonista do massacre conhecido como a Guerra do Gás, em Outubro de 2003, na qual mais de 70 pessoas foram mortas pela repressão do governo ordenado pelo presidente Gonzalo Sanchez de Lozada e, finalmente, terminou com sua renúncia como o 17 de outubro do mesmo ano. Os principais movimentos sociais da cidade são os Fejuve (Federação de Comitês de Bairro) e CDR (Central Obrera Regional).(Fonte: Wikipédia)

por empresários, organizações sociais transformadas em ferramentas de gestão do estado e criação de organizações sociais como ferramenta de cooptação de militantes.

Essas foram todas as histórias que Marcos nos contou em uma narrativa fácil de escutar, pois ele havia vivido e aqueles momentos em El Alto tinham lhe marcado. Falava dos acontecimentos com raiva, indignação, orgulho, ansiedade, felicidade, os sentimentos iam se mesclando. A história dele já passava a ser um pouco nossa através da narrativa construída. Acho que passamos umas três horas juntos, que começou com café, passou para o suco e acabou na cerveja. As informações podem ter erros, era um papo, que fui anotando. Um dos que nos arrependemos de não gravar. Naquele momento, a melhor pessoa para contar aquela parte da história da Bolívia a partir de si era o Marcos

---

De La Paz em diante entramos no período do fim de ano, o país parecia parado, era o tempo de seguir a caminhada e ver o que ela trazia. Os olhares e sensações eram amparados no dia-a-dia, sem planejamentos e objetivos traçados.

Chegamos em Santa Cruz de La Sierra, na região plana do país, um calor tremendo, um ambiente diferente. Fomos encontrar a Nina. Ficamos em um Hotelzinho barato, o dia começava quando o sol baixava, saíamos para tomar sorvete, ver a praça e ir no cinema. De lá fomos para Suipacha, um lugar de serra, com cachoeiras. Lá, sem querer, na praça da cidade, encontramos uma amiga do Brasil. Uma coincidência tremenda, cada uma de nós tinha ido num restaurante ver os preços e ouço alguém chamando: "Marina, Marina"! Olhei e não acreditei.

Passamos dias lindos e seguimos para Sucre, onde vivemos o Natal em família. Ficamos num hotelzinho mais legal, que tinha cozinha. A comida era a chave da viagem e no Natal não seria diferente. Fizemos uma linda ceia, nós três e a Elida, a amiga. Fizemos um ritual de agradecimento. Emociono-me de lembrar. Fomos até a missa da linda Igreja da praça principal de Sucre. A Nina queria ver como era aquele momento. Era meia-noite, fiquei uns 10 minutos, não gosto da energia de igreja. Saí e sentei com a Luna na escadinha, nos abraçamos, olhamos as estrelas e agradecemos tudo o que estávamos vivendo juntas. Era o momento de estar em família

De Sucre o destino foi o Salar de Uyuni, o deserto de sal no sul do país que segue para fronteira com o Deserto do Atacama no Chile, um dos passeios mais lindos de toda a viagem, eram horas e horas no carro, visuais alucinantes, paradas em lugares de dormida pitorescos e muito frio. Indescritível, perco o ar só de lembrar e ver as fotos. Fico impressionada como consegui ver tanto lugar bonito, como aguentei tanto

esplendor. Acho que por isso as emoções eram tão fortes, a viagem foi de gastar a dor para abrir espaço para o belo e novo. Uma parte da viagem era escrita por essas imagens de encher o coração de vida.

Em Uyuni conhecemos o Bruno e seu irmão. Estavam viajando de férias e depois ele seguiria sozinho para surfar na América Central. O Bruno ficou na memória, pois ele tinha uma história marcante. Havia acabado de renunciar a carreira militar e teria que pagar uma multa alta. Mas estava mais feliz do que nunca. Nos contou das provas de resistências que tinha que participar no pico das agulhas negras, nas madrugadas dentro das águas congelantes da porção alta do Parque Nacional de Itatiaia. Falava da raiva, do estado de imobilidade, submissão e comodidade em que se encontrava estando ali. Mas falava rindo. Pois ele estava como passarinho que fugiu da gaiola. Só conseguia rir, agradecer por estar solto no mundo.

---

Depois do Salar seguimos para Tupiza. Fizemos o caminho das minas, na margem da linha de trem construída para o escoamento do minério nos séculos passados, um caminho terrível cortando as montanhas, parecia que estávamos sós nas montanhas áridas, no meio do nada. Ir para lá foi um erro, a cidade era pequeninha, uma gracinha, mas logo que chegamos descobrimos que teríamos que partir. O dia seguinte era 31 e por esse período não funcionavam todos os ônibus, a Nina não conseguiria pegar o avião de volta. Fomos para Potosí.

Os ônibus eram uma história a parte na Bolívia, estavam caindo aos pedaços, iam por estradas terríveis, com mais passageiros do que o número de lugares e me via sempre correndo atrás do motorista para subir logo, porque perceber que perdeu o ônibus ou que o seu lugar foi vendido duas vezes era comum. Vários quebravam no meio do fim do mundo e mais que comum, era uma *cholita* sentar ao seu lado com vários filhos na mesma cadeira, ocupando a sua e a dela, o que dava pena e desgosto ao mesmo tempo. Mas, após quase um ano viajando de ônibus desde a Venezuela adquiri a capacidade de dormir e estar confortável em quase qualquer lugar. Tinha a vantagem de ser pequenininha, andar com meu saco de dormir potente (depois de ter passado muito frio e ter comprado um digno), um travesseirinho e me embalar com qualquer *cumbia* que tocasse.

De Potosí a Nina voltou para o Brasil e nós seguimos para Villazón a fronteira com La Quiaca na Argentina. Aqueles tinham sido os poucos dias vivendo a Bolívia

comum, não idealizada. Houve acontecimentos, momentos de marcar a história e seguir aprendendo com a linda complexidade da vida cotidiana.



## *Argentina em poucas palavras*

A Argentina foi uma país marcante por simplesmente ser o que é. Seus costumes, seu acento próprio (que ficaram em mim) e a forma de ser de cada fogueirinha de vida em forma de pessoa que encontrei no caminho. Sou totalmente encantada por esse canto do mundo. Já voltei lá várias vezes e só visitando os amigos permaneço semanas. Não preciso nada mais que isso para me sentir bem por lá. Mentira, preciso dos *mates* à todos os momentos, das *facturitas*, empanadas, ler o *Página 12* e caminhar pelas ruas que me reconheço.

A Argentina foi o espaço do reencontro. Com o Eduardo, o Javi e o Lautauro, a Leti, o casal tímido de Cayo Sombrero, com militantes do Encontro na Colômbia, com amigos apresentados pela Chancha Viajeira, enfim, foi reaproveitar de muito que a viagem já havia proporcionado.

Em poucas palavras, pois meu tempo se encurta, na Argentina foi importante ver a reinvenção dos indivíduos em suas praticas sociais e políticas e isso, também, me encantava. Aprendi com a Argentina a reinventar, criar e a compartilhar através de *charlas regadas de mates*.

---

A crise económica que assolou o país em 2001 fez a população se reinventar socialmente. O país se viu desempregado, as classes perdendo seus meios de sobrevivência. Havia, estampada, a necessidade da sociedade se repensar, criar meios de trabalho, uma necessidade que requeria criatividade. As respostas que surgiram, em geral, foram coletivas, bairros que se juntavam e faziam refeições comunitárias, um forma de apoio mútuo pautado na luta comum pela sobrevivência. Essa foi a imagem que fui construindo ao entender os impactos da crise presente até hoje e os aprendizados que vem junto à ela.

Os processos eleitorais que levaram a Néstor e Cristina Kirchner a presidência ocorreram em situações conjunturais advindas daí, um momento de insatisfação, de reestruturação da sociedade, tanto econômica, como política, quanto social. Partindo dessa estampada necessidade de reinvenção coletiva o kichnerismo criou formas de

responder as demandas da sociedade. Surgem programas e projetos sociais que possibilitam a existência econômica da população através da organização coletiva. Muito dinheiro direcionado para construção de cooperativas, para pensar espaços comunitários dentro das favelas, bairros, vinculadas, por exemplo, a construção de hortas, cursos de formação para inserção na universidade e/ou no mundo do trabalho, Não estamos eximindo de críticas os governos de Néstor e depois de Cristina Kirchner, porque muitos dos projetos sociais também tinham um viés assistencialistas e não estrutural, parecido com o Brasil, mas ao ver e ouvir o que acontecia na Argentina, parecia melhor, pode ser aquele olhar de que a grama do vizinho é sempre mais verde, mas tinha motivos, pois vários dos projetos tinham, também, foco no apoio à processos produtivos, que garantissem que pessoas tivessem capacidade de gerar sua própria renda posteriormente.

Enfim, o que brilhava os olhos era ver por todos os cantos do país milhares de organizações: pequenas, medias, grandes, com linhas ideológicas várias, era o sinal de que as pessoas estavam atentas ao seu papel na transformação da sociedade e pensavam coletivamente seu território. Conhecemos cooperativas que faziam doces para vender, uma de agricultura orgânica, comedores comunitários, frigoríficos organizados pelos trabalhadores, espaços organizativos que funcionavam como creche, biblioteca, reforço escolar, cooperativas têxteis e gráficas. Começamos à nos questionar de onde vinha tudo isso e parecia que a crise tinha um papel central.



---

Em Santiago del Estero, mais ao norte do país, fomos participar da brigada de construção da Universidade Campesina (UNICAM) vinculada ao Movimento Nacional Campesino Indígena (MNCI), um espaço de formação de confluência de movimentos e organizações agrárias, principalmente, mas ao chegarmos lá nos deparamos com outra face desse momento, conversávamos com as pessoas e várias delas eram da periferia, das favelas de Buenos Aires. Uma estranheza, que nos fazia questionar - Como chegaram aqui? - Nos contavam que os estudantes universitários de agronomia, sobretudo, através de organizações do movimento estudantil começaram a construir uma relação com essas áreas para contribuir com processos produtivos, hortas comunitárias, projetos agrícolas junto aos moradores (jovens em sua maioria) que moravam nas favelas e essa relação iniciou uma interação maior entre movimentos do campo e da cidade. Jovens começaram a circular por esses dois espaços possibilitando a expansão do olhar em relação as problemáticas sociais existentes no país. Perceber de onde vinham os alimentos, que conflitos e dificuldades os campesinos passavam em confluência com a percepção do que é viver na periferia, estar desempregado ou ter emprego precário. As formas de falar eram diferentes, gírias urbanas e rurais, e na UNICAM víamos todas essas gírias misturadas. Parecia que o momento de crise havia rompido um pouco com os espaços, os tecidos sociais que geralmente são tão demarcados, os muros pareciam estar enfraquecidos e as pessoas começam a ter que expandir suas relações. A crise incitava a transformação, carregava consigo a necessidade inerente de mudanças.



Visitamos um frigorífico na periferia de Buenos Aires que tinha sido ocupada pelos trabalhadores ao declarar falência e a cooperativa montada cedeu parte do terreno para o Movimento Nacional Campesino Indígena (MNCI). Ali produziam alimentos para comunidade, eram esses meninos que tinham se aproximado e se formado junto aos universitários e o movimento do campo. Assim, conseguiam servir almoço para as crianças que os pais trabalhavam e/ou não tinha dinheiro para comprar comida, aproveitavam que as crianças estavam lá e ofereciam reforço escola, aulas extra, oficinas. As atividades político-sociais estavam relacionadas, em rede, e acontecendo por toda a parte. Era lindo de ver.

---

Na Argentina o que vimos, assim como no Equador, eram grupos de esquerda mais radicais críticos ao governo Kirchner, um outro lado da esquerda que tenta dialogar mais com o governo porque acredita que está melhor do que antes. Além da dificuldade do diálogo entre os grupos de esquerda. Víamos avanços e caminhos sendo trilhados para a melhora da qualidade de vida da população. Dois avanços importantes na Argentina, que ouvíamos bastante sobre, foram:

A Lei de Servicios de Comunicación Audiovisuales que a gente não consegue fazer acontecer no Brasil - que é a divisão do espectro em uma parte comunitária, uma privada e uma pública - para tentar acabar/diminuir os monopólios dos meios de comunicação nas mãos de poucas famílias. Conhecemos um grupo de jovens - Coletivo WAYRURO - que tinha começado a filmar/fazer documentários com organizações sociais, educativos, de maneira independente. Ao ser aprovada a Lei da Comunicação eles começam a ter espaço de trabalho, editais públicos, fomento para projetos comunitários, que possibilitava fazer profissionalmente uma comunicação não vinculada aos monopólios. Quando conhecemos eles, umas 8 pessoas, todos estavam trabalhando integralmente no coletivo, produzindo filmes e programas sobre os movimentos sociais, a cultura, a diversidade do país. Isso acontecia porque houve a pressão para que a comunicação se tornasse mais democrática e que o poder pudesse se diluir um pouco.

A outra bandeira chave da Argentina é a Luta pela Memória, Verdade e Justiça pelos crimes cometidos durante a última ditadura civil-militar e o processo de punição aos responsáveis da repressão. Diferente do Brasil, em que iniciaram-se as comissões da verdade, mas não há o fator judicial. Na Argentina, o avanço da justiça transicional permitiu a quebra da impunidade reinante na região, ingressando, por exemplo, o tema nos currículos escolares e na opinião pública. Por exemplo, dentro da Escuela

Mecanica de La Armada (ESMA), um dos principais Centros de Detenção Clandestino do país foi construído um espaço de memória em homenagem as vítimas e de condenação dos crimes contra a humanidade cometidos durante o terrorismo de Estado. Além disso, os nomes dos torturadores estão estampados pelo país, vários estão encarcerados, independente da idade, e de tempos em tempos se descobre mais um hijo. Adultos que eram bebês recém-nascidos na ditadura e que os militares se apropriaram após o sequestro e desaparecimento de suas mães. O governo Kirchner recuperou a histórica bandeira de luta empreendida por familiares e vítimas da ditadura construindo um caminho histórico de justiça transicional. Algo que alguns brasileiros esperavam da Dilma, por sua história pessoal. Mas há na Argentina historicamente uma escola da memória, faz parte da identidade do país, um exemplo são as Madres de la Plaza de Mayo, um símbolo, além da tradição acadêmica e dos movimentos sociais.

Democratizar nossa história e nossa comunicação me parecem passos iniciais para qualquer mudança. E em meus país me entristece ver como é difícil avançar nisso, questões tão óbvias de serem encarados em um governo dito dos trabalhadores.

Haviam, também, coisas terríveis na Argentina, como a Lei Antiterrorista que foi aprovada sem grandes discussões por Cristina, já em voga na época em que estivemos por lá, conhecemos gente que lutava contra as mineradoras que estavam sendo julgados. Um instrumento de criminalização dos movimentos sociais. Não podemos idealizar e magicalizar nenhum processo...

---

Em fim, foram três meses de Argentina, entrando pelo Norte (Jujuy), seguindo até o centro em Córdoba (para participar de um Encontro Interdisciplinar onde pude entender um pouco da conjuntura e participar de uma vivencia com uma família campesina- foram 10 dias na Região de Traslasierra alimentado porcos, tomando mate com açúcar, tendo uma família linda e me virando por ser vegetariana), depois seguimos por Córdoba em cidades encantadoras da serra (Capilla del Monte, La Cumbre, Los Cocos), na capital conhecemos organizações, atividades de bairro, a Cooperativa Produtiva/Formativa em Oncativo (na periferia de Córdoba), depois fomos a Santiago Del Estero, a Assembléia del Algarrobo na luta contra a mega mineradora em Andalgalá em Catamarca e descemos para Buenos Aires. Em Buenos Aires foi o tempo dos reencontros, da ida nas cooperativas da periferia, visitar La Plata, um centro cultural da Frente Dario Santillán, participar da Marcha pelo Dia da Memória por la Verdad y Justicia no 24 de Março (feriado no país), em que consegui

ver todos os meus amigos de Buenos Aires em um único local, mas divididos pelas ruas que culminavam na Plaza de Maio de acordo com suas linhas ideológicas.



Poderia escrever um texto sem fim sobre a Argentina, tudo que ela foi para mim. Cada encontro, cada argentino que faz parte de mim, mas não havia tempo. Cada passo em três intensos meses. Mas a escrita da Argentina aconteceu já no momento de finalização desse texto e não consegui a dedicação necessária. Foi só uma pequena amostra do que foi, pois literalmente não consegui abandonar esse país tão especial para mim.

## *Uruguai e os sonhos que nos compõem!*

A vida vai se compondo de utopias, sonhos, vontades de entender o que fazemos aqui e como podemos seguir adiante. Desde sonhos pequenininhos até uns bem grandões. Às vezes, a dureza da vida nos faz pensar que não temos sonhos, que apenas vivemos e seguimos aguentando as desventuras do mundo. Mas no fundo, eles estão lá, banhados em energia que correm dentro de nós, talvez em nossa corrente sanguínea exista um monte de sonhos e, estes, que nos mantenham em pé, com vida.

Tive algumas situações durante essa viagem que me ajudaram a acreditar ainda mais nisso. Quiçá a história que vá lhes contar seja a que quando estou descrente, resgato e ressignifico. Acho que nos espaços formativos se pudéssemos trabalhar com sonho de cada um, mesclá-los, criarmos em cima, faríamos um caldo que despertaria qualquer corrente sanguínea para vida...Eu acho!

---

Cheguei no Uruguai sozinha, na Argentina a Luna decidiu ficar, iria para um Centro de Meditação Vipassana em construção, ajudar na construção e viajar para dentro de si. Não vou dizer que foi fácil a separação, pois seria uma mentira. Já estávamos tendo desentendimentos, que nunca chegavam a brigas, pois na realidade o que nos causava conflitos não eram as coisas práticas da vida, do cotidiano, eram justamente as mais profundas. Precisávamos viver um pouco sozinhas, mas eu morria de medo, achava que não seria capaz, que ela era o lado forte da dupla, e a mais simpática, comunicativa e corajosa de nós. Ia embora também, o sonho de viajar um tempo de bike, que tínhamos combinado de fazer no Uruguai.

Enfim, a cena de “despedida” foi meio de filme. Na verdade foram três. A primeira, quando já sabíamos da separação mas ainda faltava uns dias, faríamos um curso de meditação no meio disso, estávamos saindo de uma cidade ao norte da Argentina, chamada Andagalá na província de Catamarca, íamos descer de carona até Buenos Aires, o que eram quase 2000 quilômetros. Estávamos paradas à horas em uma encruzilhada sem nenhum sinal de vida e sem falarmos uma com a outra. Cada uma vivendo sua raiva. Ela porque achava que eu não estava sendo amiga e acolhedora com suas necessidades e decisão, além de afirmar, que estava óbvio que não dava mais para seguirmos. Eu porque achava que não ia conseguir, que ela estava

sendo egoísta e porque eu tinha clareza que emocionalmente era dependente daquela relação de apoio, tinha medo e me sentia frágil.

Um momento começamos a falar, falamos tudo uma da outra, fomos cruéis e intensas. Eu chorava no meio de uma estrada vazia no norte da Argentina sentada em minha mochila-casa ouvindo o que ressoava daquela pessoa-relação que foi meio eu por um grande tempo. No fundo, sabíamos que podíamos falar o que quiséssemos ali. Íamos continuar muitos quilômetros juntas e naquele momento parecia que nada era capaz de desfazer nosso companheirismo e amizade. No meio disso, quando já estávamos na fase da autocrítica, parou um carro, que iria seguir milhares de quilômetros na nossa rota. Ficou tudo bem. Um trajeto que parecia quase impossível iria ser cumprido quase todo de uma vez só. Rimos e seguimos!

A segunda cena foi já em Buenos Aires, no Rosedal da Recoleta, uma conversa toda baseada no amor, sentada na grama do parque e agradecendo muito uma a outra por poder ter estado junto nessa empreitada. A terceira, também de filme, foi voltando do curso de meditação, que ficava em Mercedes, uma cidade na província de Buenos Aires, no trem. Ela voltaria para Buenos Aires e depois seguiria para a caminhada espiritual e eu tinha decidido ir para em um vilarejo pelo caminho, para me aceitar sozinha de uma vez. Foi no trem, cada estação íamos pensando o que tinha sido aquele ano e como seria seguir sozinhas...só de lembrar...eu choro. Foi lindo, mas doloroso. Já tínhamos aceitado que era isso, mas parecia que ali tinha uma história que não queria se fragmentar.

---

Bom, tudo isso para dizer que entrei no Uruguai sozinha, mas que trazia um sonho nosso na mochila. Demorou muito para literalmente eu me sentir caminhando sozinha. Loucos esses encontros que realmente se entranham.

A chegada no Uruguai parecia uma prévia do Brasil. Fazer uma escala parecia natural depois da viagem ser uma metáfora da vida.

Em Montevideu tenho uma família, que não é de sangue, mas se sustenta em tanto amor e cuidado, que é família. Uma amiga que minha mãe fez na década de 70 por conta dos deslocamentos dos militares, minha mãe é filha de militar e seu namorado na época também era, a família dele veio morar no Uruguai por conta da aeronáutica e com 18 anos a Lylian veio visitar o Rio, a família e conheceu minha mãe. Depois disso, houveram muitos acontecimentos nas vidas delas e elas foram se reencontrar no final da década de 90, início de 2000. Desde então, as idas e vindas entre Rio – Floripa (onde mora o Caco – o namorado da minha mãe na época e hoje

grande amigo da família) – Montevideo se tornou constante e firmou o laço trazido de tempos antes.

Assim, cheguei em Montevideo e fui direto para casa de Lylian. Lá eu tinha um quarto, máquina de lavar roupa, comida e uma mãe. Ainda tinha irmãos, primos e uma linda avó que vinham visitar. Tirei um tempo de descanso, de organizar as coisas e ficar tranquila. Depois voltou a viagem “normal”, fazer os contatos, buscar os movimentos, os amigos dos amigos, enfim, ir colhendo histórias e experiências para entender o Uruguai. No tempo em casa o prazer maior era se sentir em família, juntar todos para um almoço, um jantar, um *assado* de domingo, o Uruguai ficava marcado pelo mate preparado com esmero em grandes cuias, as empanadas, a *pascualina* (torta de espinafre com ovos), os bons vinhos, a *cerveza Patricia*, os *biscochos* e tantas outras coisas.

Logo que cheguei expus o sonho que trazia na mochila e todos se propuseram a me ajudar, tinha os melhores ajudantes de sonhos possíveis (os amigos), mas sabia que o sonho só consegue aparecer junto ao seu sonhador, que eu que tinha que ir preparando o terreno para ele pairar...

#### **Viagem ao país dos sonhos**

Helena acudia, em carruagem, ao país onde os sonhos são sonhados. Ao seu lado, também sentada na boleia, ia a cachorrinha Pepa Lumpen. Pepa levava, debaixo do braço, uma galinha que ia atuar em seu sonho. Helena trazia um imenso baú, cheio de máscaras e trapos coloridos.

O caminho estava muito cheio de gente. Todos iam para o país dos sonhos, e faziam muita confusão e muito ruído ensaiando os sonhos que iam sonhar, e por isso Pepa ia resmungando, porque não a deixavam concentrar-se como se deve.

(GALEANO, 2010, p.43)

Diziam que eu podia esbarrar com ele na rua tal, no bairro tal, no café não sei o quê. As pessoas falavam meio brincando e eu também, mas no fundo acreditava e sonhava. Ah, diziam que fulano amigo de beltrano conhecia meu sonho.

---

Os dias por lá foram passando, já conhecia um tanto da cidade, que é pequena, tranquila e afável. Passeava pela *rambla de Pocitos*, ia tomar mate no Parque Rodo, andava, seguia caminhando desde a *Calle Florencio Sanchez*, minha moradia por lá, pela *Bulevar España* até o Centro. Passava por *Palermo*, *Barrio Sur*, *Calle Mandonado* até alcançar a *18 de Julio*, que me levava até a *Ciudad Vieja*. Montevideo é uma cidade difícil de não se sentir bem.

Pelos contatos que tinha, fiz amigos mais próximos ao governo de Mujica,

presidente na época, pertencentes do Movimento Tupamaro, fiz amigos bem críticos ao governo que pertenciam a coletivos independentes, pessoas que estavam na luta pela terra e movimentos de resistência à exploração da cana de açúcar em *Bella Unión*. O que sentia no tempo por ali é que até o ritmo dos movimentos sociais era outro. Havia atividades, muito a se lutar, mas a própria opressão era mais leviana, o país parecia viver outros níveis de desigualdade social, comparadas ao que via no Brasil e vi por outros cantos do continente. Além do tamanho do país, que era mais fácil de organizar e lidar com os problemas. Em torno de 3 milhões de habitantes em todo o país e 1 milhão em Montevideo. Onde a grande maioria tinha completado a escola e vivia de maneira simples, mas digna.

Lembro de algumas cenas que marcaram minha percepção da cidade a partir do vazio. Em 2009, quanto tive pela primeira vez em Montevideo, não sabia muito bem o que me esperava. Cheguei perto do dia 10 de janeiro, vindo de Buenos Aires e por um problema de comunicação (não era algo tão ativo como hoje) me desencontrei com a Lylian. Ela me esperava dias antes e tinha organizado uma viagem para praia de Cabo Polônio, que anos depois tornou-se meu recanto de descanso e de alegria, mas naquela época não sabia do que se tratava. Demorei mais para chegar, ela se foi e Lalá, minha *abuelita uruguaya*, ficou a minha espera.

Cheguei, conversei com Lalá e saí para dar uma volta. Nada, ninguém nas ruas, um silêncio opaco e estanque. Parei num café, me pus a escrever sobre isso e imaginei que era o acaso. No dia seguinte, saí em direção ao centro, peguei o *colectivo* 149 para *Ciudad Vieja*, caminhei por lá, me deparei com meia dúzia de turistas, todos brasileiros, vi uns artesanatos. Fui no Museu de Torres García, artista conhecido pelo quadro “*mi norte és el sur*” e fui voltando pela *18 de Julio*, pensando em parar num cinema que Lalá havia me dito que passava uns filmes alternativos. O *Cinemateca 18*.

Pensei: nada melhor do que um cinema para deixar o tempo passar bem. Entrei, subi uma escada grande e me deparei com um cinema antigo, que me fazia lembrar das idas ao cinemas da minha infância. Ia muito com a Vovó Mima, mãe da minha mãe, em Copacabana aonde ela mora. Eram uns 5 cinemas em poucas quadras, tinha o Novo Jóia, o Art Palacio, o Roxi, o Copacabana e outro que não lembro. Estar de tarde na casa da vovó era cinema na certa, sempre haveria um com horário propício para nós. Eram aqueles cinemas de bairro, que você passava, olhava para cima, lia o letreiro e ia. Antigo, com poltronas vinho, pouco confortáveis e o cheiro da mistura do mofo dos carpetes, do óleo da pipoca e de cada um que entrava. Cheiro de cinema.

Perto da minha casa também tinha alguns que marcaram minha vida, que já ia sozinha com os amigos, o Paissandu, o São Luiz e o Cinema Largo do Machado, no fundo da famosa galeria Condor. O primeiro acabou por falência (era um cinema com estilo, tinha cineclubes, podia fumar no fundo da sala), o segundo se modernizou a um nível que só ficou como referência a localização e o terceiro virou uma grande igreja neopentecostal, acho que “Igreja Universal do Reino de Deus”.

Entrei no cinema, o próximo filme começaria em alguns minutos, parecia bom. Tinha um senhor simpático que era o bilheteiro, o pipoqueiro, o lanterninha e o projetista. Conversei um pouco com ele, me perguntou de onde eu era, porque eu estava na cidade naquela época e sem entender fui respondendo. Ele olhou para o relógio. Eu lhe perguntei: “Quanto é o ingresso, quero um?”. Ele um pouco sem graça, mas carinhosamente falou: “Menina, eu estava me preparando para fechar o cinema. Não tem ninguém. Iria ter que projetar o filme só para você. Você se importaria de vir outro dia para eu poder ir para casa?” Eu sorri para ele, por dentro ri e respondi: “Claro que não. Vou indo...volto depois.”

Ali descobri que Montevidéu já é vazio normalmente, mas em janeiro não tem ninguém, literalmente. Todos estão no litoral. O país tem lindas praias e um período específico para aproveitá-las. Aprendi vivendo, não havia lido guias e nem imaginava que isso podia acontecer.

---

Assim, fiquei um pouco mais de um mês em Montevideo, de meio de março a maio de 2012, um tempo que pareceu uma eternidade pelo ritmo do lugar. Mesmo tendo família, amigos e até um namoradinho. O Santiago. Conheci ele via uma amiga do Brasil que tinha uma história amorosa com um uruguaio e ele, o Santi, era amigo do uruguaio. Todos militantes do Movimento de Liberación Nacional – Tupamaros, base social do Mujica. Ela é uma grande amiga da universidade, militante desde nascença do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, nasceu num acampamento do MST, cresceu num assentamento e viveu toda sua vida no meio da produção, da luta e da formação enquanto classe trabalhadora em movimento.

Conheceu-o num curso de Formação Política Latinoamericana que aconteceu na Escola Nacional Florestan Fernandes em Guararema no estado de São Paulo. Se apaixonaram e mantiveram esse laço latino enquanto foi possível. Antes de chegar no Uruguai eu escrevi pedindo o contato dele, ela me respondeu falando que talvez nos esbarássemos por Montevideo. Não deu outra. Umam amigas do Rio foram passar a Semana Santa comigo, fui ao aeroporto buscá-las e quando estávamos saindo,

literalmente nos esbarramos. Estavam buscando um amigo e nos deram uma carona de carro até a casa onde iríamos ficar, casa de um amigo da Gê, que estava viajando e nos emprestou. As casas ficavam a menos de uma quadra uma da outra. Aproveitamos bastante desse esbarrão, fizemos churrasco juntos, conheci Santi, eles me contaram dos processos políticos do país, e depois, já quando ela voltou, conheci cooperativas educacionais, agricultores familiares e troquei bastante com os meninos.

---

Num dia comum, saí com essa minha amiga para um dia de passeio turístico e acabei indo de encontro com meu sonho. Mas foi só um suspiro. Fomos dar uma volta pela cidade velha, naquele café que as pessoas diziam que eu podia encontrá-lo. O Café Brasileiro, um lugar aconchegante, vestígios de pequena confeitaria de outros tempos. Estava com Andrea tomando café, demoramos para identificá-lo, estava com um livro na mochila que me ajudava a sonhar, tirei uma foto com meu sonho, mas no fundo, seguia sonhando. Mas pude perceber que ele pairava mais baixo.

Voltei para casa, contei do encontrão e minha ajudante número um, Lylian, e ela me disse: “Poderás encontrar com seu sonho no Teatro Solis, ele estará lá na semana que vem. Dizem que já há muitos esperando por ele. Mas tente”. Pensei que não podia desperdiçar oportunidades.

---

No meio disso fiz duas amigas que me mostraram um movimento uruguaio que me marcou. Ceci e Matilde faziam parte de um coletivo de comunicação popular que debatia questões de gênero, ambientais e de moradia. Ceci trabalhava também junto a FUCVAM<sup>39</sup>, na organização de cooperativas de construção de moradias, um movimento que já havia se consolidado no Uruguai desde muitos anos, com apoio do *Ministerio de Vivendas Uruguayo*, através da organização popular comunitária. Com Ceci participei de reuniões de algumas Cooperativas vinculadas a FUCVAM e pude entender que esse mecanismo de construção de casa era uma saída que muitos uruguaios traçavam. Santi, meu namoradinho, estava começando a construir sua casa assim, eram formas de conseguir créditos com o governo para construção, que se dava através de um pedido coletivo e do trabalho através de mutirões para construção. Ceci e Mati iam começar a participar de uma cooperativa e eu falava de voltar para lhes ajudar. Elas tornaram-se minhas amigas, fui a shows com elas no Velódromo Municipal de Montevideo, íamos tomar cerveja, comer *faina* e *mussa* (pizza de

---

<sup>39</sup> FUCVAM - Federación Uruguaya de Cooperativas de Vivienda por Ayuda Mutua – Uruguay.

mozzarella) num bar tradicional, o *Tortuguita*, que ficava em la *Calle Mercedes* paralela a *18 de Julio*, próxima ao prédio central da Universidade da República.

---

Assim, os dias foram passando, e chegou o dia do meu encontro no Teatro Solis. Tirei o dia para sonhar. Saí logo depois do almoço, fui no café onde já havia tido o primeiro esbarrão, sentei, com tempo e calma. Escrevi uma carta para o meu sonho. Dizendo o quanto pisando em terras reais eu tinha conseguido sonhar junto a ele. Fiquei uma tarde fazendo isso. Ia e vinha. Lia e relia. No final da contas, fiz uma versão final e fui ao seu encontro.

Cheguei no Teatro algumas horas antes dele, ainda não sabia se poderia encontrá-lo. Por desistência de algum sonhador consegui entrar. A carta tive que passar de mão em mão para chegar até o seu destino, uma mesinha, nunca saberia se seria aberta. O encontro foi bobo. Escrever a carta tinha sido melhor. Fui embora, achando que a história tinha acabado. Mas estava enganada. Descobri poucas horas depois que seguia sonhando, e como...

---

Dia seguinte, acordo umas nove horas e sigo meu ritual cotidiano na linda casa com jardim no fundo que vivia. Ponho água para esquentar, corto um pedaço de pão caseiro, ponho na torradeira, vou lá fora olhar o dia, ver as plantas do jardim e dar um “oi” para Lylian e José, seu marido e meu companheiro de conversas políticas e históricas.

Como meu pão com eles, tomamos mate juntos e conversamos um pouco. Falo da ida ao Solis e das minhas impressões. Pergunto a Lylian se posso ir ao escritório olhar meus e-mails. Ela responde que sim e sigo para lá com o mate e a garrafa térmica na mão. Saio da conta dela do Hotmail e entro na minha. Enquanto isso vou abrindo o *Facebook* para ver as novidades dos amigos no Brasil e ficar fazendo aquele movimento de olhar sem ver que fazemos nesse *site*. Por fim, volto ao e-mail e não acredito, acho que estou sonhando.

Olhem o que vejo...

---

**De:** Eduardo Galeano  
**Envia** terça-feira, 17 de abril de 2012  
**da** 14:02:17  
**Para:** mpraca88@hotmail.com

*lindissima, tua carta.  
estou saindo amanha a buenos aires e as espanhas.*

*poderíamos nos encontrar antes da partida, amanhã, quarta, para compartilhar palavras e cafezinhos, as onze e meia, mais o menos.*

*topas?*

*se não é possível, fica para outra.*

*não digo adeus, digo até logo,*

*eduardo*

**De: Marina Praça 17/04/2012**

**Para: Eduardo Galeano**

*Oi Eduardo!*

*que bom que leu a carta e gostou!*

*amanha podemos nos encontrar, sim! seria incrível para mim.*

*Nos encontramos as onze e meia no cafe brasileiro?*

*tambem não digo adeus! Digo até logo!*

*marina*

**Eduardo Galeano 17/04/2012**

**Para: Marina Praça**

*mari marina: até amanhã, no cafe brasileiro.*

*abraços*

*eduardo (no brasil, dudú)*

---

Grito pela Lylian, ela vem correndo, peço para ela ver se estou sonhando. Ela lê silenciosamente o e-mail e começam a cair lágrimas. Sorri e diz: “*Chiquilina, no es sueño. Es verdad y lindo. Quiero saber que escribiste, algo con encanto, tengo certeza, tienes la carta?*”. Digo que sim, que tirei uma cópia antes de entregar. Ela sorrindo emocionada me pede para que leia a carta para ela

Montevideo, 16 de Abril de 2012

Galeano,

Como andas? escrevo em português para que possa me expressar melhor.

Creio que esta carta deve ser uma dentre as milhares que você recebe e nunca saberá se você chegará a lê-la. Mas, tudo bem. As cartas e escrivê-las me encantam de qualquer maneira.

Te conto: sou brasileira, vivo no Rio de Janeiro e ~~em~~ a mais de um ano me sinto cidadã latinoamericana. Em março de 2011 saí a viajar por nosso continente com uma amiga.

Com a vontade de conhecer e entender a realidade dessas terras (tão exóticas e distintas de nós brasileiros) através de suas cores, gentes e histórias. Buscando suas origens, lutas e movimentos.

No Rio de Janeiro estava na luta pela terra junto com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e por toda a luta por Direitos Humanos nessas terras sem direitos que é a minha.

Assim saímos... duas meninas de 23 anos buscar novos bichos para os olhos, novos sentidos para os dentes e novas ideias para lutar. E a entender o que você falava a de América Latina.

Desde os primeiros dias de viagem... por Venezuela... éramos abraçadas por seu "xisto dos abraços" a cada momento que precisávamos um pouco de poesia-histórica para seguir a caminhada e necessitávamos tanto <sup>de</sup> razão como de emoção.

Te digo que você nos acompanhou por todo esse tempo e nossos relatos-históricos são "fichotes" dos seus!

Nossa caminhada nunca teve como objetivo produzir algo acadêmico ou literário, e sim, movimentar-se vendo movimentos, coletividades, culturas, cores, sabores e imagens.

Sabendo que cada movimento gera mais movimentos e assim podíamos gerar um ~~fluxo~~ <sup>fluxo</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> uma mistura de cores, sabores...

Contêm as lindas cores da revolução Boliviana  
da Venezuela, as tistes cores da ditadura dispaçada da Colômbia,  
a mescla de cores na luta ambiental no pequeno Equador, as cores  
que ecoam gritos de resistência rebelde indígena no Peru,  
as cores inda fráveis na cocaina Bolívia, o mundo de  
diversas cores <sup>coam</sup> da luta na Argentina e as celestes cores do  
seu tranquilo país.

É quase ao fim dessa caminhada me sento feliz (por tê-la  
descoberto!) e triste (por ver sua destruição <sup>sem fim!</sup>  
a <sup>peso</sup> do desenvolvimento <sup>sem fim!</sup>)  
por ver que em pleno século XXI... no ano de 2012...  
nossa terra segue a mesma...

linda, rica em gente e cores, diversidade

injusta, violenta, desumana e  
deceitante de si mesma.

"eu... sigo utópica e caminhando... como o burinho de  
São Fernando. Um pouquinho a pé e outro pouquinho andando.  
Me reconteço nos demais, nos amigos abrigos, loucos lindos  
de justiça (...)"

Gracias por suas palavras, por sua esperança  
e por me ajudar nessa caminhada "sem fim"!

Semana passada te encontrei no Café Brasileiro (tuei  
foto contigo, pedi autógrafo e não consegui falar uma palavra!),  
hoje tentarei vê-lo na leitura no Solis e quem sabe em  
próximo encontro para trocar histórias e impressões.

Reiventemos a vida e a História!

Um forte abraço

Marina Praga

ps. contato: mpraca88@hotmail.com  
094008816

Assim, no dia seguinte fui tomar um café com Eduardo Galeano, o encontro que carregava como sonho na mochila, mas nunca imaginei que seria vivido. Assim, tão próximo do real. Tentei ligar para Luna, para trazê-la para viver junto, mas eu andava agora sonhando sozinha. Falávamos disso desde o primeiro dia na Venezuela. Alguém teria o contato dele, o e-mail, talvez ele tenha sido uma das pessoas, dos encontros, mais importantes de toda a viagem. Lemos, relemos, vimos entrevistas, conversamos sobre, sonhamos com ele e até musicamos os seus poemas-histórias quando não sabíamos mais o que fazer. Mas não precisei do e-mail dele, ele me procurou...pois sábio como és, sabe que com sonho dos outros a gente não brinca...

### **Os sonhos esquecidos**

Helena sonhou que deixava os sonhos esquecidos numa ilha. Claribel Alegria recolhia os sonhos, os amarrava com uma fita e os guardava bem guardados. Mas as crianças da casa descobriam o esconderijo e queriam vestir os sonhos de Helena, e Claribel, zangada, dizia a eles:

— Nisso ninguém mexe.

Então Claribel telefonava para Helena e perguntava:

— O que eu faço com seus sonhos?

(Galeano, 2010, p.45)

---

Consegui tirar o sonho da mochila, era um sinal que a viagem podia chegar ao fim. Acho que esperava algum sinal. Mas antes disso precisava compartilhá-lo...

**De: Marina Praça 18/04/2012**

**Para: Luna Arouca**

Lú,  
*uma história a contar...*

*"...sobre duas lindas meninas...sonhadoras, livres e apaixonadas pelo mundo e pelos seres humanos!  
Especialmente por alguns deles...os que são loucos lindos de justiça!*

*Mari Marina e Luna Lunera como hoje fomos nomeadas pelo escritor de nossos sonhos e de nossas histórias, saíram a viajar, a conhecer o mundo das contradições e das paixões humanas e...Mari Marina hoje cumpriu o sonho das andarilhas que assim como os pássaros e as crianças sempre tiveram e continuam tendo o "dom de ser poesia" ".  
A história começa como uma vontade sem fim de conhecer o escritor que lhes deu pernas para caminhar...a história continua com depois de um ano juntas, dividindo tudo, os lados lindos e obscuros do mundo e de si mesmas, as lindas meninas decidem caminhar solas por um tempo. E*

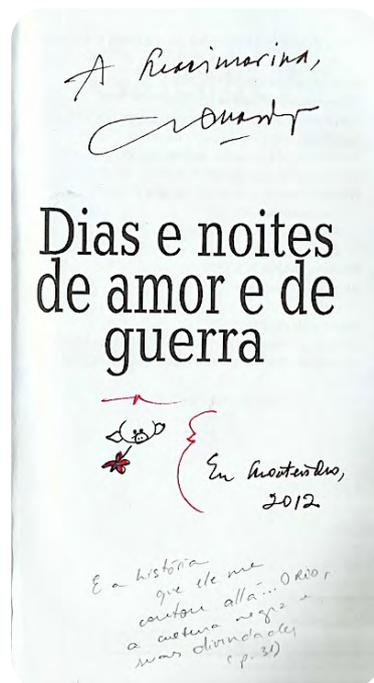
assim como o escritor, uma sabe que a outra em muitos momentos foi suas pernas e que mesmo longe, estariam juntas e uma podia ser um pouco a outra.

Assim, Mari Marina seguiu a caminhada, a ver o mundo que caminha e se movimenta e Luna Lunera parou para sentir a energia desse mesmo mundo. E chegando ao sul do nosso continente, caminhado pelas meninas...que muitos momentos são lindas mulheres corajosas, mas em outros são apenas lindas menininhas sensíveis... na cidade do tal escritor, uma delas se depara com ele, não sabe o que fazer e o deixa ir no primeiro encontro, encontra de novo e lhe dá uma carta, e na terceira oportunidade cumpre o sonho trazido na mochila. Ao receber o convite para o encontro a menina ficou louca e só pensava em sua irmã de caminhada...onde ela estaria, como avisá-la...não acreditava que isso pudesse ser verdade.

No dia, acordou cedo, separou umas histórias das meninas para lhe dar...uns escritos desses tempos, colocou um lindo vestido e com uma hora antes se foi. No caminho fazia das músicas da viagem, sua trilha sonora (Calle 13, Maria Bethânia, Drexler, Mercedes Sosa, Silvio Rodriguez) e caíam lágrimas em pensar em tudo que haviam caminhado, em cada poesia lida, em cada história do escritor musicado, em cada música que fez com que o caminho fosse mais lindo e na irmã de caminhada, cada sorriso de emoção, de cumplicidade e de maravilha que haviam trocado!

Em um momento a menina desligou a musica, respirou e sentiu a outra menina junto a si! E com 15 minutos de antecedência...sentou na praça e escreveu...

" Em meia hora me encontrarei com Eduardo Galeano, não consigo acreditar e sinto com um medo gostoso. Uma angústia no peito fruto de sonhos que são realidades. O sincrodestino, o vento e toda energia que transborda trouxeram ele a mim! Vim no ônibus escutando as músicas, pensando no que foi esse ano. Pensando que a Luna tá por perto. É louco que ela não esteja nesse momento, mas é real. Me questiono como essa viagem pode ser real e tudo e todos que passaram. Mas é REAL. Como a energia circunda, envolve e segue, como sigo eu a esse encontro. Mas, enfim, o que falar com ele? Ser real, verdadeira, eu! Contar histórias e contos. Quais histórias?



*Do motoqueiro, do juízo, dos povos no meio do nada, das conversas que emocionam, das certezas do caminhar, da beleza humana, da certeza que nós somos parte de tudo isso que nos rodeia e que nos transformando estamos movimentando o mundo a nossa volta. Da certeza que não temos nenhuma razão se não tivermos emoção e verdadeira vontade que direcione essa razão."*

*E foi! Lá chegou e o velhinho careca, com olhos azuis estava na mesa da janela, tomando um suco. Lhe deu um abraço e seguiu escrevendo nos livros que tinha para nos presentear.*

*As conversas começaram e a primeira coisa que falaram foi sobre Marina que agora era Mari Marina e onde estava sua companheira caminhante, que agora era Luna Lunera para essa linda figura que lhes emociona! Não havia dúvida que as duas estavam, o primeiro papo foi sobre espiritualidade, meditação e onde estava naquele momento a menina Luna. A conversa era sobre Vipassana, o medo que o escritor tinha que esse tipo de espiritualidade gerasse conformidade! O mesmo medo das lindas meninas em algum momento. Mari Marina pensava sorrindo por dentro "minha amiga realmente é forte, pedi para ela estar comigo e ela veio da sua forma característica, com energia que transborda, dominando a conversa, estamos nós conversando sobre o Vipassana!". E assim seguiu, um papo simples, sem grandes histórias ou contos. Um encontro rápido de uns 45 minutos em que a temática foi a espiritualidade e a importância dela(sem excesso) nas resistências. Ele falava da experiência com candomblé e umbanda no Brasil, como lhe ensinou a olhar para luta.*



*Possível de acreditar? As meninas conseguiram que uma dos principais aprendizados do ano estivesse sendo refletido e cambiado com Eduardo Galeano!*

*Em pouco tempo, após uma foto de amigos, um abraço forte...ele se despediu e falou "não esquece de mandar um beijo a Luna Lunera". A menina Marina saiu caminhando, sorrindo...Precisando contar a história das meninas para sua amiga!*

**Montevideu, 18 de Abril às 14h52...a algumas quadras do Café Brasileiro**

**Marina Praça**

## *Parte III*

*Finalizando para seguir...*

Finalizar é uma tarefa impossível. Parece que ao tentar fazer isso, meio mundo caí por cima de nós. Assim me sinto: com meio mundo nas costas e o outro meio mundo desaguando internamente. A tentativa de finalização desse texto foi assim. Dor, angústia, cobrança, idas e vindas de um processo que parecia sem fim, e é. Não consegui dar conta de tudo o que queria. Sofri com isso e fui entendendo que essa escrita-pesquisa é transitória. Ao compreender essa transitoriedade fui me ajeitando junto ao texto e aceitando colocar alguns pontos finais mesmo sem terminar.

Considero minha escrita provisória e incompleta. Faço a autocrítica de que não consegui dar conta de certas discussões. Há propostas que faço no início e que durante as narrativas da viagem não sustento. Acredito não ter conseguido não dar explicações, não ter conseguido olhar sem minhas incrustadas crenças. Em vários momentos, fiquei presa às histórias do passado, não conseguindo pensá-las no âmbito da atualização criativa que esta dissertação faz das mesmas. Assim como, em muitos momentos, me prendi aos grandes debates e não às pequenas histórias ali escondidas. Mas aprendi, no espaço que me coube na universidade, que não trabalhamos com o ideal, e sim com o possível. Contudo, algo dentro de mim que ainda busca esse ideal. O que fazer com esse algo? Ouvi-lo, tentar não ouvi-lo, ouvi-lo de novo, ir deixando lá atrás. Por fim, assumir minhas fragilidades, meus potenciais e enfrentar o que acredito ser importante.

Ao pensar no momento da autocrítica, que nesse último mês me acompanhou como um amigo fiel, acredito ter enfrentado pouco as minhas fraquezas. Ter tido pouca vontade de entrar em espaços de reflexão que não conhecia. Consegui enfrentar minhas memórias, as milhares pastas/caixas de materiais, as 12 mil fotos de viagem, os 10 caderninhos e algumas outras coisas que me pareciam difíceis de sair. Outras tantas coisas não enfrentei...

Vejo faltas na minha escrita, seja porque não adentrei certos campos, seja porque estava cansada e precisava terminar. Ou ainda porque o fazia sem tanta convicção. Ela é incompleta, assumidamente incompleta, pois eu sou assim, também. A escrita sou eu e como cada uma dessas coisas passaram por mim. Tem um pouco de tudo. Pode parecer que em alguns momentos fui distante e falei de coisas que não geravam tantas emoções, mas tinham uma importância/um papel para mim. Em algum cantinho elas precisavam existir.

Em alguns momentos posso parecer buscar verdades, certezas, mas a imprevisibilidade da viagem, do seguir caminhando estava e segue presente. Nunca parei e não paro. Às vezes, acho que a vida anda menos emocionante do que naquela

época. Mas a vida, como a viagem, tem altos e baixos, grandes aventuras e simples sorvetes na praça. Um encontro dos sonhos e milhares de pequenos sonhos em forma de encontros. Um surto de criatividade nacional ou os pequenos passinhos criativos por aí a fora. A fronteira fluvial binacional ou o rio que corre em nossos corpos. A microescola libertadora revolucionária ou a liberdade microrevolucionária presente em cada um de nós dentro das escolas. Enfim...

O mundo está sempre por fazer e eu abro as portas para quem queira fazer junto. A narrativa da viagem foi uma entrada, dentre tantas. Convidei-os para entrar em minha história, no meu texto e assim, quiçá, poderemos ir ainda mais longe. Por favor, entrem! Tragam na mochila suas histórias, sua imaginação, seu jogo preferido, conversem comigo. Quero experimentar, quero criar e espero que essa pesquisa-escrita-vida possa ser um espaço de aprendizado nosso. Que possibilite mais conversas, mais encontros, mais viagens, mais afetos. Pois ao longo das páginas anteriores aprendi, dessa forma.

Assim, o grande objetivo desse trabalho é mexer com cada um que o lê. Quem chegou até aqui poderá dizer se isso foi cumprido. Nos momentos de dúvidas, com medo de seguir adiante, passei o texto para alguns amigos. Eles apontaram erros, questões, mas todos estavam emocionados. Ali percebi que parte do trabalho estava feita, e que só faltava todo o resto, quem nem sabia ao certo o que era.

Espero, também, que possa ter gerado a sensação de querer ir além, ultrapassar as fronteiras, avançar sobre o inesperado, sobre o que dá medo. Apoiar-se nos encontros, nas redes e na beleza dos seres humanos para ter a força necessária a um andarilho cuja estrada não acaba.

Enfim, almejo que todos tenham se permitido ser mais viajantes de si mesmos depois dessa leitura. Seja viajando dentro de casa, no bairro vizinho ou do outro lado do mundo. Deparar-se com o desconhecido, com o novo, e se colocar em situações em que a mudança se faz presente.

Dame la mano  
Y vamos a darle la vuelta al mundo  
Darle la vuelta al mundo  
Darle la vuelta al mundo  
La renta, el sueldo,  
El trabajo en la oficina  
Lo cambié por las estrellas  
Y por huertos de harina  
Me escapé de la rutina  
Para pilotear mi viaje  
Por que el cubo en el que vivía

Se convirtió en paisaje  
Yo! era un objeto  
Esperando a ser ceniza  
Un día decidí  
Hacerle caso a la brisa  
A irme resbalando detrás de tu camisa  
No me convenció nadie  
Me convenció tu sonrisa

**La Vuelta Al mundo - Calle 13**

Seguimos juntos, nos amparando nesse rumbo incerto e pedregoso que há pela frente, sabendo que sempre haverá uma flor cheirosa, um riacho refrescante e uma paisagem para nos calar ao longo do caminho. Acredito que há sempre mais gente para caminhar junto...



## *Referências Bibliográficas:*

ASAMBLEA CONSTITUYENTE. **Constitución de la República del Ecuador, Montecristi, 2008**

ALVES, N. Pensar a formação de professores ou sobre mundos em redes. In: SOUZA, D; FERREIRA, R. (Orgs.). **Bacharel ou professor? O processo de reestruturação dos cursos de formação de professores no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000, p. 69-82.

BARROS, M. **Menino do Mato**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 4ª edição, 1985.

BETTO, F. **O que é Comunidade Eclesial de Base?** 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORON, A. **O socialismo no século 21: Há vida após o neoliberalismo?** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v.3.

DE OLIVEIRA, M. A favela e a utopia do direito à cidade no Rio de Janeiro. IN: **Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais**. Vol XI, no 245(34). Universidade de Barcelona, 2007.

FILÉ, V. Tentativas e tentações: batidas no terreiro da linguagem. In: Oliveira, Inês Barbosa de. **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis: FAPERJ, 2010.

\_\_\_\_\_. Os dois lados da câmera: entrevista com o documentarista Eduardo Coutinho. In: FILÉ, V. (org.) **Batuques, fragmentações e fluxos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 69-82.

GALEANO, E. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 1994

\_\_\_\_\_. **Bocas del tiempo**. 3a. ed. Montevideo: Imprenta Rosgal S/A, 2007.

\_\_\_\_\_. **O livro dos abraços**. 2ª edição. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina Bittencourt. Campinas: Papirus, 2001.

HOETMER, R. Después del fin de la historia: reflexiones sobre los movimientos sociales latinoamericanos de hoy. In: HOETMER, R.(coord.) **Repensar la política desde América Latina: cultura, estado y movimientos sociales**. Lima: Fondo Editorial de La Facultad de Ciencias Sociales (UNMSM), 2009.

- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.
- \_\_\_\_\_. O ensaio e a escritura acadêmica. Tradução: Malvina do Amaral Domeles. In: **Educação & Sociedade**, ano XXVIII, julho, 2003.
- \_\_\_\_\_. Palavras desde o limbo. In: **Revista Teias**, v.13, ano 27, p.287-98, jan/abril 2012.
- \_\_\_\_\_. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014.
- LISPECTOR, C. **Um sopro de vida (pulsações)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978
- MACHADO, L.; ALMEIDA, L. Notas sobre escrever [n]uma vida. IN: RIBETTO, A. e CALLAI, C. (orgs) **Uma Escrita Acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, no prelo, 2015.
- MÁRQUEZ, G. **Viver para contar**. São Paulo: Ed. Record, 2003.
- MELLO, T. **Mormaço na Floresta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- MORIN, E; LE MOIGNE, J. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000
- PELOSO, R. **Trabalho de base**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- PESSOA, F. Viajar. In: **Poesias**. 15ª edição. Lisboa: Ática, 1995
- PORTO-GONÇALVES, C. Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidades. In: **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, p. 25-30, jul./dez.. Editora UFPR, 2009
- QUINTANA, M. **Nova Antologia Poética**. 12ª edição. São Paulo: Globo, 2007.
- RIBETTO, A.; FILÉ, V. Da experiência à narrativa. In: PEREZ, C(org). Rio de Janeiro: UFF, no *prelo*, 2015.
- SANTOS, B.S. Dilemas de nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. In: **Currículo sem Fronteira**, v.3, n.2, pp. 5-23. Jul/Dez, 2003
- \_\_\_\_\_. Para Além do Pensamento Abissal: Das linhas globais de uma ecologia de saberes. In: **Novos Estudos**. n.79. CEBRAP. Novembro, 2007, p. 71-94.
- SARLO, B. **Viajes: De la Amazonia a las Malvinas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Seix Barrial, 2014.

SILVEIRA, L. et al. A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento. In: **Interface, Comunicação, Saúde e Educação**, v. 12, p. 873-881, 2008.

SIQUEIRA, A. Direitos humanos, Estado Plurinacional na América Latina e parcerias estratégicas internacionais. In: **Jus Navigandi**, ano 18, n. 3693, 11 ago. 2013. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/25066>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

SVAMPA, M. Movimientos Sociales, matrices socio-políticos y nuevos escenarios en América Latina. In: **One World Perspectives**. Working Papers 01 / 2010.

VON FORSTER, H. Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In: SCHNITMAN, D.F. (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 59-74